



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**



FRANCISCO GILVAN DE AZEVEDO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**JUVENTUDES DO CAMPO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E
PROTAGONISMO POLÍTICO: um estudo sobre egressos da Escola
Família Agrícola Dom Fragoso, Independência-CE.**

Amargosa – Bahia
2023

FRANCISCO GILVAN DE AZEVEDO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**JUVENTUDE DO CAMPO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E
PROTAGONISMO POLÍTICO: um estudo sobre egressos da Escola
Família Agrícola Dom Fragoso, Independência-CE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação do Campo – PPGEDUCAMPO – do curso de Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB/Centro de Formação de Professores, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação do Campo.

Orientador: Professor: Dr. Luiz Paulo de Jesus

Linha de pesquisa: Agroecologia, Trabalho, Movimentos Sociais do Campo e Educação

Amargosa - BA
2023

FRANCISCO GILVAN DE AZEVEDO

**JUVENTUDE DO CAMPO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E
PROTAGONISMO POLÍTICO: um estudo sobre egressos da Escola
Família Agrícola Dom Fragoso, Independência-CE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Campo, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), para obtenção do título de Mestre em Educação do Campo. Amargosa- BA, 30 de março de 2023.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Luiz Paulo Jesus de Oliveira
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
Orientador



Prof. Dr. Tiago Rodrigues
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
Examinador interna



Carlos Adriano da Silva Oliveira
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB
Examinador externo

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DE AMARGOSA - CFP/UFRB
Bibliotecário: André Montenegro – CRB-5ª / 1515

A994j Azevedo, Francisco Gilvan de.
Juventudes do campo, formação profissional e protagonismo político: um estudo sobre egressos da Escola Família Agrícola Dom Frágoso, Independência, CE. / Francisco Gilvan de Azevedo. – Amargosa, BA, 2023.
106 fls.; il. color.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Paulo Jesus de Oliveira.
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação do Campo) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. – UFRB – Amargosa, BA, 2023.

Bibliografia: p. 100 - 105.
Inclui Anexo.

1. Educação do Campo. 2. Educação – aspectos sociais. 3. Ensino - formação. I. Oliveira, Luiz Paulo Jesus de. II. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus que nunca me deixou desistir.

À minha família, pessoas que me acompanham nessa vida e que amo. À minha mãe, Maria das Graças de Azevedo, pelo amor, empenho, dedicação e por acreditar que na minha caminhada. Ao meu pai as minhas irmãs e irmãos. Ao meu companheiro de vida, Paulo Victor pelo incentivo e por acreditar sempre em mim.

Ao professor, Josemir Medeiros que contribuiu na elaboração do plano de trabalho submetido ao concorrer a vaga no Mestrado, sendo um grande colaborador nesta virada de chave da minha vida.

Ao professor, Luiz Paulo de Jesus, por orientar-me nesta caminhada, pela amizade, paciência, atenção e disponibilidade, onde juntos através de muitas parcerias nos desafiamos a construir novas reflexões no campo sobre o protagonismo político da juventude camponesa educanda da EFA Dom Fragoso. Certamente sem ele a conclusão desse trabalho não seria possível. E a todos as professoras e professores do Mestrado Profissional em Educação do Campo da UFRB.

Aos companheiros e companheiras da linha de pesquisa 2 – Agroecologia, Trabalho, Movimentos Sociais do Campo e Educação, pelos momentos de vividos, troca de saberes, debates e confraternizações.

Aos jovens egressos da EFA Dom Fragoso por participarem ativamente da pesquisa, sempre acreditando em nosso trabalho conjunto na construção desta investigação.

Agradeço também as agricultoras e aos Agricultores sócios do Sindicato dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares de Ipueiras, os companheiros diretores que foram compreensivos em todos os momentos que passei ausente dos trabalhos.

E aos educandos e educandas da graduação em Agroecologia, por compartilharem comigo suas experiências de vida que com certeza fortaleceram os nossos laços.

*“No sertão a vida é dura
mas é cheia de beleza
é fértil na agricultura
e de tudo tem na mesa
aqui é o berço da cultura
e no pote a água pura
tem sabor de natureza”.*

(Guibson Medeiros)

RESUMO

A educação como ferramenta alinhada à vida dos povos do campo contribui na transformação social de forma direta, a partir da sistematização dos saberes empíricos com os acadêmicos. A EFA Dom Fragoso vem contribuindo de forma direta nesta transformação e nas mudanças de modos de vida e de práticas de produção dos jovens egressos e suas famílias. A presente dissertação intitulada “JUVENTUDE DO CAMPO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E PROTAGONISMO POLÍTICO: um estudo sobre egressos da Escola Família Agrícola Dom Fragoso, Independência-CE” é o produto de final de curso de Mestrado Profissional em Educação do Campo que tem como objetivo geral compreender o papel da EFA Dom Fragoso na formação profissional dos jovens egressos do campo e suas consequências na inserção produtiva e política em comunidades rurais dos municípios localizados na região dos Inhamuns/Crateús das turmas entre 2015 e 2019. A dissertação se encontra organizada em cinco seções que trazem a introdução, apontamentos teóricos sobre juventude(s) do campo e educação, percurso e desenho metodológico da pesquisa e o que ao final a pesquisa constatou. Trata-se de um estudo de caso de caráter qualitativo e de observações diretas, tendo em vista que sou parte do processo de construção da escola. Para a obtenção dos dados foram utilizadas ferramentas como o Google Formulário, para o primeiro contato e construção do mapa dos possíveis colaboradores do trabalho. Em seguida, foi realizado contato prévio com o objetivo de verificar o interesse dos egressos em contribuir com a pesquisa, aqueles que responderam sim, foram agendadas entrevistas semiestruturadas de forma presencial e pelo *Google Meet* com 08 egressos, sendo 04 homens e 04 mulheres, no período de dezembro de 2022 a fevereiro de 2023. A partir disso, foram construídas reflexões sobre o tema proposto. Os resultados deste estudo indicam que existe uma inserção dos jovens egressos da EFA Dom Fragoso em diferentes espaços de atuação política, bem como em espaços de produção, apesar dos fatores que limitam, que vão desde a falta de terra à escassez d'água. Outro ponto em destaque é a identidade fortalecida dos sujeitos ao final do processo que permanece após a saída da escola, dentre outros pontos levantados no decorrer do texto.

Palavras Chave: Egressos; Juventude Camponesa; Educação do Campo.

ABSTRACT

Education as a tool aligned with the life of rural peoples contributes to social transformation in a direct way, from the systematization of empirical knowledge with academics. EFA Dom Fragoso has been contributing directly to this transformation and to the changes in ways of life and production practices of young graduates and their families. The present dissertation entitled "YOUTH OF THE FIELD, PROFESSIONAL QUALIFICATION AND POLITICAL PROTAGONISM: a study on graduates of the Dom Fragoso Agricultural Family School, Independência-CE" is the product of the end of the Professional Master's Degree in Rural Education that has as its general objective to understand the role of EFA Dom Fragoso in the professional qualification of young graduates of the countryside and its consequences in the productive and political insertion in rural communities of the cities located in the region of the Inhamuns/Crateús of the classes between 2015 and 2019. The dissertation is organized in five sections that bring the introduction, theoretical notes on youth (s) of the field and education, course and methodological design of the research and what at the end the research found. This is a case study of qualitative character and direct observations, considering that I am part of the process of the school's construction. To obtain the data, tools such as Google Form were used for the first contact and construction of the map of the possible work collaborators. Then, prior contact was made in order to verify the interest of the graduates in contributing to the research, those who answered yes, were scheduled semi-structured interviews in person and by *Google Meet* with 08 graduates, 04 men and 04 women, from December 2022 to February 2023. From this, reflections on the proposed theme were constructed. The results of this study indicate that there is an insertion of young graduates of EFA Dom Fragoso in different spaces of political action, as well as in spaces of production, despite the limiting factors, ranging from the lack of land to the scarcity of water. Another point in emphasis is the strengthened identity of the subjects at the end of the process that remains after leaving school, among other points raised in the course of the text.

Keywords: Graduates; Youth of the field; Rural Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Contexto social e político do Brasil nas primeiras décadas do século XXI.....	16
1.2 O ingresso no Mestrado Profissional em Educação do Campo, a linha de pesquisa e objeto de estudo.....	22
1.3 Vivências na EFA: sexualidade, masculinidade e afetividade.....	22
1.4 A relevância da temática de estudo	25
2. APONTAMENTOS TEÓRICOS SOBRE JUVENTUDE(S) DO CAMPO E EDUCAÇÃO	29
2.1 Juventudes do campo, formação profissional e protagonismo político: a contribuição das Escolas Famílias Agrícolas (EFA's)	31
2.2 O papel da EFA DOM FRAGOSO na formação sociopolítica das juventudes do campo no Estado do Ceará.....	35
2.3 As pesquisas sobre EFA DOM FRAGOSO	38
3. PERCURSO E DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA	51
3.1 O contexto da pesquisa.....	52
3.2 As etapas da realização da pesquisa de campo	54
3.3 As primeiras aproximações com os sujeitos da pesquisa: os jovens egressos..	56
4 PESQUISA: Mosaico das trajetórias e percursos dos jovens egressos da EFA Dom Fragoso.	64
4.1 Perfil dos jovens egressos da EFA Dom Fragoso	64
4.2 Trajetória de vida.....	68
4.3 Trajetória na EFA	78
4.4 Trajetória profissional e inserção no mercado de trabalho	82
4.5 Participação Política.....	87
4.6 Perspectivas de Futuro.....	90
5. CONCLUSÃO: construção coletiva de saberes para continuar no caminhando sem parar.	95
6. Referências	100

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEFAI	Associação Escola Família Agrícola de Independência
CEB's	Comunidades Eclesiais de Base
CONTAG	Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CUT	Central Única dos Trabalhadores
EFA	Escola Família Agrícola
FETRAECE	Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores/as Familiares do Estado do Ceará
IFPI	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
MSTTR	Movimento Sindical dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
ONG's	Organizações Não Governamentais
PA	Pedagogia da Alternância
PE	Plano de Estudo
PEC	Propostas de Emendas à Constituição
PJR	Pastoral da Juventude Rural
PT	Partido dos Trabalhadores
PVFC	Projeto de Vida da Família Camponesa
SISU	Sistema de Seleção Unificada
STRAAFI	Sindicato dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares de Ipueiras
SUS	Sistema Único de Saúde

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Refeitório da EFA Dom Fragosa.....	35
Figura 02 - Acolhimento no Auditório Dom Helder Câmara – Turmas 1º e 2º ano de 2021.....	36
Figura 03 - Unidade produtiva – avicultura.....	37
Figura 04 - Placas do Refeitório, Laboratório de Ciências agrárias, sala de Aula e Alojamento.....	47
Figura 05 - Mapa da Escola Família Agrícola Dom Fragoso.....	53
Figura 06 - Triangulação da Pesquisa.....	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Estado da arte (autores, temas, anos e títulos).....	38
Quadro 02 - Situações ocupacionais dos jovens egressos investigados.....	59
Quadro 03 - Cursos frequentados pelos egressos na Universidade.....	61
Quadro 04 - Perfil dos egressos.....	64
Quadro 05 - Acesso à educação dos pais dos Egressos.....	68
Quadro 06 - Acesso à educação dos Egressos do Fundamental I ao Ensino Médio...71	
Quadro 07 - Renda das Famílias segundo os Egressos.....	73
Quadro 08 - As possibilidades e limites na agricultura segundo os egressos.....	76
Quadro 09 - Inserção dos Jovens no trabalho.....	82
Quadro 10 - cursos superiores x situação acadêmica.....	92

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Idade dos jovens que responderam o questionário.....	57
Gráfico 02 – Ano que os egressos concluíram na EFA.....	58

1 INTRODUÇÃO

A região de Crateús tem sua história muito parecida com a “colonização” de todo o território do estado do Ceará, desde a concentração da terra, a criação de gado, o uso de mão-de-obra escrava, a expulsão e o genocídio dos povos originários. Por este motivo, o povo sertanejo é forjado na luta e na resistência.

Com a reorganização da Igreja Católica através do Concílio Vaticano II é criada a diocese de Crateús e instalada em 04 de agosto de 1964. Nesta data, chega ao novo território episcopal Dom Antônio Batista Fragoso, trazendo várias ideias importantes para a diocese. Com as semanas catequéticas motivadas pelo bispo, surgiram, em todo o território diocesano, as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), a criação dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STTRs) através de articulações de uma francesa amiga do bispo, sendo o de Ipueiras, o primeiro, em 05 de agosto de 1966.

A diocese de Crateús ficou conhecida rapidamente, atraindo padres, freiras e leigos de diversos lugares do país e do mundo para o desenvolvimento do trabalho pastoral com as comunidades populares a partir das orientações do Concílio Vaticano II¹, de tal forma, que o projeto de igreja dos e para os pobres começou-se a se intensificar. Aos poucos as comunidades começaram a perceber que estavam em dificuldades “não porque Deus queria”, como relata Dom Fragoso no filme intitulado “Dom Fragoso” de Francis Vale, mas era a vontade de alguém que se beneficiava com a pobreza. Com o decorrer dos anos, os povos melhoraram sua organização, conseguiram garantir através da luta direitos, que até então eram negados, como terra, crédito, água para produzir, educação etc.

Em meio às contradições da sociedade da época, surgem e se fortalecem movimentos importantes na região como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e a Federação dos Trabalhadores

¹ O Vaticano II foi um Concílio universal, mas na perspectiva dos países centrais e ricos. Aí se definiu a Igreja dentro do mundo moderno. Mas, existe um submundo de pobreza e de opressão, captado pela Igreja latino-americana. Esta deve se deslocar do centro humano para as periferias sub-humanas. Se aqui vigora opressão, sua missão deve ser de libertação. A inspiração veio das palavras do Papa João XXIII: “a Igreja é de todos, mas principalmente quer ser uma Igreja dos pobres”. [...] Para a Igreja latino-americana Povo de Deus não é uma metáfora; a grande maioria do povo é cristã e católica, logo é Povo de Deus, gemendo sob a opressão como outrora no Egito. Daí nasce a dimensão de libertação que a Igreja assume oficialmente em todos os documentos de Medellín (1968) até Aparecida (2007). Esta visão da Igreja-povo-de-Deus ensejou o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base e das pastorais sociais. (BOFF, 2012)

Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Ceará (Fetraece), através dos sindicatos existentes. Estes movimentos sociais e sindicais encabeçaram lutas importantes, sobretudo no que se refere à reforma agrária, sendo refletido na grande quantidade de assentamentos rurais na região dos Inhamuns/Crateús.

Para Diniz (2009, p.10), esses avanços:

são frutos de uma luta travada no interior da sociedade capitalista, ou seja, o seu acesso à terra não se deu através de relação de compra e venda, que são reconhecidamente as formas legítimas de apropriação territorial aqui no Brasil. Pelo contrário, a terra onde vivem e trabalham foi fruto de uma conquista. Num determinado momento de suas vidas e da história do país, reagiram ao processo de expropriação e transformaram-se em sujeitos de um movimento sindical e social, ousando desafiar um sistema, colocando a continuidade de sua existência pela concretização do ideal de conquistar a terra e de nela permanecer.

Talvez esse diferencial na ruptura com o sistema teve grande influência desta igreja que se propôs a discutir os problemas dos trabalhadores e propor medidas combativas junto com os movimentos e organizações, com o intuito de conseguir vida melhor para os sujeitos do campo. Me forjo e construo trajetórias de vida neste espaço.

Como sujeitos que sofrem interferências do meio socioeconômico e cultural, desde muito cedo somos direcionados a criar projeções do que queremos para o nosso futuro. A partir disso, somos motivados ou não a modificar a realidade em que estamos inseridos, ou simplesmente fugirmos dela. Realidade esta que não é tão difícil de ser encontrada Brasil afora.

Nasci na localidade rural de Pitombeira, localizada a 10 km da sede do município de Ipueiras, no interior do Estado do Ceará, na qual os meus três irmãos mais velhos e eu, juntamente com meus pais – ambos agricultores, e meu pai sendo o vaqueiro responsável da fazenda.

Na localidade não tinha abastecimento de energia elétrica, tínhamos apenas uma televisão que funcionada com bateria (a mesma usada em carro), que nos permitiu acompanhar alguns programas matinais, e, durante a noite, as novelas. Para que tivéssemos acesso à educação, tínhamos que nos deslocar por um percurso de cerca de 6 km até chegarmos à escola. Este percurso era feito a pé, posteriormente de bicicleta e, por último, de veículo picape D20, conhecido como “pau de arara”².

² Caminhão que transporta emigrantes do Nordeste brasileiro. "**pau-de-arara**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/pau-de-arara> [consultado em 27-02-2023].

Passados 15 anos na fazenda Pitombeira, saímos para outra fazenda na região, mas a morada ali foi de pouco tempo. Em seguida, compramos uma casa na Comunidade Santa Luzia, município de Ipueiras-CE, na qual moramos até hoje.

Desde o meu nascimento até a conclusão do ensino médio convencional da rede pública, a principal atividade desenvolvida pela família, além de cuidar dos animais, foi a agricultura de subsistência, de derrubada da vegetação nativa no período seco, preparo para queimar e posteriormente plantar, principalmente milho e feijão, onde desde muito cedo fui inserido no processo produtivo da família.

Em meio ao meu percurso de vida, tive algumas experiências que fortaleceram minha identidade de jovem camponês. A primeira foi de estudar no regime da pedagogia da alternância em uma Escola Família Agrícola (EFA), passando 12 dias na escola de forma integral e 18 dias em casa junto à família, desenvolvendo atividades e também elaborando os exercícios que sempre trazíamos na bagagem. O convívio com jovens de outras realidades e professores me possibilitaram um novo olhar sobre minha realidade. A convivência com o bioma caatinga, saber que existem outras formas de fazer agricultura no semiárido e continuar alimentando o sonho de ingressar no ensino superior.

A segunda experiência consistiu na minha participação na Pastoral da Juventude Rural (PJR)³, que corresponde a uma ação da Igreja Católica, que realiza um trabalho de fortalecimento da identidade da juventude camponesa. Para a PJR, a identidade está no assumir o serviço, com motivação no evangelho, a serviço da vida, sendo jovens presentes nos espaços juvenil, com seu olhar, animação e protagonismo. Desta forma, compreendendo-me como o sujeito que trabalha, por estar na PJR, como o sujeito a ser trabalhado, por estar na roça, e, ao mesmo tempo, um sujeito coletivo organizado (categoria social), assumindo o espaço rural como o meio específico, com sua cultura camponesa, que leva a uma opção pelos jovens camponeses empobrecidos e a um olhar roceiro nesta sociedade urbanizada. Nesta perspectiva, os jovens aprendem a reconhecer e a valorizar os potenciais produtivos de suas comunidades, trabalhando sem precisar sair de seus territórios e se

³ A Pastoral da Juventude Rural (PJR) é uma das pastorais sociais da Igreja Católica. Foi criada em 1983, no Rio Grande do Sul, com o objetivo de resistir ao êxodo rural que atingia as regiões agrícolas do país, devido à expansão das monoculturas e da mecanização das lavouras. Depois, a PJR acabou se espalhando para outros estados. (CUT BRASIL, 2008).

entenderem como agentes de transformação da realidade local ou em quaisquer outros espaços em que os mesmos estão inseridos.

E a terceira, de participar diretamente da luta através da militância no movimento sindical rural que gerou reflexões sobre o caminho no qual deveria seguir, preparando-me para a vida. A partir da participação nestes espaços, percebemos como juventude, a importância de dar continuidade aos estudos, e o ocupar a universidade torna-se meta, tendo em vista que sempre foi negado à classe trabalhadora este espaço, sendo mais “acessível” a partir das políticas de interiorização das universidades.

Em 2017, ao ser aprovado via Sistema de Seleção Unificado (SISU) para estudar no Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia no Campus Cocal/PI, tive que mudar de cidade e de estado momentaneamente. Mesmo com o a realização do tão sonhado desejo de ingressar no ensino superior, não deixei de participar das experiências e das iniciativas das juventudes em minha cidade de origem, como também busquei criar vínculos com pessoas do mesmo círculo na cidade que passei a residir. Com o ingresso no ensino superior, continuei acompanhando algumas experiências e iniciativas das juventudes, tanto na minha região de origem, como na cidade onde passara a residir.

No curso, percebi o quanto a agroecologia pode ajudar os jovens no processo de fortalecimento da identidade e do auto reconhecimento como sujeitos de transformação, já que esta ciência dialoga diretamente com as relações dos sujeitos na família e da família com o ambiente em que estão inseridos, sendo multi/trans e interdisciplinar. Ao final do curso, tentei compreender e descrever as relações dos jovens inseridos nos núcleos familiares da comunidade Frecheira de São Pedro, Cocal-PI, analisando os fatores que interferem e influenciam na decisão de ficar ou sair do território, tendo um olhar sobre o acesso à educação, à política, ao lazer e à cultura, ao trabalho e à renda.

Compreendemos que a juventude é plural e heterogênea (TROIAN & BREITENBAC, 2018, p. 793), não se restringindo a um único padrão de identidade ou socioeconômico. As juventudes muitas vezes são vistas apenas como uma fase de vida, não sendo reconhecidas como uma condição social. Na realidade do campo brasileiro, percebe-se que existem algumas peculiaridades nos processos de constituição da autonomia dos jovens persistindo alguns desafios, como a figura

paterna sendo o chefe e o senhor da família e o jovem é considerado ajudante nos afazeres da casa e da roça. Outro ponto é que poucos jovens conseguem formar novos núcleos familiares a partir da divisão da terra da família, e outra, por falta de estrutura, apoio e condições financeiras, a maioria dos sujeitos acaba migrando para os centros urbanos (TROILO & ARAÚJO, 2016, p. 149).

Nas atividades realizadas na PJR, na EFA e em outras experiências junto às juventudes do campo, percebe-se que tais realidades influenciam diretamente na vida desse segmento da sociedade. Vivenciamos na práxis⁴ os desafios enfrentados pelos jovens quanto a decisão de ficar ou sair de suas comunidades rurais.

Durante todo o processo de vivências na EFA Dom Frágoso tive a oportunidade de ouvir vários relatos de histórias de jovens que desistiram de permanecer no campo, bem como daqueles que fizeram a escolha de permanecer no meio rural, apesar de vivenciarem experiências de contradições sociais, a partir da autoavaliação sobre o contexto social em que estão inseridos e o seu modo de vida de ser camponês, com todas as negações para com eles (BARASUOL, 2016).

Ao assumir da Secretaria de Jovens Trabalhadores Rurais do Sindicato dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares de Ipueiras (STRAAFI) em agosto de 2019, se intensificou o interesse de entender a identidade e construções sociais dos sujeitos do campo com o objetivo de fortalecer a categoria de jovens camponeses, enquanto sujeitos políticos. E, por conseguinte, o interesse acadêmico e político de compreender os desafios vivenciados pelos jovens, principalmente os relacionados às condições de permanência ou não no Campo, e os conflitos nas tomadas de decisões. Por certo, essas questões dialogam diretamente com minha trajetória de vida, enquanto jovem do campo e militante sindical.

1.1 Contexto social e político do Brasil nas primeiras décadas do século XXI

Em meio à conjuntura que vivemos é importante dialogar sobre os aspectos sociais e políticos do país, sobretudo as duas primeiras décadas do século XXI. Lembro-me que em minha trajetória de vida e de minha família nunca foi fácil ser

⁴ Para Sánchez Vázquez (1980, p. 245) a práxis é “o ato ou conjunto de atos em virtude dos quais o sujeito ativo (agente) modifica uma matéria prima dada”. Para o autor os indivíduos ao se agruparem poderão provocar mudanças no sistema em que vivem.

agricultor familiar camponês neste país. Das poucas lembranças que tenho da década de noventa, minha família e as famílias da comunidade tinham grandes dificuldades financeiras, sem transportes escolares, ausência de políticas públicas para o homem e a mulher do campo de forma contínua. Em anos de secas no sertão, eram criados bolsões da seca com postos de trabalhos pagos pelo governo, que muitas das vezes eram em propriedades particulares, sendo que, ao final, as famílias não poderiam se beneficiar com as benfeitorias.

Logo na década seguinte, houve uma mudança na forma de governar o país, surgindo políticas públicas importantes para os trabalhadores, como: 1) Programa Nacional de Renda Mínima vinculado à Educação - Bolsa Escola, instituído pela Lei n. 10.219, de 11 de abril de 2001; 2) Programa Nacional de Acesso à Alimentação - PNAA, criado pela Lei n. 10.689, de 13 de junho de 2003; 3) Programa Nacional de Renda Mínima vinculada à Saúde - Bolsa Alimentação, instituído pela Medida Provisória n. 2. 206-1, de 6 de setembro de 2001; 4) Programa Auxílio-Gás, instituído pelo Decreto n. 4.102, de 24 de janeiro de 2002; 5) e do Cadastro Único do Governo Federal, instituído pelo Decreto n. 3.877, de 24 de julho de 2001. Por sua vez, o Programa Bolsa Família surge a partir da Lei federal 10.836, de 09 de janeiro de 2004 que altera a Lei 10. 689, de 13 de junho de 2003, originando a maior política de transferência de renda conhecida mundialmente. Estas importantes políticas públicas somadas ao programa 1 milhão de Cisternas, P1+2 (1 terra e 2 águas), dentre outras, foram cruciais para o desenvolvimento humano e sobretudo, das comunidades rurais do sertão.

Outro ponto importante foi a criação de novas universidades e a interiorização das mesmas que garantiram à classe trabalhadora a qualificação e a quebra de tabus de que agricultor era para cultivar a terra apenas. Com a interiorização do ensino superior houve uma superação das barreiras que até então existia. Nesta época tem-se uma crescente criação de mecanismos que melhoraram a vida dos sujeitos do campo, como o acesso à crédito e melhorias nas habitações.

Infelizmente, o país que estava em um pleno desenvolvimento que garantia a transferência de renda com políticas públicas e colocava a classe trabalhadora no orçamento estava com os dias contados, pois as forças antidemocráticas se articulavam sorrateiramente para desmobilizar os projetos e os programas sociais,

sobretudo nos anos de 2014 a 2016, no segundo mandato da presidenta Dilma Rousseff.

Com a crise estrutural do capitalismo brasileiro, que sempre foi a forma de organização do país, as forças se reorganizam buscando a retirada dos direitos então conquistados, tendo como ponta pé inicial o golpe da presidenta em 2016.

Para Sabará (2016) o *impeachment*, ou o golpe, tem dois pontos principais que levaram a retirada da presidenta:

O primeiro deles deve-se ao fato da Presidenta ter deixado transcorrer denúncias e apurações de corrupções na República, levadas a cabo na esfera federal, tanto pelo Ministério Público como pela Polícia e pela Justiça Federal, sem que tomasse medidas para estancar a onda investigativa que vinha atingindo a classe política. O segundo deveu-se ao fato de ter que carregar nos ombros o peso dos estigmas que são acoplados à imagem de militantes que combateram a ditadura civil militar, foram presos e responderam a processos militares. Especificamente, no caso da Presidenta Dilma, pesou, sobretudo o fato dela ser mulher, em uma sociedade machista como a nossa. [...] (SABARÁ, 2016, p. 37).

Como esses fatores não justificariam a destituição de uma chefe de Estado, a narrativa criada foi sobre possíveis “pedaladas fiscais” sem a autorização do Congresso Nacional. Todos os fatos demonstraram de forma clara, segundo Andes (2017, p. 6), que os “acontecimentos políticos e econômicos explicitaram o vínculo entre o Capital e o poder político, evidenciando a forma como o Estado, num modelo capitalista, é subordinado à burguesia”. O mundo inteiro percebeu que o circo de horrores do golpe de 2016 foi respaldado pelo sistema judiciário, a mídia empresarial que todos os dias respaldava o que estava acontecendo, e o parlamento que sempre representou o sistema econômico-financeiro.

Para Gama (2016), o golpe se mostrou como:

O golpe de Estado que impediu a Presidente do Brasil, Dilma Rousseff, de continuar à frente do governo, vem dando mostras de ser claramente pela privatização de direitos sociais e trabalhistas. O projeto do governo interino, chamado de *Uma Ponte para o Futuro*, não deixa quaisquer dúvidas a respeito. A desvinculação orçamentária dos recursos para Educação e Saúde, por exemplo, é a prova mais cabal e imediata de privatização da educação e de outros direitos sociais que deveriam ser garantidos pelo Estado (GAMA, 2016, p. 01).

Após o golpe, assume o Estado brasileiro como presidente o então vice-presidente, Michel Temer. Inicia-se o desmonte das políticas públicas e programas sociais, dando início ao desmonte da máquina pública com as Propostas de Emendas à Constituição (PECs), por exemplo, a PEC 55, que congelou os gastos públicos por 20 anos, sendo utilizada a justificativa de conter a crise econômica que atingia o país.

A medida vem sucateando o Sistema Único de Saúde (SUS), por decorrência da redução de verbas, dentre outros setores. A educação brasileira passa a sofrer profundos ataques, desde a tentativa de entrega da educação ao setor privado, ao corte de verbas para o financiamento público do sistema de ensino. Os órgãos que tratam do ensino e da extensão foi outro setor que foi afetado radicalmente, sobretudo nos incentivos à pesquisa e à extensão.

Dando continuidade ao processo de desmonte do estado e da construção das narrativas contra os “governos de esquerda”, sobretudo contra o Partido dos Trabalhadores (PT), em 2018, os partidos tidos como de direita brasileira conseguem eleger Jair Bolsonaro como sucessor de Michel Temer para dar continuidade ao processo de retirada de direitos até então instalado no país.

Para Pires (2019):

Depois disso, com o ativismo judicial que pôs Lula na prisão e o impedimento de sua candidatura, orquestrado de forma híbrida pela anódina Rede Globo de Televisão e seus conglomerados, por outras mídia e por partidos como o MDB, o PSDB, o DEM e outros partidos de extrema direita (inclusive o partido ‘artificial’ – PSL), com apoio da Polícia Federal, tendo à frente o juiz Sérgio Moro, personagem central do *lawfare* na trama antiética da Lava jato, assim como do STF, do Congresso Nacional, da Câmara dos Deputados e dos militares, sobe ao poder Bolsonaro (guerra ‘híbrida’). (p. 4)

Ao assumir a presidência da república em 2019, a máquina pública foi utilizada mais uma vez contra a classe trabalhadora. As comunidades do campo, das floretas e das águas que tinham vários direitos garantidos com órgãos para apoiar e para executar políticas públicas, na referida gestão ficaram à margem com o definhamento do estado brasileiro, como:

1) retrocessos nas políticas públicas de aquisição de alimentos (Programa de Aquisição de Alimentos – PAA e Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE); 2) a tentativa de acabar com a Educação do Campo, a exemplo do fenecimento do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA; 3) o retrocesso na demarcação dos territórios indígenas e quilombolas; 4) a paralisação das políticas de reforma agrária; 5) a criminalização dos movimentos sociais de luta pela terra e o enfraquecimento do movimento sindical; 6) o afrouxamento de legislações ambientais, extinção de conselhos fiscalizadores e política deliberada de liberação dos agrotóxicos; 7) a fragilização das instituições de fiscalização das empresas que praticam fraudes trabalhistas; 8) os retrocessos nos direitos trabalhistas e previdenciários que atingem em cheio os trabalhadores rurais; 9) a aprovação do PL 2.633/2020, já que a Medida Provisória 910/2019 caducou, todavia foram mantidos os fundamentos da a autodeclaração sem vistoria, procedimento lesivo às comunidades tradicionais e aos pequenos agricultores, tendo em vista que qualquer pessoa pode dizer que é dono das terras que, por exemplo, os quilombolas, posseiros, pescadores etc., usam há dezenas ou centenas de anos. (PERPETUA; HECK; THOMAZ JUNIOR, 2020, p. 227).

E é neste contexto de retrocesso social, crise e abandono que o país chega ao ano de 2022, polarizado com uma grande divisão da população, demonstrada nos resultados das eleições no primeiro e no segundo turno, onde em meio a vários candidatos à presidência da república, percebeu-se que os votos contabilizados se dividiram basicamente entre o ex-presidente Jair Bolsonaro (Partido Liberal - PL) e Luiz Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores – PT). Com a promessa de estancar os retrocessos e reorganizar a nação, o candidato que está mais à esquerda, do Partido dos Trabalhadores, venceu as eleições de 30 de outubro de 2022, voltando à presidência da república em 01 de janeiro de 2023. O mesmo tem enfrentado dificuldades, primeiramente devido às alianças que foram construídas para o presidenciável chegar ao palácio do planalto e a outra questão seria a dificuldade de governabilidade provocada pelo fatiamento dos ministérios e dos setores para os aliados políticos, deixando a máquina pública com sérias dificuldades. É nesta conjuntura que me formo como sujeito.

1. 2 O ingresso no Mestrado Profissional em Educação do Campo, a linha de pesquisa e objeto de estudo

A minha afinidade com a Educação do Campo decorre das minhas experiências educativas enquanto egresso da turma de 2015 da Escola Família Agrícola Dom Fragoso e, por estar concluindo a graduação de Tecnologia em Agroecologia do IFPI, dediquei-me à construção da proposta de concorrer uma vaga do Mestrado Profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Durante toda minha vida as adversidades que passei me fortaleceram no que tange a ver as dificuldades como um novo horizonte a ser conquistado. Não foi fácil sair de Ipueiras para estudar o curso técnico integrado em agropecuária na EFA Dom Fragoso. Primeiro porque o principal fator implicante foi a questão financeira, mas que “superei” em partes, com o apoio que recebi do STRAAFI. O outro foi a resistência inicial da família que foi superada ao longo do curso. Da mesma forma, aconteceu quando ingressei na graduação, que sai de Ipueiras para estudar em Cocal-PI. Foi um grande desafio, só permaneci no curso devido ao apoio de muitas pessoas, desde nossos professores às companheiras do refeitório do campus do IFPI. São pessoas que levo comigo e que acreditaram em mim.

No meio acadêmico sempre participei de forma ativa do que era proposto, por este motivo, durante a graduação estive na representação dos estudantes no Colegiado de Agroecologia, participei também de um grupo de pesquisas sobre juventudes, fui bolsista voluntário em um projeto sobre abelhas indígenas sem ferrão. Portanto, fui motivado a participar de vários eventos representando nossa equipe, crescendo profissionalmente no meio acadêmico.

São por estes motivos e por outros, que a linha de pesquisa de interesse ao entrar no mestrado foi a de Agroecologia, Trabalho, Movimentos Sociais e Educação do Campo, pois a mesma dialoga diretamente com minha trajetória de vida, desde o campo o qual estou inserido, bem como a escolha dos jovens rurais egressos da EFA Dom Fragoso das turmas de 2015 a 2019 como sujeitos que irão contribuir nas reflexões que serão construídas a partir da pesquisa. A escolha por trabalhar junto aos egressos se deu por conta das discussões atuais sobre a sucessão rural encampada pelo movimento sindical. E por decorrência também da aproximação das EFA's e sindicatos.

Acredito que no presente estudo seja possível compreender se existe ou não os processos de sucessão rural que podem estar ligados ao processo formativo e à participação social, entendendo que as relações entre os desafios dos jovens e as relações de permanências no campo estão diretamente relacionadas às suas histórias de vida no meio rural. A partir da educação ofertada pela EFA Dom Fragoso, associado à organização social e à produção agroecológica, se garante a auto sustentação, verificando se existe ao final do processo de formação o “caminhar com as próprias pernas” (MST, 2004a, p. 12).

Será através de aproximação e diálogos durante a aplicação do questionário já elaborado que pretendo sistematizar a trajetória de vida dos egressos do ensino médio de nível médio integrado das turmas de 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019 do curso técnico em agropecuária na pedagogia da alternância da EFA Dom Fragoso, na tentativa de compreender a inserção produtiva e política dos sujeitos no que diz respeito ao binômio ficar ou sair do campo.

1.3 Vivências na EFA: sexualidade, masculinidade e afetividade

Os sujeitos do campo vêm apostando nas escolas do campo. Neste contexto encontramos em todo o país várias experiências relevantes, em especial as EFA's como instituições de ensino para crianças e para jovens das comunidades rurais do Brasil. É importante ressaltar que as EFA's são espaços que, mesmo se apresentando como local de formação integral, não é ainda o que queremos, pois existem discussões na sociedade que, por vários motivos, as mesmas ainda sentem dificuldades de dialogar.

De início, tem-se a criação das escolas específicas para jovens homens e mulheres, separando assim, por gênero, nas primeiras instituições. Mas, com o avançar das discussões sobre educação do campo e EFA's, foram criados espaços mistos que recebem rapazes e moças de diferentes comunidades e territórios. Porém, existem gargalos a serem superados na vivência prática das escolas.

Ao observar de perto e construir diálogos com os professores e monitores das escolas é externalizada por eles a dificuldades em ter paridade de gênero nas turmas que são formadas, sempre são matriculados mais jovens homens que mulheres, onde os próprios educadores associam muito a não confiança dos pais em liberar suas filhas para passar o tempo na escola, longe dos mesmos. Além disso, as moças que vão estudar nas escolas, em sua maioria, já são envolvidas em movimentos ou os pais já têm uma concepção formada, mas que os receios permanecem.

Para Filho e Coelho (2013, p. 202):

À medida que a escola recebe tanto moças como rapazes, a preocupação com limites nas trocas afetivas e sexuais torna-se uma constante preocupação entre pais, direção e monitores. Para os agentes escolares, especificamente, torna-se um problema quando percebem que, além de monitores que ministram aulas, passam, também, a exercer o papel de vigilantes. Essa função de vigilantes é ainda maior em relação aos monitores internos que permanecem na Escola durante os quinze dias de período-escola, como é chamado o tempo de internato.

Como exposto, existe por parte da comunidade escolar algumas dificuldades específicas para trabalhar afetividade com os educandos, mas, como isso pode ser feito? Como dialogar com os jovens se os mesmos estão na fase da puberdade e do namoro? O autor Dayrell (1996, p. 14) corrobora na discussão falando que:

[...] a escola é essencialmente um espaço coletivo, de relações grupais. O pátio, os corredores, a sala de aula materializam a convivência rotineira de pessoas. No momento em que os jovens cruzam o portão gradeado, ocorre um "rito de passagem", pois passam a assumir um papel específico, diferente daquele desempenhado em casa, tanto quanto no trabalho, ou mesmo no bairro, entre amigos. Neste sentido, os comportamentos dos sujeitos, no cotidiano escolar, são informados por concepções geradas pelo diálogo entre

suas experiências, sua cultura, as demandas individuais e as expectativas com a tradição ou a cultura da escola.

Nesse sentido, se torna crucial o uso de múltiplas formas de diálogos com os sujeitos, com o objetivo de gerar responsabilidade e compromisso por parte dos estudantes de uns para com os outros. Junto a esse ponto, abordar temas pertinentes como gênero e sexualidade, ultrapassando assim, a barreira da dicotomia do que é ser homem e mulher. Para Bortolini (2011, p. 29), “pensar sobre gênero é pensar necessariamente sobre essas relações, marcadamente culturais e históricas, não negando a materialidade dos corpos, mas entendendo que esses corpos só são inteligíveis (compreensíveis)”. Ou seja, aproximar a discussão da prática tendo como base a vida dos sujeitos.

Por ser egresso da EFA Dom Fragoso, vivenciei diversas vezes como se dá a demonstração de afetos dos educandos entre si, que muitas vezes, dependendo da forma, era reprimida. Com a masculinidade ora exaltada ora reprimida, os sujeitos criam formas de demonstrarem seus sentimentos na escola, uma destas formas são as “lutinhas” que presenciei diversas vezes nos alojamentos. Para Filho e Coelho (2013, p. 208):

As demonstrações de afeto na EFA, portanto, parecem ser aceitas somente dentro de determinados contextos, como o das lutinhas, ou nas partidas de futebol, onde os afetos poderiam ser demonstrados, sem que houvesse risco de colocar a masculinidade em dúvida perante o olhar, principalmente, de outros homens, mas, também, das garotas e da direção da Escola.

Talvez pela grande carga de ouvir repetidamente que demonstração de carinho e sentimentos não podem ser feitas, se acontecer, os jovens muitas vezes são intimidados por não poder se comportar como querem, isso “dificulta a desmistificação de tabus sobre sexualidade e sobre amizade masculina” (FILHO e COELHO, 2013, p. 209).

1.4 A relevância da temática de estudo

Antes da invasão de Portugal ao território hoje chamado de Brasil, os nativos que aqui viviam livremente desenvolviam a caça, a pesca e a coleta de frutas. Após a chegada dos portugueses, tudo mudou, a terra foi aprisionada, os indígenas perseguidos, expulsos de suas terras e mortos. A mão de obra escravizada foi utilizada para produzir riqueza para a exportação para a Europa e nosso território permaneceu sendo saqueado por séculos, continuando até a atualidade.

Neste processo, tem-se uma elevada concentração de terra com as chamadas “Sesmarias”, que eram grandes extensões doadas pela coroa portuguesa a pessoas de confiança com a função de “colonizar as áreas” e fazer a colônia produzir matéria-prima. Com o passar do tempo, as sesmarias foram dissolvidas e passou a vigorar a Lei de 1850, que determina que só poderia ter terra quem tivesse dinheiro para pagar, consolidando assim, a estrutura do latifúndio.

As próprias relações do sistema do capital, que muda constantemente ao longo do tempo, provocam fortes mudanças no campo brasileiro. Conforme afirma o sociólogo Octavio Ianni (1996, p. 54), “*o desenvolvimento intensivo e extensivo do capitalismo no campo generaliza e enraíza formas de sociabilidade, instituições, padrões, valores e ideais que expressam a urbanização do mundo*”. Conseqüentemente, a população do campo, a partir de toda uma construção social fabricada e consolidada por um longo processo de negação de direitos e de políticas públicas, é provocada a um processo de negação e de aproximação do discurso desenvolvimentista resultando no processo de êxodo rural, gerando novas fronteiras agrícolas marcadas e a intensificação da concentração da terra, abrindo caminhos não só para o agronegócio, como para a atuação de grandes empresas de diversas áreas (FILHO et al., 2015).

A juventude do campo é fortemente impactada com esta nova caracterização e mudanças ocorridas no meio rural. O patriarcado se intensifica com o passar do tempo no campo, influenciando na transferência das propriedades, nas atividades agrícolas e nas formas de produção. Estes elementos contribuem “para a ampliação da migração para a cidade ou para outras áreas rurais” (CASTRO, 2009). Além deste fator, percebe-se que os projetos de vida são modificados pelas questões sociais do campo: não identidade com o trabalho rural, acesso à terra, possível desconhecimento de tecnologias de convivência com a seca, as mudanças culturais e a falta de acesso ao sistema educacional.

A categoria juventude, como já citada, é vista a partir do problema, onde tenta-se a todo o tempo criar uma ideia de que os jovens são o “futuro” do país e da nação, como se não fosse necessária sua participação nas tomadas de decisões, por exemplo, como também a negação de que os mesmos são indivíduos concretos. No campo e na cidade, as juventudes vivem seus ciclos de vida como formas distintas a partir da sua condição de gênero, raça, cor, etnia e sexualidade. No Brasil, segundo a

sistematização da Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG), a juventude é:

Somos atualmente 6,7 milhões de jovens entre 16 a 32 anos no meio rural brasileiro, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad/IBGE) de 2020 – sendo 3,4 milhões de homens e 3,3 milhões de mulheres. Entre esses quase sete milhões de jovens, 68% identificaram-se como negros e pardos (4,6 milhões no total). (CONTAG, 2022, p. 12)

E no Estado do Ceará, o número total de jovens de 16 a 32 é de 501.008, sendo 254.527 (50,8%) de jovens homens e 246.200 (49,2%) jovens mulheres (CONTAG, 2022, p. 16). A partir dos dados, tem-se uma caracterização da juventude brasileira e do Estado, mas será que a juventude do campo (de diferentes lugares) vive da mesma forma que os jovens da cidade? Os jovens do campo, assim como os da cidade, têm diferentes ocupações em atividades agrícolas e não agrícolas, participam de movimentos, construindo-se como categoria, passando a ser agentes políticos, não só como “filhos dos agricultores”.

Diante do exposto, percebe-se que as EFA's desenvolvem modelos de educação que vem valorizando os povos do campo e as organizações sociais, preconizando a participação política através dos debates, das místicas todas as manhãs, que possibilita os sujeitos fazerem reflexões sobre os espaços em que estão inseridos. Na escola convencional, diferentemente dos métodos de ensino das EFA's, existe um abismo na formação dos educadores com a realidade, onde ao chegar na sala de aula, os professores trabalham um modelo de educação descontextualizada que não trata os sujeitos do meio rural a partir das suas especificidades. Para ter pessoas no meio rural, os educadores, segundo De Aguiar (2009, p.33), “devem ensinar no campo para que seus alunos cresçam e se superem, não para abandonar o meio rural e suas causas, mas para crescer dentro desse meio e lutar por essa causa”.

E, por este motivo, os sujeitos vêm apostando nas escolas do campo, com destaque para as escolas do ensino médio no Ceará:

Atualmente o Ceará conta com 10 escolas do campo funcionado em assentamentos da Reforma Agrária: a escola João dos Santos de Oliveira, no assentamento 25 de Maio, na cidade de Madalena; a Florestan Fernandes, no assentamento Santana, em Monsenhor Tabosa; a Nazaré Flor, no assentamento Maceió, em Itapipoca; a Francisco Barros, no assentamento Lagoa do Mineiro, em Itarema; a José Fideles, no assentamento Bonfim Conceição, em Santana do Acaraú; a Francisca Pinto, no assentamento Antônio Conselheiro, em Ocara; a Patativa do Assaré, no assentamento Santana da Cal, em Canindé; a Padre José Augusto, no assentamento Pedra e Cal, em Jaguaretama; a Paulo Freire, no assentamento Salão, em Mombaça; e a mais recente conquista, a escola do Irmão Tereza, no

assentamento Nova Canaã, em Quixeramobim, que iniciará os trabalhos nas próximas semanas. (MST Ceará, 2020).

Na modalidade das EFA's já se somam 05 escolas funcionando, sendo: a EFA Dom Fragoso em Santa Cruz, em Independência, a pioneira no Estado; a EFA Chico Antônio Bié, que funciona no Assentamento Nova Esperança, em Tianguá; EFA José Maria do Tomé, que está funcionando em Olho D'água dos Currais, em Tabuleiro do Norte; a EFA Danilo Almeida, que funciona na Fazenda Normal, em Quixadá; e a EFA Padre Eliesio, que está dentro da rede estadual de ensino, localizada em Balseiros, município de Ipueiras. Estas escolas surgem a partir da necessidade de uma educação que valorizasse os sujeitos do campo.

É nesta conjuntura que surge a necessidade de compreender mais sobre quais são as contribuições da Escola Família Agrícola Dom Fragoso na formação profissional dos jovens do campo e suas consequências na inserção produtiva e política em comunidades rurais da região dos Inhamuns/Crateús. Na busca de respostas, buscou-se compreender o papel da EFA Dom Fragoso na formação profissional dos jovens egressos do campo e suas consequências na inserção produtiva e política em comunidades rurais de municípios, buscou-se utilizar como método o estudo de caso de caráter qualitativo e quantitativo para adquirir as informações necessárias.

Durante o percurso, para analisar como acontece o processo de formação cidadã e política da EFA Dom Fragoso, buscou-se construir um referencial teórico sobre a escola, ouvir pais, educadores, educandos e egressos sobre suas concepções sobre o tema. Para mapear a participação política dos jovens egressos das turmas, de 2015 a 2019, do território, inicialmente construiu-se a proposta de aplicação de um questionário no Google Formulário, identificando 37 jovens. Na segunda fase, foi construído um roteiro semiestruturado e aplicado, cujo resultado culminou em informações relevantes para a pesquisa.

2. APONTAMENTOS TEÓRICOS SOBRE JUVENTUDE(S) DO CAMPO E EDUCAÇÃO

As juventudes do campo do Brasil possuem um grande papel na sociedade e, nos últimos anos, vem se demonstrando como categoria de estudo devido aos vários paradigmas identificados ao longo da história, que podem interferir em seu desenvolvimento, como fase de desenvolvimento de sujeitos. Segundo Silva (2002):

[...] os estudos sobre juventude vêm se configurando numa importante preocupação entre pesquisadores e profissionais de várias áreas, uma vez que apontam para questões de âmbito sociocultural, educacional e econômico. No caso brasileiro, nos seus vários contextos, verificam-se os altos índices de evasão escolar, violência, gravidez precoce, desemprego, além da crescente vulnerabilidade às doenças infecto-contagiosas, drogas e suicídio entre os jovens. (p. 98)

Portanto, esses sujeitos como parte da sociedade trazem importantes reflexões para o meio social da categoria juventude, demonstrando que eles precisam de um olhar especial, pois, diferente do que se é reproduzido, os jovens não são apenas o futuro da sociedade, são sujeitos de direitos que precisam de políticas de apoio neste período de vida. Para compreendermos o termo juventude, segundo a perspectiva de Troian e Breitenbach (2018):

Juventude designa um estado transitório, uma fase da vida humana com o começo bem definido pelo aparecimento da puberdade e o término variável, mudando de acordo com critérios e pontos de vista adotados em cada sociedade para determinar se as pessoas são jovens. A transição juvenil se caracteriza como processo de socialização e atribuições de papéis específicos. (TROIAN E BREITENBACH, 2028, p. 791)

Para os respectivos autores, a juventude, enquanto fase da vida, é marcada por vários desafios que vão desde o se entender como sujeito de direito à construção de entendimento sobre o momento e as transformações fisiológicas que os mesmos passam. Para Carneiro (1998), a juventude do campo tem suas peculiaridades:

[...] a juventude rural salta aos olhos como a faixa demográfica que é afetada de maneira mais dramática por essa dinâmica de diluição das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos, combinada com o agravamento da situação de falta de perspectivas para os que vivem da agricultura. (CARNEIRO, 1998, p. 96)

Somado aos desafios, estas juventudes têm em seus processos formativos rupturas que desconectam a realidade dos espaços acadêmicos, como por exemplo, “o tempo do ensino médio, dividido em três anos no ensino propedêutico brasileiro,

parece ser acelerado, intenso e breve” (LEBOURG; COUTRIM, 2018, p. 613). O mesmo acontece com o ensino no fundamental I e II, desconectado com a realidade.

O ensino que tem como base uma educação capitalista que aborta as práticas pedagógicas que levam os educandos a não pensarem uma sociedade justa, preparando os sujeitos apenas para saírem de seus locais de origem sem uma visão crítica, visando apenas ter um emprego e ganhar um “salário” que muitas das vezes não é o desejado. Por decorrência da educação recebida, existe uma sujeição e uma aceitação aos ataques aos direitos trabalhistas, onde “o capital mostra-se perverso pela intensificação dos processos produtivos que exploram em excesso a força de trabalho” (PEREIRA; MARCOCCIA, 2019, p. 6).

Independente dos espaços que os sujeitos estão inseridos, por conta das dificuldades enfrentadas ao longo do processo formativo escolar e na inserção dos jovens no mercado de trabalho, é reforçado as desigualdades sociais (SILVA; OLIVEIRA, 2013, p. 33), onde cada vez mais tem motivado os jovens do campo a fazerem o êxodo rural. Para Pereira e Marcoccia (2019, p.06):

A busca por um emprego na cidade, com forte tendência para um trabalho não agrícola, resulta por vezes em subempregos que os exploram mais do que quando estavam no trabalho familiar. Além disso, o fato de ter um salário fixo geralmente não garante uma vida digna na cidade, precisando esses jovens de serem amparados com um complemento advindo da renda da família, uma vez que os pais aspirarem a que seus filhos tenham a possibilidade de continuar os estudos, de ter acesso aos serviços e a recursos voltados ao lazer, à cultura e à educação.

Infelizmente, estes jovens ao passarem por este processo de abandono do campo por espaços nas cidades, acabam se deparando com realidades não desejadas, onde ao mesmo tempo, muitos não conseguem sobressair das armadilhas do capital. Neste processo desgastante e doloroso de afastamento dos sujeitos de seus territórios de origem na fase de juventude, os mesmos são desafiados a prosseguir dentro do sistema e de situações encontradas nos centros urbanos, ou a retornarem aos seus locais de origem e se reconstruírem a partir da mística do território e o que o mesmo tem a oferecer.

2.1 Juventudes do campo, formação profissional e protagonismo político: a contribuição das Escolas Famílias Agrícolas (EFA's)

A educação traz para a população e para os sujeitos a garantia e a possibilidade de acessar o conhecimento, seja os empíricos ou os acadêmicos, abrindo portas e horizontes de futuro. O acesso à educação no Brasil por parte da classe trabalhadora foi lento e tardio, mesmo sendo uma importante ferramenta de fortalecimento da cidadania. Para Baptista (2005):

A educação passa a ser vista, cada vez mais, como um direito fundamental e uma responsabilidade social que os governantes de todos os países devem assumir junto a sua população, pois a escola básica, pública e gratuita continua sendo o espaço privilegiado para a aquisição de competências e habilidades fundamentais ao exercício da cidadania. Assim, o direito de cidadania não pode estar desvinculado das questões educativas, como acesso aos bens culturais adequados à construção da dignidade humana. (BAPTISTA, 2005, p. 32-33).

O processo de escolarização teve início no país principalmente na segunda metade do século XX, antes disso, a educação era restrita apenas para os “filhos dos coronéis”, e nas primeiras décadas do século XXI, houve um grande retrocesso no fechamento das escolas rurais. A partir desta visão e entendimento, as comunidades camponesas, ONGs e movimentos sociais vêm pensando formas de acesso aos conhecimentos que são negados pelo Estado brasileiro na sua totalidade.

A Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG) em seu “Plano de ação para o trabalho com a juventude rural” de 2022 apresenta um importante diagnóstico da realidade juvenil em áreas rurais no Brasil, ao afirmar que:

Somos atualmente 6,7 milhões de jovens entre 16 a 32 anos no meio rural. No entanto, de acordo com o Censo Escolar 2019, temos 55 mil escolas na zona rural brasileira. Entre 2014 e 2019 foram fechadas 12.196 escolas rurais, uma média de 2.032 escolas por ano. Esses dados reforçam o cenário preocupante que mencionamos anteriormente sobre a escolarização no meio rural: 2,5 milhões desses jovens rurais entre 16 a 32 anos possuem apenas o Ensino Médio (sendo que 1,5 milhões tem essa etapa incompleta). Esse número é maior do que o número de jovens que têm o Ensino Médio completo (2,4 milhões de jovens) E apenas 251 mil jovens rurais têm o Ensino Superior completo. Com escolarização insuficiente, esses milhões de jovens perdem as chances de expandir seus horizontes e de melhorar sua produção, suas oportunidades de comercialização, e de fomentar sonhos e ideias. (CONTAG, 2022, p. 24)

Por este e vários motivos, os povos do campo vem pensando alternativas que garantam um modelo de educação alinhada aos anseios dos sujeitos e que

respondam às necessidades com uma formação coerente e emancipadora. Um destes modelos são as Escolas Famílias Agrícolas (EFA's).

As EFA's não querem tomar pra si o papel do estado brasileiro na oferta da educação escolar, porém, é notável sua contribuição frente a demanda de escolarização e formação integral, sobretudo, através da educação do campo para a classe trabalhadora. (COSTA, 2018, p. 138)

Este modelo de educação está fundamentado em uma experiência francesa⁵ que se espalhou pelo mundo rapidamente, denominado de **Pedagogia da Alternância**⁶. A mesma é ofertada de tal forma que possibilita aos educandos a conexão da sua vida e a vida da família e da comunidade com a escola, promovendo trocas de saberes, fortalecendo vínculos, sobretudo, rediscutindo o campo e as novas ruralidades (COSTA, 2018, p. 198).

A fundamentação destas escolas está baseada no chão em que os sujeitos pisam, suas realidades, vivências, cultura e modos de vida, buscando sempre o processo de fortalecimento da identidade dos sujeitos por meio do trabalho como princípio educativo.

Nossa proposta é de uma escola que seja uma alavanca para o desenvolvimento sustentável do município e da região. Por isso deve a escola, a partir da realidade dos alunos e da comunidade onde está inserida, produzir conhecimentos com os quais os alunos, os pais, professores e toda comunidade possam construir o desenvolvimento sustentável. A escola, por conseguinte, deve agir como unidade integradora de desenvolvimento. (BAPTISTA, 2005, p. 16).

Para Caldart (2011, p. 237):

[...] uma matriz científico – tecnológica para o trabalho no campo produzida desde a lógica da agricultura camponesa sustentável, situando esta matriz no contexto mais amplo de transformações das relações sociais e do sistema hegemônico de produção. Trata-se de pensar uma educação profissional que seja parte da formação específica para o trabalho no/do campo desde uma

⁵ Em 1935, na França, por causa de um jovem camponês que não se adaptou a escola urbana, surgiu a escola camponesa denominada Masison Familiar Rurale (Casa Familiar Rural). Ela foi concebida por agricultores em parceria com o movimento sindical e setores sociais da Igreja como “escola camponesa”, com uma proposta educativa integral e integradora entre educação geral, humana e profissional, tendo por base o contexto social, político, econômico, cultural do meio rural. O sucesso da experiência ganhou dimensão mundial, constituindo-se no movimento dos Centros Familiares de Formação em Alternância – CEFFAs. O modelo é implantando no Espírito Santo, por mediação da Itália, com a denominação de Escolas Famílias Agrícolas. (BEGNAMI; HILLESHEIM; DE BURGHGRAVE, 2011, p. 2).

⁶ “Ambas as formulações nascem fora da academia ou do sistema oficial de ensino para responder problemas específicos da comunidade. Ambas floresceram dentro do contexto de intensa mobilização popular, no Brasil, na época das reformas de base, na crise do modelo desenvolvimentista e na França, impulsionados pelo movimento Sillon. Ambas apontam para a formação integral do homem que se quer novo, consciente, responsável, engajado e transformador do seu meio ambiente. Ambas afirmam que não se aprende fora da realidade e que é necessário experimentá-la, vivê-la existencialmente. A base epistemológica é o aprender fazendo e o pensar agindo. O prático e o teórico e o experiencial se articulam e se imbricam”. (MANFIO 1999, p. 52-53)

lógica de desenvolvimento cuja centralidade está no trabalho (todos devem trabalhar), na apropriação dos meios de produção pelos trabalhadores e na terra como meio de produzir vida e identidade (e não negócio).

Ou seja, o aporte dos povos é a construção de uma escola que dialogue com realidade social e cultural dos camponeses, que desperte neles o interesse de permanecer e construir conhecimento baseado nos saberes das comunidades e nos saberes científicos.

Os povos do campo, através dos movimentos sociais e sindical, ao longo dos anos captaram formas de fazer educação, surgindo várias escolas no e do campo, baseadas em metodologias específicas. As EFA's possuem em sua estrutura quatro pilares que sustentam a sua forma de trabalho baseada na vivência comunitária. Na dissertação de Mestrado de Mattos (2010), encontram-se as descrições a seguir sobre os pilares da educação do campo ofertada por estas escolas.

- 1) Existência de uma associação responsável pelas famílias;
- 2) A pedagogia da alternância integrativa entre o meio socioprofissional e centro escolar, fundamentada. Sobretudo, na experiência, como ponto de partida;
- 3) Formação integral e personalizada da pessoa, contribuindo para que o/a jovem construa sua personalidade e o seu futuro junto com a família e no meio em que vive, tendo sempre "o projeto profissional" como instrumento de inserção nesse mesmo meio. O internato e o pequeno grupo de alunos/as possibilitam um acompanhamento dentro do grupo feito pela equipe de monitores;
- 4) O desenvolvimento do meio local, através da formação de seus próprios atores e atrizes, não sendo possível, portanto, separar o desenvolvimento da formação e da atuação desses/as jovens com as suas famílias. (MATTOS, 2010, p. 161)

Os quatros pilares apresentados pela autora nos mostram uma interação e complementação dos objetivos, onde um irá ajudar o outro durante todo o processo formativo, garantindo a educação nos moldes desejados, rompendo com a educação bancária ofertada pelo Estado, indo ao encontro do termo usado por Paulo Freire ao comparar o educador como o depositante e o educando como o receptor, sem ter partilha de saberes. Nas EFA's, todos os sujeitos são importantes no processo formativo, desde a família aos educadores e a comunidade.

É importante salientar que os processos educativos das EFA's buscam interligar o currículo à prática do dia a dia dos sujeitos, através dos planos de estudos que provocam as discussões sobre interdisciplinaridades. Para Silva (2011, p. 150):

[...]. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade.

A estrutura curricular das EFA's de forma direta pode, a partir da literatura pesquisada, tentar responder os desafios dos jovens do campo tendo como base as aulas teóricas e práticas, pois gera reflexões sobre as inquietações das juventudes no que tange os processos produtivos das famílias. Outro ponto observado é o possível despertar sobre a importância do trabalho coletivo na escola e nas famílias, sobre as mudanças no mundo rural e seus desafios.

[...] a implementação de uma alternância verdadeiramente integrativa; a formação e permanência dos educadores/monitores nas EFA's; a participação das famílias na gestão e exercício do poder educativo; o financiamento e a ambiguidade do "novo rural" frente ao processo de desenvolvimento e modernização da sociedade brasileira. A alternância integrativa pressupõe um plano de formação baseado na lógica temática e não disciplinar. Os termos geradores e os planos de estudos possibilitam um itinerário metodológico que parte da realidade, passa pelo aprofundamento teórico e retorna à realidade numa perspectiva de intervenção, experimentação e transformação. A um conjunto de instrumento e atividades que possibilitam a pedagogização da alternância entre a escola e o meio. Manejar esses instrumentos requer uma abertura para o diálogo e a interlocução dos diferentes saberes, bem como para o trabalho interdisciplinar, conhecimento da pedagogia da alternância, disciplina, planejamento e um dedicado trabalho em grupo pela equipe da EFA. (NOSELLA, 2012, p. 266).

Outro aspecto a ser destacado diz respeito ao fato de que nas EFA's há uma conexão da ciência com os demais saberes, trabalhando de forma que os conhecimentos despertem nas juventudes do campo um senso crítico sobre a realidade da sociedade em que estão inseridos e possibilite aos mesmos o acesso a novas técnicas de cultivo na agricultura e criação de animais. Para Nosella (2012):

A escola sozinha não dá conta de interferir nesta realidade da agricultura familiar e dos trabalhadores rurais em geral, mas também a realidade não mudará sem uma escola diferenciada, contextualizada, que interaja continuamente com seus sujeitos e as suas organizações. Apesar de todas as dificuldades internas e externas que podem limitar a sucessão do jovem na Unidade Produtiva Familiar e sua continuidade no meio rural, a educação do campo em alternância pelas EFA's pode oportunizar aos jovens o direito de poder optar livremente por sair ou ficar no campo. (NOSELLA, 2012, p. 271).

Portanto, a educação do campo através da pedagogia da alternância, pode ser uma importante ferramenta aliada à sucessão rural, tendo em vista que os sujeitos têm uma formação integral e humanizada, já que a mesma é contextualizada com realidade comunitária possibilitando maior compreensão do território em que os mesmos estão inseridos.

2.2 O papel da EFA DOM FRAGOSO na formação sociopolítica das juventudes do campo no Estado do Ceará

A experiência das Escolas Família Agrícola (EFA) tem início no ano de 1935 na França, onde no ano de 1937, no vilarejo de Lauzun, é fundada a primeira Casa Familiar Rural (CFR), esta que contava com o apoio de trinta e nove famílias interessadas nesta educação para seus filhos. Em seu livro, Begnami (2003) afirma que:

A surpreendente história da “Maison Familiale Rurale” (MFR) é mais que uma história de educação. É uma história que envolve as problemáticas relacionadas ao universo rural, nas suas dimensões ecológicas, políticas, econômicas, sociais, profissionais, culturais. Neste sentido, a MFR é uma produção resultante de um longo e sofrido processo histórico de movimentos sociais, próprios do meio rural e de inspirações democráticas e Cristãs. (Begnami, 2003, p.21)

No Brasil, tudo começa com a chegada de Humberto Pietro Grande, um jovem sacerdote que se sensibiliza com o alto índice de pobreza na região do Estado do Espírito Santo, na cidade de Anchieta. Sua finalidade maior era ajudar os agricultores a se desenvolverem a partir dos elementos que estão no seu dia-a-dia. Em seguida, a experiência é implantada no Estado do Paraná. Com o decorrer dos anos, as escolas têm se espalhado pelo Brasil. E, segundo Silva (2020), atualmente são “145 EFAs, em 16 estados brasileiros, além de outras em implantação”.

Figura 01: Refeitório da EFA Dom Fragosa



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

No Estado do Ceará, a região pioneira a adotar o ensino a partir da metodologia adotada pelas EFAs e a PA foi a que abrange a Diocese de Crateús-Ceará, onde já existia a luta pela terra desde a chegada do Bispo da Igreja Católica, Dom Frágoso, em 1964. Durante um dos encontros promovidos pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) diocesana das áreas de conflitos e assentamentos no ano de 1997, no assentamento Floresta - Independência, os camponeses indagaram a seguinte fala, segundo Machado (2009):

Nós lutamos pela terra e muito já conquistamos, mas muita coisa continua igual ao tempo em que trabalhávamos nas terras dos outros: o jeito de fazer a agricultura é o mesmo: desmatamento, queimada..., de fazer o criatório... Nossos filhos e filhas continuam estudando em escolas que os prepara para deixar o campo e, muitos continuam migrando. Em que a CPT pode nos ajudar a mudar? (Machado, 2009, p. 2)

Uma carência das famílias de uma educação diferenciada para seus filhos e o desejo de uma escola que ajudasse a conter a migração de jovens, que ao invés de ir à procura de uma “vida melhor” nos grandes centros urbanos, ficassem na comunidade ao lado de sua família, e ali desenvolver atividades produtivas que construísse o bem viver. Este processo formativo desejado vai ao encontro da proposta educativa das EFA's através da pedagogia adotada pelas mesmas. Para Cavalcante (2012), sobre a Pedagogia da Alternância (PA):

A Pedagogia da Alternância não se limita apenas à simples transmissão dos conhecimentos, a memorização de conteúdos, se contrapondo ao método da educação bancária. Pelo contrário, a PA leva em conta as práticas do dia a dia da vida do sujeito em formação, suas experiências como um todo, com um olhar atencioso para o contexto do qual o sujeito está inserido, o que o estimula a conhecer melhor sua realidade. (CAVALCANTE, 2012, pg. 13)

Este modelo de educação na alternância permite que os jovens alternem um ciclo de tempo na escola com atividades do currículo escolar, dentre elas, as disciplinas que correspondem ao curso integrado em agropecuária e o tempo na comunidade que corresponde ao ciclo que o jovem permanece junto à família, colocando em prática os conhecimentos repassados em sala, além de realizar atividades e participar ativamente da vida da comunidade.

Figura 02: Acolhimento no Auditório Dom Helder Câmara – Turmas 1º e 2º ano de 2021



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Para dar sustentação a este modelo de educação, é feito o acompanhamento personalizado, na qual cada monitor acompanha um número x de educandos, de acordo com suas possibilidades; Plano de Estudo(PE) com caderno da realidade que é a sistematização de todas as informações do PE; visitas de estudos; e, o Projeto Profissional do Jovem que, na Escola Família Agrícola Dom Fragoso, recebe o nome de Projeto de Vida da Família Camponesa (PVFC), que é o trabalho conclusivo que o educando ao longo dos três anos do curso técnico em Agropecuária vai, juntamente com a sua família, colocando em prática, e ao mesmo tempo na escrita, visando maior garantia que a família tenha uma alimentação saudável e qualidade de vida como forma de construir o bem viver no semiárido cearense.

Figura 03: Unidade produtiva – avicultura.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

A educação das escolas do campo, em especial as EFAs, motiva maior participação dos sujeitos nos espaços de representação a nível local e regional, onde através deste dispositivo, consegue se articular com todas as instâncias da sociedade. Para Bordenave (1994):

[...] a luta pela participação social envolve ela mesma processos participatórios, isto é, atividades organizadas dos grupos com o objetivo de expressar necessidades ou demandas, defender interesses comuns, alcançar determinados objetivos econômicos, sociais ou políticos, ou influir de maneira direta nos poderes públicos. (BORDENAVE, 1994. p. 26)

É por este motivo que se acredita que a partir da luta e da organização popular ocorre a inserção dos jovens nos Movimentos sociais e nas organizações que buscam melhores condições de vida, de moradia, de acesso nas estradas, etc. Já outros sujeitos podem se engajar na produção de alimentos, gerando emprego e renda nas comunidades rurais.

2.3 As pesquisas sobre EFA DOM FRAGOSO

Durante o levantamento do estado da arte, tendo como base as produções acadêmicas referentes ao processo de ensino e aprendizagem da Escola Família Agrícola Dom Fragoso, identificamos quatro pesquisas realizadas em que aparecem resultados em trabalhos de conclusão de curso no âmbito da Pós-Graduação *Stricto Sensu* (Mestrado e Doutorado) na última década.

O levantamento foi feito nas plataformas como o Google Acadêmico, com o objetivo de encontrar os trabalhos construídos nos últimos 10 anos que trazem este recorte sobre egressos da EFA Dom Fragoso e sua experiência. Foram encontrados através das palavras chaves “EFA Dom Fragoso” e “Egressos”. Dentre os trabalhos, encontrou-se as modalidades de artigos científicos (07), dissertações (3) e Teses (3). Posteriormente, foi realizada uma análise buscando os pontos que se aproximavam da pesquisa e o que se distanciava, foi decidido analisar detalhadamente 04 trabalhos, sendo 02 dissertações de mestrado dos anos de 2017 e 2019, e 02 teses de doutorado do ano de 2019. A escolha está baseada no conteúdo dos trabalhos que, após lidos, foi percebido que existia um alinhamento com a proposta desse trabalho.

Quadro 01: Estado da arte (autores, temas, anos e títulos)

AUTOR	TEMA	ANO	INSTITUIÇÃO	OBTEÇÃO DE TÍTULO
MARIA PATRÍCIA MOURA DE LIMA	ESCOLA DO CAMPO, CURRÍCULO E PRÁTICAS AGROECOLÓGICAS: UM ESTUDO SOBRE A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA (EFA) DOM FRAGOSO	2017	UFC	MESTRE
JOSÉ MARCONE MARTINS	ESCOLA E FAMÍLIA: DA SEMENTE PLANTADA NO CHÃO DA ESCOLA AOS FRUTOS COLHIDOS NO QUINTAL DE CASA. A CONTRIBUIÇÃO DA EFA DOM FRAGOSO À LUZ DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA	2019	UFC	MESTRE
REGINA COELE QUEIROZ FRAGA	PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NA PRÁTICA EDUCATIVA DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DOM FRAGOSO NO CEARÁ	2019	UFC	DOUTOR
ROSANE DA SILVA NUNES	PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA, MÍDIA E CONSUMO NA FORMAÇÃO DE NOVOS CAMPONESES	2019	UFRN	DOUTOR

Elaboração: Autoria própria

Os documentos encontrados trazem importantes discussões e reflexões sobre a educação ofertada pela EFA Dom Fragoso e como os sujeitos sociais se comportam durante e posteriormente ao seu processo formativo.

Uma análise dos trabalhos acima listadas, Lima (2017), no início de seu trabalho, lembra as “teses” do fim do campesinato e traz para a discussão de como seria a escola segundo os autores das mesmas, onde para eles seria apenas uma cópia dos colégios da cidade e “consequência inevitável da modernização/urbanização, portanto, todo e qualquer investimento e política pública voltada para o campo seria algo desnecessário” (LIMA, 2017, p. 23). A mesma lembra também das lutas dos povos do campo para manter-se em seus territórios:

se faz relevante analisar as transformações ocorridas no mundo rural nas últimas décadas e discutir as políticas públicas destinadas a esta área para avaliar os processos de lutas e resistência dos camponeses que no Ceará tem se levantado contra o sistema capitalista e tem conquistado frações de seu território através da luta camponesa e dos movimentos sociais. (LIMA, 2017, p. 25)

O campo como lugar de vida, luta e resistência tem enfrentado grandes desafios, sobretudo porque no sistema capitalista a terra é vista apenas como uma forma de se ganhar dinheiro, ou seja, se converte em mercadoria. Para os camponeses, a conspeção de campo vai além. É por este motivo, que em todo país, em especial no Ceará, se tem criado uma grande resistência ao modelo predatório que está instalado em boa parte do Brasil. Nesse estado, assim como nos demais, a estrutura fundiária historicamente foi concentrada nas mãos de poucos. Por este motivo, surge essa necessidade de organização social para lutar não só por terra, mas

por trabalho digno e, conseqüentemente, pelo direito à educação do e no campo (LIMA, 2017, p. 25).

Mesmo com uma vasta organização dos sujeitos, com a realização das conferências nacionais por educação do campo, seminários, fóruns, constituição de grupos de estudos para aprofundar temas e métodos, bem como o direito à educação do/no campo, é observado que ainda existe uma educação, sobretudo na rede pública de ensino, que reproduz o “valorização do urbano no meio rural, já vem das escolas com livros didáticos tendenciosos, que resulta de um processo econômico, social, cultural e de políticas educacionais, que deixou no campo um rastro de preconceito e precariedade” (LIMA, 2017, p. 29).

Em contraposição a esse modelo de educação que supervaloriza o urbano de forma tendenciosa, as EFA’s surgem para responder uma necessidade de uma educação coerente com a realidade dos povos do campo. Em um primeiro momento, as escolas surgem para responder a necessidade de contrapor o capital e, em um segundo momento, as mesmas decidem se apropriar de outro campo que é a educação profissional, entendendo a capacidade de formar agricultores com conhecimentos técnicos. Por este motivo, Lima (2017) relata que:

A implantação do Curso de Educação Profissional Técnica de Nível Médio em Agropecuária pela Escola Família Agrícola Dom Fragoso se fez necessária devido à necessidade de atendimento aos anseios dos agricultores das comunidades e devido à ausência de uma educação voltada para o campo, de qualificação técnica dos trabalhadores rurais da região, além das perspectivas de integração destes, ao meio em que vivem, o semiárido, oferecendo desta forma um ensino integrado com o Ensino Médio e uma formação contextualizada para a convivência com o semiárido. (LIMA, 2017, p. 87)

O processo formativo tendo como base a pedagogia da alternância tem a missão de possibilitar aos educandos e aos egressos maior vinculação dos conhecimentos acadêmicos e científicos aos saberes tradicionais, onde os sujeitos estejam conectados aos ambientes em que estão inseridos com uma leitura de mundo a partir da educação que se teve acesso. Os tempos na escola e na comunidade são, de acordo com o que Lima (2017) transcreve:

[...] a EFA Dom Fragoso se propõe a trabalhar na perspectiva da Pedagogia da Alternância que se caracteriza por um período letivo no centro educativo alternando por um período letivo no meio sócio-profissional. Inicialmente este período de alternância era de 15 dias na escola e 15 dias na comunidade. Contudo devido às peculiaridades regionais e a questões de economia a escola optou por de 12 dias na Escola e 18 dias na Família/Comunidade. (LIMA, 2017, p. 45)

Por ser uma instituição mantida pelos pais e parceiros, a escola decidiu fazer esta escolha por entender que era necessário, e que não iria prejudicar o rendimento dos educandos. Para romper os paradigmas impostos pela educação bancária ofertada pelo estado capitalista, a educação do campo das EFA's tem vários princípios e métodos de ensino, onde o autor ressalta que:

Entretanto, no que se refere à escola do campo esta tem buscado um currículo que questione o paradigma da educação rural e as contradições do modo de produção capitalista no campo. Assim, a Educação do campo traz uma nova concepção quanto ao camponês/campo ou trabalhador rural, fortalecendo o caráter de classe nas lutas em torno da educação. Desta forma, a EFA Dom Fragoso tem buscado a partir do currículo contextualizado da escola do campo libertar os alunos destes parâmetros tradicionais de apenas descrição, a fim de superar os exercícios de memorização, tornando a escola uma fonte disseminadora de esclarecimentos que dá suporte na luta por uma sociedade mais justa e crítica. (LIMA, 2017 p. 47)

Além disso, apresenta um modelo de educação que visa superar as mazelas impostas pelos processos educativos desvinculados ao cotidiano das escolas convencionais, as EFA's visam dialogar com a realidade dos educandos durante o processo formativo, tendo como base a educação do campo, com o intuito de fortalecer a identidade, onde os mesmos consigam luta por uma vida melhor onde estiverem inseridos. É importante ressaltar que estas experiências são deixadas à margem quando se fala em apoio financeiro por parte do estado brasileiro.

Outro ponto abordado pela autora se refere às novas formas de agricultura de base agroecológica discutidas na EFA Dom Fragoso, as quais estão em consonância com os objetivos descritos por Miguel Altieri (2004, p.23), que “é trabalhar e alimentar sistemas agrícolas complexos onde as interações ecológicas e sinergismos entre os componentes biológicos criem, eles próprios, a fertilidade do solo, a produtividade e a proteção das culturas”. Portanto, é trabalhada a ideia de uma agricultura voltada para o bem-estar dos sujeitos, com cuidados permanentes com a terra “para mudarmos essa concepção da realidade precisamos da Educação, mas uma educação voltada para a solidariedade e para a cidadania, ou seja, precisamos de uma escola cidadã” (LIMA, 2017, p.61). Segundo a autora, é isto que a EFA Dom Fragoso vem fazendo ao longo do tempo.

Outra pesquisa importante que buscou compreender as contribuições da EFA para os jovens egressos foi desenvolvida por Martins (2019). O mesmo desenvolveu suas pesquisas junto às famílias de egressos residentes na localidade de Santa Luzia, distante 62 km da escola, ambas no município de Independência-CE. O caráter da

pesquisa foi um estudo de caso tendo como “referência a concepção do materialismo histórico dialético, por entender que os sujeitos nos darão caminhos de compreensão daquilo que lhes é próprio: sua identidade e vivências” (MARTINS, 2019, p. 25). Dessa forma,

As EFA's são uma dessas possibilidades pedagógicas de contextualização da educação para os povos do campo. Sua prática pedagógica permite as famílias conduzirem e serem sujeitos na vivência e convivência de si e com o meio. Neste intento trago a lume o itinerário histórico desta modalidade de ensino que articula e coaduna todos os espaços do educando/a como espaços pedagógicos (MARTINS, 2019,p. 37).

Entendendo que a educação é o processo de ensino e de aprendizagem que atua para as superações das desigualdades existentes, a mesma tem a missão de aprofundar o sentimento de corresponsabilidade dos sujeitos com o meio em que estão inseridos. Para os povos camponeses, que historicamente sofreram um profundo abandono no que tange o acesso aos conhecimentos acadêmicos, acredita-se que a educação do campo é a chave para a superação das desigualdades, além de fortalecer a identidade dos sujeitos.

Como já exposto, o campo brasileiro sempre foi deixado à margem no que se refere ao acesso à educação e às políticas públicas, mesmo a nação sendo sempre mais rural do que urbana. Para Martins (2019, p. 38), “o sucateamento das estruturas das escolas, a inadequada metodologia aplicada nelas, a desolação e a falta de formação dos profissionais da educação e, por conseguinte, a evasão escolar no meio rural são ainda maiores”. Talvez o desinteresse em estudar por parte de uma ala significativa dos jovens na atualidade ainda seja resquício dessa omissão/negação histórica.

Nasce, neste processo, formas significativas de experiências de educação, a chamada “Educação Popular” que buscou garantir acesso aos direitos básicos através da organização popular. Mas, somente nas últimas é que surge a pressão junto ao “Estado e as diversas esferas administrativas a assumir sua responsabilidade no dever de garantir escolas, profissionais, recursos e políticas educativas capazes de configura a especificidade da Educação do Campo” (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011, p. 14). Nesse sentido, concordamos com Martins ao afirmar que:

Diante dessa realidade, é urgente uma prática educacional que insira, de fato, o jovem em sua realidade, encontrando metodologias que o capacite a permanecer em seu ambiente camponês, sem perda educacional e desenvolvendo uma convivência sadia e que o estimule em seu crescimento. É preciso buscar práticas pedagógicas que façam do aluno sujeito de

transformação a partir de sua identidade como homem e mulher do campo. (MARTINS, 2019, p. 40)

E prossegue Martins (2019),

Em seu itinerário metodológico e pedagógico a EFA Dom Fragoso busca uma educação que contemple e abarque os anseios do homem e da mulher do campo. Uma experiência de escola que proporcione aos seus alternantes, desde o início, boas práticas do campo e de ir aprendendo a conhecer sua realidade na essência e a conviver com as adversidades nela existentes, encontrando meios do bem viver e de transformá-la por meio de práticas organizadas que se vão acumulando ao longo do processo. (MARTINS, 2019, p. 75-76)

Por se tratar de uma educação humanizada que lida com os sujeitos como autores de suas histórias, que fortalece os vínculos dos educandos com suas raízes camponesas, a educação do campo forma os sujeitos, os educandos e suas famílias para a vida, com “uma nova forma de ver sua inserção no meio em que vivem” (MARTINS, 2019, p. 88).

O autor aborda também sobre os fatores ambientais que as famílias que participaram da pesquisa relatam sobre o envolvimento dos egressos em discussões sobre o tema, bem como sobre as questões religiosas que “está associada aos valores éticos pautados e vivenciados na convivência de todos os ambientes comuns da escola” (MARTINS, 2019, p. 83). Na EFA Dom Fragoso existe uma vasta diversidade religiosa, mas sempre existe o diálogo e o respeito. São com essas e outras considerações que o autor conclui o texto, ressaltando que a escola “possibilitou aos educandos/as caminhos seguros de aprendizado dentro de sua realidade no campo” (MARTINS, 2019, p. 84).

Por sua vez, a pesquisa desenvolvida por Fraga (2019) objetivou acompanhar a realidade dos sujeitos egressos e membros da AEFAl⁷ da Escola Família Agrícola Dom Fragoso que está situada na comunidade Santa Cruz, município de Independência, residentes no assentamento rural Monte Alegre, no município de Tamboril, no Ceará, que possibilitou a observação da realidade dos atores sociais e de seus familiares.

A pesquisa de Fraga (2019) aborda elementos significativos sobre o tema em estudo, principalmente no que diz respeito à mudança do cotidiano dos jovens a partir das práticas pedagógicas cotidianas, sendo um processo de desconstrução de ideias

⁷ A Associação Escola Família Agrícola Dom Fragoso (AEFAI) é a entidade mantedora da Escola Família Agrícola Dom Fragoso, a mesma é constituída por pais de educandos, egressos, professores, monitores, colaboradores e pessoas afins.

e construção de novas perspectivas e entendimentos. A mesma valoriza os saberes e o modo de vida, deixando os sujeitos com mais vontade de aprender.

A rotina dos educandos durante o período em que estão na EFA é completa, preenchida com atividades desde às 06 horas da manhã, quando é tocado o sino, ao horário de descansar, às 22 horas, momento em que as luzes dos alojamentos devem ser desligadas e mantido o silêncio, podendo ser encontrados, inclusive, no refeitório os horários de cada atividade, para não sejam esquecidos. O espaço também tem um processo de auto-organização dos educandos, que na falta dos monitores estão à disposição para realizar as atividades propostas. Devido a necessidade de permanência na escola durante as sessões escolar, ou seja, os períodos em que os educandos estão no colégio, a “relação entre monitores, professores e educandos exige certo ‘parentesco afetivo’, semelhante a laços de adoção ou um parentesco civil sem consanguinidade, por implicar em adesão à vida do outro com mútua responsabilidade” (FRAGA, 2019, p. 47).

As pesquisas sobre a EFA Dom Fragoso demonstram que se trata de uma escola diferenciada das demais, mas, até que ponto? Esta diferença é em todos os aspectos? Segundo a leitura, os sujeitos se comportam como uma família uns para os outros, demonstrando afeto e respeito, sempre dispostos a ajudar uns aos outros. Durante a sistematização da sua pesquisa, a autora Fraga (2019) transcreve:

Durante o planejamento da celebração, do qual participamos, escutamos alguns comentários de monitores quanto aos pleiteantes chegarem para o primeiro ano na escola sem viverem experiências semelhantes antes e, literalmente, sofrerem com a rotina que lhes é proposta. De fato, nos três primeiros dias da Semana de Adaptação de 2014, presenciamos choro de algumas pleiteantes e, e em decorrência, cenas de discussões entre educandos e educandas que já haviam vivido seu tempo de adaptação e que recepcionavam os “novatos” com palavras concretas sobre o que significava estar na EFA Dom Fragoso. Registramos palavras de conforto, como: (1) “pode contar com a gente em suas dificuldades”, (2) “aqui nós seremos como irmãos”, (3) “eu também pensei que não conseguiria, mas já estou concluindo meu PPJ”, (4) “nós e os monitores cuidamos uns dos outros”. (FRAGA, 2019, p. 51)

Segundo o texto, estes vínculos que, durante o processo de ensino e aprendizagem, fortalecem a identidade e humanizam os sujeitos, os deixam cada vez mais ligados e fortalecem os sujeitos coletivos. Na EFA todo o processo formativo “passa necessariamente pela interferência desses laços na relação interpessoal” (FRAGA, 2019, p. 45).

Outros pontos relevantes destacados pela autora são os motivos que levam os jovens a desistirem do processo formativo da EFA. Os pontos levantados vão

desde os sentimentos gerados pelo afastamento da família durante o tempo de escola, às viagens, por serem cansativas e muitas vezes pela falta de transporte. No que se refere à convivência na EFA, “a adaptação é difícil, pois a carga horária diária de estudos é muito cansativa” (FRAGA, 2019, p. 51). Como a EFA é um espaço de corresponsabilidades, a escola acompanha os jovens de forma personalizada e busca também o acompanhamento das famílias, da comunidade, da associação, do sindicato e dos movimentos sociais para superar estas dificuldades.

Na EFA Dom Fragoso, como já exposto, existem grupos de auto-organização da escola, onde os educandos junto com a equipe de monitores e de professores são responsáveis por diversos setores como “saúde e alimentação”, “áudio e vídeo”, “líderes de alojamentos”, dentre outros. As atuações dos mesmos são definidas em reunião com o monitor responsável, mas, caso sejam dificuldades maiores, as mesmas, segundo Fraga (2019, p. 54), “são levadas para a sala de aula com vistas a resoluções coletivas ou são discutidas nas reuniões de estudantes ou de coordenação com monitores e podem se constituírem temas para os serões⁸”. E se não chegar a algum encaminhamento, a equipe discute e encaminha, podendo inclusive ser rediscutido pela diretoria da AEFAl para chegar a um encaminhamento comum.

Em outro viés de discussão, a autora lembra da organização dos trabalhadores para a luta pela terra, motivada pela igreja católica a partir da teologia da libertação. Consequentemente, nasce a CPT e o MST aqui no território, sendo fortalecidos a partir da vivência do dia a dia dos sujeitos. Em vários atos a nível de estado, a região de Crateús estava sempre mostrando a firmeza do povo do sertão. São a partir dessas lutas que a EFA é gerada. É nesta luta que surgem várias pessoas que se comprometeram em plantar a semente, como cita a autora.

Durante a entrevista realizada por nós nesta pesquisa, os precursores da EFA Dom Fragoso, Manoel Beserra Machado e Divani Siebra, deixaram claro que conheceram as ideias de Paulo Freire na convivência com Dom Fragoso e trabalhadores nos sertões dos Inhamuns e Crateús e foi com essa motivação que, no ano de 1991, realizaram viagem para a região norte do Brasil. Essa viagem era parte da busca interessada nos motivos do êxodo rural, e, em seu percurso, conhecem a experiência da Escola Família’ de Ji-Paraná, no território do Acre e de Rondônia. [...] o sacerdote revelou que, como filho do Campo, quando estudante, sentiu a discriminação que impulsiona o jovem camponês a negar suas origens e costumes e, então, decidiu ser, como sacerdote, com “a pedagogia de Jesus Cristo”, um educador popular para

⁸ Serões na EFA são espaços de aprofundamentos de discursões e temas que podem estarem relacionados as disciplinas ou não. Na EFA Dom Fragoso esses espaços acontecem todos os dias durante a sessão escolar, sendo que, cada dia é um assunto diferente para ser aprofundado, variando desde os serões musicais aos tempos de estudos. Os mesmos podem ser conduzidos por convidados externos, monitores ou os próprios educandos.

“procurar junto às pessoas o que elas pensam e qual a finalidade do conhecimento [pausa] como elas fazem sua vida a partir do seu pensamento”. Também em entrevista, Ir. Siebra afirmou que eles “queriam uma educação que era a partir da realidade dos educandos, sobretudo do campo, um tipo de escola que fazia isso e, nessa escola, se praticava a Pedagogia da Alternância” (FRAGA, 2019, p. 89).

Pensando nesta formação diferente da convencional, irmã Siebra e padre Machado dedicaram-se em toda a mobilização de agricultores, instituições, movimentos sociais e sindicais na constituição da EFA Dom Frágoso, mantendo-se até hoje. Os mesmos acreditam que a educação deve ser popular e libertadora, a exemplo do pensamento de Dom Frágoso. A vivência da escola é baseada em “um tripé pedagógico: o trabalho pedagógico da escola, a prática educativa das famílias e a participação da comunidade engajada nos movimentos e sindicatos” (FRAGA, 2019, p. 92).

A educação ofertada na EFA é baseada nas realidades dos sujeitos e na vida comunitária, sendo que a mesma norteia o processo formativo através dos Planos de Estudos (PE) desenvolvidos pelos educandos no tempo em que vivem em comunidade e, posteriormente, sistematizados e discutidos no tempo de escola, gerando novos saberes. Segundo Fraga (2019), ao relatar sua pesquisa na comunidade:

De uma forma geral, assentados e assentadas confirmaram a percepção dos monitores e valorizam a formação recebida, quando, usando o exemplo forte dos quintais produtivos, identificam a aplicação do Plano de Estudo na comunidade e valorizam o fato dos educandos trazerem informações sobre outras comunidades. (FRAGA, 2019, p. 107)

Fica claro a partir do texto transcrito que existe uma inserção induzida dos educandos nos espaços, favorecida pelo plano de estudo que gera confiabilidade nos educandos por parte dos moradores, possibilitando que as raízes camponesas sejam colocadas em evidência e de fácil percepção.

Com essas razões pedagógicas com opção política pela vida camponesa, podemos, a partir da pesquisa, confirmar a Escola do Campo como agente de uma realidade transformadora de pais e vizinhos em potenciais educandos. Essa proposta fortalece o jovem alternante como membro da comunidade e como um técnico com perfil de educador popular. Essa tese confirma, à luz da Pedagogia da Alternância, a presença do educando e da educanda como educadores em seu cotidiano residencial. Eles e elas suprem demandas insurgentes na relação entre escola e comunidade e ajuda a superar dificuldades históricas da organização coletiva e do associacionismo, importantes para as comunidades rurais que precisam organizar sua vida comunitária e produção agrícola. (FRAGA, 2019, p. 118)

Portanto, segundo a autora, a EFA Dom Fragoso e a pedagogia adotada pela mesma, tem um importante papel ao despertar uma visão crítica da realidade dos sujeitos, onde os motivam a atuarem como agentes de transformação social nos espaços em que estão inseridos, envolvidos no processo de emancipação dos sujeitos.

Na EFA Dom Fragoso os espaços como salas de aula (figura 01), cisternas, açude e outros, são lugares para homenagear pessoas ou movimentos que retratam a história da classe trabalhadora com uma intencionalidade pedagógica. Outros elementos importantes são as placas com frases de personalidades que enfeitam a escola e desperta a curiosidade de quem passa.

A identidade da EFA e de tudo que ela representa está cuidadosamente estampada no seu arredor. Nas paredes repletas de quadros com breve histórico e foto de lideranças populares, nas placas distribuídas em todo o espaço com frases de personagens da história dos movimentos sociais, na sinalização das salas e dos dormitórios que levam o nome de personalidades da luta por inclusão, na ausência de muros que delimitam separações entre a escola e o entorno. Esse último quesito, por si só, já pode sinalizar a proposta pedagógica da EFA de indissociabilidade entre teoria e prática, entre saber formal e informal, além de também promover um ambiente de segurança e liberdade. (NUNES, 2019, p. 58)

Ao longo dos três anos, os jovens aprendem um pouco da história das personalidades e dos movimentos, sejam em serões ou em sala de aula. Acredito que esta prática agrega mais conhecimento e interesses dos sujeitos que, mesmo não sabendo da história de alguma personalidade, possivelmente irão pesquisar por conta própria e com certeza irão construir saberes e reflexões importantes.

Figura 04: Placas dos Refeitório, Laboratório de Ciências agrárias, sala de Aula e Alojamento.



Fonte: Arquivo pessoal.

Os processos organizativos das EFA's são bastante parecidos no que tange o surgimento e à gestão, na sua maioria, são as Associações que fazem a gestão e os convênios para captar recursos com o Estado, municípios ou ONG's. A participação das famílias neste processo é de suma importância, pois as associações são administradas pelos pais, educadores e comunidade em geral.

Em geral, os CEFFAs são unidades de ensino geridas e mantidas por associações locais, presididas por pais ou responsáveis. No entanto, a maioria dos centros fazem convênios com prefeituras ou governos estaduais para viabilizar a manutenção das escolas, posto que o gasto é alto com alimentação e hospedagem dos educandos. É o caso da EFA Dom Fragoso, que tem convênio de repasse e cessão de pessoal com secretarias de educação do estado e da prefeitura do município de Independência, onde está localizada a escola. O restante das despesas é custeado parte por doações de instituições e cidadãos simpatizantes da educação do campo, outra parte com contribuição dos pais de educandos. (NUNES, 2019, p. 68)

Na EFA Dom Fragoso foram firmados convênios com o governo do Estado do Ceará, que possibilitam a remuneração de alguns professores/monitores; com a prefeitura de Tamboril/CE para remuneração de um monitor; e com o Instituto Centro de Ensino Tecnológico (Centec) que assegura a remuneração de um professor técnico (Engenheiro Agrônomo). Além disso, o transporte escolar é cedido pela prefeitura de Independência/CE. As famílias contribuem com 1% do salário mínimo mensal para a associação, uma contribuição específica para a alimentação durante as sessões

escolares, uma galinha por ano e uma partilha anual (podendo ser milho, feijão ou em dinheiro).

Fazendo uma análise com maior distanciamento do processo formativo que passei na EFA, percebo que existe um diferencial na personalidade dos jovens antes de irem para a escola, por exemplo, na primeira sessão na escola, saem de suas comunidades tímidos, sem muitas perspectivas de futuro, querendo apenas novos conhecimentos. Após a sessão, no retorno para a comunidade, é perceptível que em 12 dias na escola os jovens chegam em suas casas com maior interesse no que diz respeito à participação social e na produção. Recentemente, três jovens Ipueiras ingressaram na EFA Dom Fragoso e é perceptível a diferença no entrosamento, desenvoltura na fala e no interesse com os temas da agropecuária.

O sentimento de pertencer ao local muda a visão do jovem sobre si mesmo e parece-me conferir autoestima e valorização do seu lugar. Construída a base política e cultural do campesinato, a escola passa a focar em questões técnicas no segundo ano, incentivando o educando a conhecer as práticas de agropecuária de sua comunidade e interagir com elas no sentido de aprimorá-las a partir do que aprende no curso, sem desprezar o saber dos mais antigos agricultores. (NUNES, 2019, p. 74)

Pode ser um reflexo do compromisso dos sujeitos ou a forma de trabalho da escola, a valorização dos saberes acumulados dos jovens e da comunidade interligada aos saberes acadêmicos que devem ser colocados a serviço das comunidades, sobretudo aquelas que tem sérios problemas no que se refere ao desenvolvimento comunitário.

Cumprindo seu papel e responsabilidade social, a Pedagogia da Alternância (PA) se mantém fortalecida por trabalhar de forma integral, formando não só para o mercado de trabalho, como as escolas convencionais, mas trabalhando a formação humana e integral, com compromisso de formar sujeitos comprometidos com os espaços em que estão inseridos. Para Nunes (2019):

As escolas de alternância do campo procuram elevar o trabalho à categoria formativa integral da pessoa, buscando a conciliar novas tecnologias agropecuárias e antigos manejos, praticados pelos pais dos estudantes. Na EFA Dom Fragoso, essa integração é concretizada nas unidades produtivas instaladas pelos alunos em parceria com suas famílias, base da elaboração do Projeto de Vida da Família Camponesa (PVFC), como é denominado o trabalho de conclusão do curso de técnico em agropecuária. (NUNES, 2019, p. 190)

Com a integração dos conhecimentos acadêmicos aos empíricos, os educandos conseguem de forma mais rápida a materialização através da prática, mesmo com a grande perda de saberes provocados pela urbanização do campo

agravada, sobretudo após a revolução verde do agronegócio do sistema capitalista, que tem expropriado a terra e expulsado cada vez mais os sujeitos do campo. Durante a sua pesquisa, Nunes (2019) constata que existe uma afinidade dos jovens com a realidade urbana, mas isso não desqualifica, “pois a identidade camponesa desses jovens não é rígida, há outras questões que a compõem e que precisam ser consideradas” (p. 206).

Ao observar as falas dos sujeitos, foi percebido pela autora que eles têm percepções sobre diversos temas e que a educação ofertada pela EFA leva em consideração as peculiaridades e os espaços em que estão inseridos. Para Nunes (2019), ao concluir sua pesquisa:

Concluo com essa ênfase por considerar a democratização dos meios de comunicação tão importante quando a reforma agrária, pois se a construção de sentidos, as identidades descentradas, fragmentadas, segmentadas, múltiplas, complexas, estão totalmente inseridas dentro das teias midiáticas, é preciso que delas façam parte a educação do campo e dos movimentos sociais. Para tanto, é necessário ter a gestão de canais de comunicação, a fim de se contrapor aos oligopólios midiáticos cujo interesse é padronizar culturas. Estou, em última instância, falando de autonomia, porque campesinato e democratização de meios são, em essência, propostas de autonomia. (NUNES, 2019, p. 207)

Percebe-se que a partir dos trabalhos observados os sujeitos têm uma educação que é pensada na formação integral, possibilitando amplos debates e a busca pela concretização de pautas importantes para o campo. O texto mostra que é preciso pensar o campo como espaço de vida e democratização da terra, bem como educação, trabalho, lazer, saúde, comunicação, internet e acesso nas estradas.

No presente capítulo realizamos a construção dos apontamentos teóricos sobre as Juventudes do campo, formação profissional e protagonismo político, trazendo para a discussão a relevância da pedagogia da alternância para a educação do campo, as intenções pedagógicas dos espaços da EFA Dom Fragoso e o levantamento do estado da arte com quatro trabalhos que tecem importantes reflexões sobre o modelo de educação adotado pela instituição. No próximo capítulo será demonstrada a metodologia da pesquisa, bem como construiremos reflexões sobre o levantamento realizado junto aos egressos das turmas de 2015 a 2019.

3. PERCURSO E DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Compreendendo que a metodologia são todos os procedimentos de estudo que norteiam todo o processo em que o pesquisador desenvolve o caminho a ser percorrido, onde pode-se utilizar de diversas estratégias para compreender a realidade de maneira comprometida com as populações locais, a modalidade de abordagem para obtenção das informações será o estudo de caso que, para Gil (2002, p. 54), “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”. Este método consiste na observação e sistematização de uma realidade específica, através de entrevistas com os sujeitos, analisando suas falas de maneira qualitativa, buscando assim, maior compreensão da realidade concreta. E o caráter da pesquisa é qualitativa que, para Minayo (2012 p. 626), é “tornar possível a objetivação de um tipo de conhecimento que tem como matéria prima opiniões, crenças, valores, representações, relações e ações humanas e sociais sob a perspectiva dos atores em intersubjetividade”.

A pesquisa tentou construir um mosaico que contemplasse a heterogeneidade de possibilidades que houve na inserção política, bem como a atuação política dos jovens nos espaços em que estão inseridos. Por se tratar de uma pesquisa que tem caráter qualitativo com amplos mecanismos de coleta de informações, mas, sobretudo com questionário aberto, para Turato (2003, p. 25-26):

[...] trabalhar qualitativamente implica, por definição, entender/interpretar os sentidos e as significações que uma pessoa dá aos fenômenos em foco, por meio de técnicas de observação ampla e entrevistas em profundidade (instrumentos necessários e suficientes) em que são valorizados o contato pessoal e os elementos do *setting* natural do sujeito.

Esta flexibilidade possibilita construções e abordagens para a composição da pesquisa qualitativa e contribui diretamente nas formas de interpretações e tabulação dos dados coletados durante a pesquisa, desde o levantamento de referencial teórico à construção do material final. Ao realizar a pesquisa através do estudo de caso, são construídas possibilidades de aprofundamento para entender as contribuições da EFA na vida dos egressos.

Neste sentido, a presente pesquisa tem como participantes os jovens do campo egressos do Curso Técnico em Agropecuária da EFA Dom Fragoso, localizado no município de Independência – CE, residentes nas comunidades rurais de diferentes

municípios da região dos Inhamuns/Crateús-CE. É importante destacar que a pesquisa tem caráter qualitativo, baseando-se na oralidade, onde pretende-se revelar dados empíricos, coletados de forma sistemática. Foi observado, além da realidade do jovem, o grupo social em que esses indivíduos estão inseridos, selecionando casos significativos de 08 jovens egressos que estão no campo, e outros que estão atuando em áreas profissionais diferentes, que tem um pertencimento ético (indígenas), os jovens que saíram para estudar e os que fizeram o êxodo rural e estão trabalhando em outros postos de trabalho. Ao final da aplicação das entrevistas, obtivemos um material de áudio cuja somatória total é de 264 minutos e 05 segundos, aproximadamente 4 horas e 40 segundos. Ao final da transcrição obtivemos um documento no Word com 49 páginas.

3.1 O contexto da pesquisa

A região dos Inhamuns/Crateús está encravada no sertão oeste do Ceará. Por conta da atuação da igreja católica e suas pastorais, a história do território é marcada por lutas pela terra, por água e por políticas públicas. Desde a instalação da Diocese de Crateús em 1964 e a chegada de Dom Frágoso no mesmo ano, os trabalhos pastorais foram direcionados ao processo formativo dos povos, surgindo assim, um movimento Sindical fortalecido, bem como a criação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Pastoral da Juventude Rural (PJR), dentre outros.

Por ser um território rico e com uma grande diversidade genética promovida pela variação de povos que chegaram à região desde o século XV, as raízes das culturas se entrelaçaram formando um espaço plural, mas com as características de todos os sujeitos que formaram este povo. Tem-se como patrimônios imateriais a tradição oral, as danças, a música, a literatura, a gastronomia, o artesanato, e material as construções de vários períodos, como igrejas, casas e prédios. Conservam-se também as festas juninas com as comidas típicas e forró pé de serra, vaquejadas, etc. A religião predominante é a católica, com suas festas de padroeiros que acontecem nas sedes dos municípios e comunidades, sendo a mais conhecida da região a do distrito de Marrecas – Tauá, que existe há mais de 300 anos de tradição. Em seguida, as igrejas cristãs evangélicas com suas várias denominações.

A economia da região gira em torno da agricultura de sequeiro, a agricultura em área úmida, a agricultura irrigada, a fruticultura e a horticultura por conta de a região ter uma variedade de áreas que proporciona esses tratos culturais, com suas serras, açudes, quintais produtivos, etc. Na pecuária se destaca a criação de bovinos, ovinocaprinocultura, apicultura, avicultura e suinocultura caipira. Na agricultura se destaca a cajucultura, oleaginosas para produção de biocombustíveis, algodão, milho, feijão e mais uma variedade de produtos na lavoura, dispondo, ainda, de Bancos de Sementes e de uma boa diversidade de artesanato. Vale destacar que na região existe uma grande concentração da terra. É neste contexto em que o objeto de pesquisa está inserido.

A Escola Família Agrícola Dom Fragoso está situada na comunidade Santa Cruz, zona rural a 16 km do município de Independência - CE, na qual tem seu acesso por carroçável que liga a sede de Independência à localidade de Várzea da Cacimba. Ela nasce a partir da necessidade de uma formação coerente com a realidade que respondesse às necessidades dos camponeses da região dos Inhamuns/Crateús. Após várias articulações, a EFA Dom Fragoso inicia seus trabalhos no ano de 2002 com o ensino fundamental II e no ano de 2008 começa a trabalhar com educandos do ensino médio, permanecendo até a atualidade.

Figura 05: Mapa da Escola Família Agrícola Dom Fragoso



Fonte: Arquivo da Escola, 2022.

3.2 As etapas da realização da pesquisa de campo

A realização da referida pesquisa de campo foi organizada em quatro etapas, que de forma objetiva tentou sistematizar as informações coletadas sobre o tema abordado e construir o presente trabalho.

No primeiro momento, no segundo período de 2021, nos meses de agosto a dezembro, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre os temas: juventudes, gênero, questões rurais, agroecologia, sucessão rural e participação social dos jovens. A partir das informações obtidas na pesquisa bibliográfica, o estudo do Projeto Político Pedagógica da EFA Dom Fragoso e as eventuais conversas com as famílias/jovens, lideranças comunitárias, monitores e professores, de forma remota através de redes sociais ou presencial, pensou-se que a melhor forma de obter as informações necessárias, tendo em vista o momento de pandemia que ainda estávamos passando, seria através de um questionário para aplicação via Google formulário.

A partir de uma articulação junto à escola, conseguimos identificar um total de 89 jovens que concluíram na EFA Dom Fragoso, entre os anos de 2015 e 2019. Devido à pandemia provocada pela Covid-19 (Sars-CoV-2), os primeiros contatos com os jovens egressos foram realizados através de plataformas virtuais, principalmente pelos aplicativos do WhatsApp e Facebook.

No segundo semestre de 2021, foi adotada a estratégia de usar um questionário de identificação da realidade dos jovens egressos na plataforma virtual Google Formulário, buscando identificar os dados com as seguintes perguntas: nome; idade; contato; ano que o jovem concluiu EFA; comunidade/município de origem; continua na comunidade? Se a resposta for não, onde você reside atualmente?; Você trabalha? Se sim, em que?; Fez ou faz faculdade? Se sim, qual? Já concluiu?; Participa de alguma organização social?; Quais as atividades desenvolvidas em seu PVFC?; A família continua com o PVFC?. O questionário foi disponibilizado no grupo do WhatsApp dos egressos da EFA e conversas no particular, bem como no Facebook. Obtivemos o retorno de 37 egressos, que responderam o questionário.

A terceira etapa foi destinada à continuidade da pesquisa de campo, a partir dos contatos estabelecidos com os jovens egressos, conversas pontuais para coleta de informações via plataformas virtuais. Nesse sentido, foram realizadas entrevistas

individuais a partir de um roteiro com perguntas semiestruturadas, sempre de forma que possibilite o diálogo dos sujeitos sobre suas vivências, pois, como ilustrado por Bourdieu (2006, p. 6), “os sentimentos não são temas sobre os quais o camponês fica à vontade para falar”.

Nesta fase da pesquisa, foi realizada a entrevista levando em consideração: Dados pessoais; Trajetória de vida; Trajetória na EFA; Trajetória Profissional e Inserção no Mercado de Trabalho; Participação Política; e, Futuro. Ao ser finalizado o roteiro de entrevista, entramos em contato com os possíveis participantes via WhatsApp, tendo como base a lista de jovens que responderam o primeiro questionário no Google Formulário. Foi estabelecido contato com 12 egressos das turmas, contudo, obtivemos o retorno de 08 egressos que aceitaram colaborar com a nossa pesquisa, sendo: 01 jovem indígena, que está na comunidade e ocupa a função de educador na escola da aldeia, da turma de 2015; 01 jovem egresso, que está residindo em outra região do estado exercendo outra atividade não-agrícola, da turma de 2015; 01 jovem que está no ensino superior de Agroecologia no IFPI em outro estado, da turma de 2016; 01 jovem que está no curso de Zootecnia no IFCE em Crateús, egressa da turma de 2015; 01 jovem egresso que está diretamente atuando na militância do MST, da turma de 2016; 01 jovem egresso que mora na comunidade de origem e atualmente trabalha em um colégio, da turma de 2018; 01 jovem egresso que mora na comunidade de origem e faz o curso de Agroecologia na alternância, da turma de 2018, na UFRPE; e, 01 jovem egresso que mora na comunidade de origem, trabalha com a família na agropecuária e em uma empresa de ATER, da turma de 2019.

As pesquisas foram agendadas com antecedência, das 08 conversas realizadas, 07 foram pela plataforma Google Meet e 01 de forma presencial. As entrevistas foram realizadas no período de dezembro de 2022 a fevereiro de 2023. Com a autorização dos participantes, as entrevistas foram gravadas e devidamente transcritas.

Na última etapa da pesquisa de campo realizamos a análise e sistematização dos dados a partir das informações coletadas através do questionário online, aplicado na primeira etapa, e das entrevistas realizadas com os jovens egressos.

A triangulação dos dados foi realizada através da análise de documentos e de materiais que retratam a realidade de jovens egressos de EFA's, dissertações, teses

e referencial teórico, bem como os dados sistematizados de forma qualitativa e quantitativa das entrevistas que foram direcionadas por um roteiro semiestruturado e, a pesquisa participante, devido à minha participação direta na construção do processo histórico da EFA Dom Fragoso, as visitas, as conversas com monitores, com professores, com egressos e com os próprios educandos atuais.

Figura 06: Triangulação da Pesquisa



Elaborado pelo autor, 2023.

Neste processo de sistematização de dados, por diversas vezes na construção das reflexões, precisei me distanciar e me aproximar dos conceitos e até mesmo dos jovens egressos, pois tive convívio direto com parte significativa dos participantes.

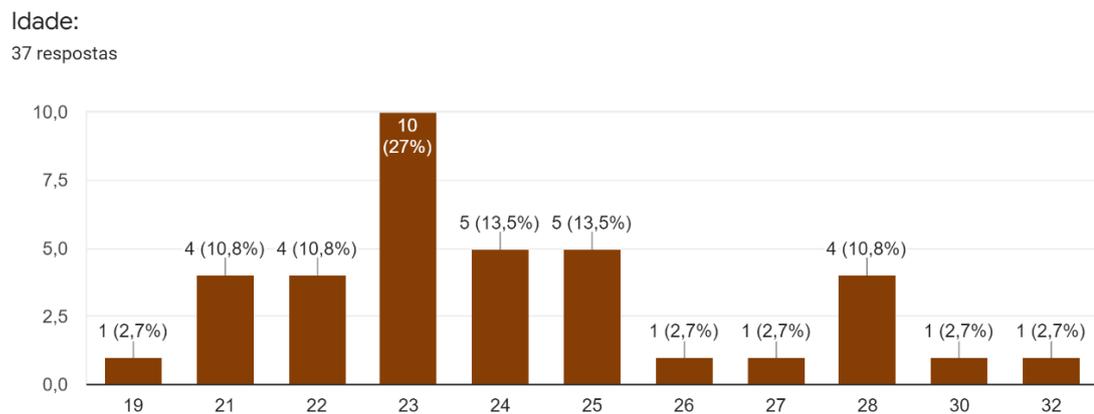
3. 3 As primeiras aproximações com os sujeitos da pesquisa: os jovens egressos

Após definido os rumos da pesquisa, que seriam com os jovens egressos da EFA Dom Fragoso das turmas de 2015 a 2019, foram montadas estratégias que trouxessem informações iniciais do perfil dos sujeitos, em maior número possível. Foi então, elaborado um questionário no Google formulário, e em seguida, feito contato

com o maior número de egressos possível, no segundo semestre de 2021, de 01 de setembro a 31 de dezembro do referente ano.

Identificamos um total de 89 jovens egressos da EFA Dom Fragoso que se enquadravam no perfil desejado para responder o questionário. A partir dos contatos feitos, obtivemos a resposta de 37 jovens com faixa etária de 19 e 32 anos, que se disponibilizaram a responder as perguntas como jovens egressos da EFA Dom Fragoso.

Gráfico 01 – Idade dos jovens que responderam o questionário.



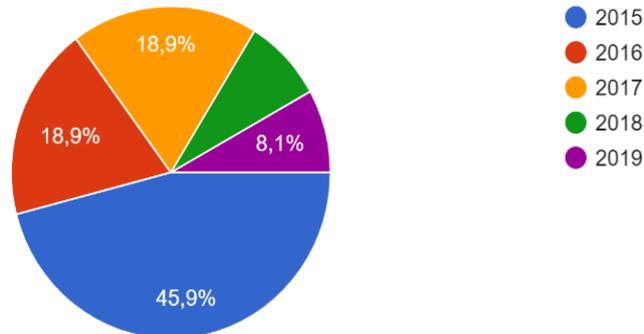
Elaboração: Autoria própria

Delimitou-se esta faixa etária de idade para jovens camponeses, não confrontando a lei 12. 852 que considera “jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade” (BRASIL, 2013). Mas, por entender que o campo é plural, seguiu-se o entendimento do movimento sindical que defende que a faixa etária da juventude camponesa do Brasil se estende aos 32 anos, e no campo, nas últimas décadas teve um aumento considerável da expectativa de vida (CONTAG, 2009).

O gráfico a seguir, apresenta a distribuição dos jovens que responderam ao questionário online conforme o ano de conclusão, sendo 45% da turma de 2015; 18,9% da turma de 2016; da turma de 2017 e de 2018, um total de 18,9%; e, 14,2% do ano de 2019.

Gráfico 02 – Ano que os egressos concluíram na EFA

Ano que concluiu na EFA Dom Fragoso:
37 respostas



Elaboração: Autoria própria

Os jovens egressos são oriundos de diferentes municípios do estado do Ceará, não se limitando a apenas uma região. São jovens de comunidades rurais, filhos de assentados(as), indígenas e quilombolas. Ao serem indagados sobre se residem ou não ainda na comunidade de origem, um total de 45,9% dos egressos estão residindo no mesmo lugar, ou seja, não fizeram a migração de sua comunidade para outro território e 54,1% dos egressos alegam que saíram devido a vários fatores, sendo mais comum por conta dos estudos, já que na maioria das vezes, nas comunidades e nas cidades pequenas, não se tem universidade pública, sem falar nos cursos desejados pelos jovens egressos. Outro motivo são os trabalhos em outros setores não agrícolas e também aqueles que já se casaram e mudaram de localidade ou município.

Foi constatado que dos 37 egressos, 08 continuam exercendo de forma direta as atividades junto às suas famílias e comunidade, e 29 dos egressos estão em diferentes situações ocupacionais, com exceção de 01 egresso que está diretamente atuando na militância do MST, e 01 egresso como agente de ATER, mas que continua desenvolvendo as atividades na propriedade. Os postos de trabalho mais decorrentes são as bolsas que tem validade de dois anos na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (EMATERCE) ou em empresas privadas de assessoria técnica.

Quadro 02: Situações ocupacionais dos jovens egressos investigados

Quant. de Educandos	Turma de egresso	Idade	Sexo	Localização	Situações ocupacionais
01	2015	25	M	Crateús-CE	Técnico em Telecomunicações e Técnico em Informática.
01	2016	23	M	Cocal-PI	Residência Profissional, AgroFNordeste, também pelo IFPI Campus Cocal, atuando na área com os pecuaristas da Associação dos produtores de leite bovino.
01	2015	23	M	Mons. Taboosa-CE	Instituto para Desenvolvimento da Economia Familiar (ATER)
01	2015	23	M	Independência-CE	Casa de Veterinária
01	2015	25	M	Fortaleza-CE	Distribuidora de Alimentos
01	2016	27	M	Quixeramobim-CE	Fábrica
01	2017	21	M	Rio de Janeiro-RJ	Porteiro de condomínio
01	2017	21	M	Quixeramobim-CE	Trabalho com assistência técnica e extensão rural e no programa Terra Brasil
01	2019	26	M	Independência-CE	Bolsistas de uma residência agrícola pelo IFCE campus sobral
01	2016	22	F	Crateús-CE	Técnica Agrícola da Ematerce
01	2016	32	M	Canindé-CE	Técnica Agrícola da Ematerce
01	2017	22	F	Ipueiras-CE	Agente Administrativo
01	2016	25	F	Quixeramobim-CE	Militante do MST Ceará atualmente na Brigada Antônio Conselheiro
01	2015	28	M	Crateús-CE	Cáritas diocesana
01	2017	21	F	Independência-CE	Jovem Mobilizadora
01	2015	28	M	Mons. Tabosa-CE	ATER nas Aldeias Indígenas do povo Tabajara
01	2018	25	M	Quixeramobim-CE	Empresa de calçados
01	2018	24	F	Mons. Tabosa-CE	Monitora em uma escola

01	2018	28	M	Forquilha-CE	Agente de microcrédito urbano no Instituto Nordeste Cidadania (INEC)
01	2016	30	M	Independência-CE	Trabalho com gráfica rápida e músico autônomo
01	2015	22	M	Tauá-CE	Assessor Técnico de Suporte a Políticas Públicas, PM-TAUA
01	2015	24	F	Nova Russas-CE	Professora
01	2015	24	M	Caucaia-CE	Construção civil
01	2015	23	M	Boa Viagem –CE	Agente de microcrédito rural (Agroamigo)
01	2016	25	M	Aracoiaba-CE	Secretário escolar
01	2017	21	M	Tamboril-CE	Assessor Técnico do Programa de Aquisição de Alimentos – PAA
01	2015	24	M	Independência-CE	Agente rural na Ematerce e na propriedade.
01	2015	22	M	Mons. Tabosa-CE	Professor Indígena
01	2015	24	F	Crateús-CE	Autônoma

Elaboração: autoria própria

Alguns egressos que estão na universidade hoje, estão participando na condição de bolsistas em importantes projetos como o AgrolFNordeste⁹ e na EMATERCE¹⁰, que podem contribuir na construção e sistematização de conhecimentos, aproximando o acadêmico da prática no dia a dia. Vale ressaltar que em conversas informais, percebe-se que os jovens que estão na educação como educadores estão em suas comunidades ou em comunidades próximas de suas residências.

Durante a pesquisa, os jovens foram perguntados se fizeram ou fazem faculdade, dos 37 que responderam, apenas 10 não continuaram os estudos, os demais 26 jovens continuam os estudos no superior em diferentes áreas de atuação e 01 está fazendo outro curso técnico, predominando os cursos que estão próximos da realidade dos jovens e de suas famílias, ou seja, cursos que de alguma forma continuam a formação obtida na EFA Dom Fragoso.

⁹ O Projeto AgrolFNordeste é uma ação executada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), com recursos oriundos Secretaria da Agricultura Familiar e Cooperativismo (SAF) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) com foco no desenvolvimento de atividades produtivas;

¹⁰ A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce) conta com agentes rurais que fazem parte do Sistema de Desenvolvimento Agrário do Ceará (SDA) e são administrados e coordenados pelas políticas públicas da Ematerce. Os técnicos são selecionados através de editais específicos que concedem bolsas de pelo programa Agente Rural por um período de até dois anos.

Quadro 03: Cursos frequentados pelos egressos na Universidade.

Quant. de Educandos	Turma	Idade	Sexo	Localização do Curso	Cursos
01	2017	21	M	Rio de Janeiro-RJ	Engenharia Florestal
01	2015	23	F	Fortaleza-CE	Psicologia
01	2018	23	F	Mons. Tabosa-CE	Tecnologia em Gestão Ambiental
01	2015	23	M	Boa Viagem-CE	Licenciatura em Educação Física
01	2015	24	M	Crateús-CE	Gestão Ambiental
01	2015	22	M	Mons. Tabosa-CE	Licenciatura em Matemática
01	2018	25	M	Quixeramobim-CE	Licenciatura em Química
01	2015	25	M	Crateús-CE	Curso Técnico em Informática
01	2015	24	F	Crateús-CE	Bacharelado em Zootecnia
01	2015	23	F	Crateús-CE	Bacharelado em Zootecnia
01	2016	22	F	Crateús-CE	Bacharelado em Zootecnia
01	2015	25	M	Fortaleza-CE	Gestão Comercial
01	2019	28	M	Cocal-PI	Tecnólogo em Agroecologia
01	2016	23	M	Cocal-PI	Tecnólogo em Agroecologia

01	2019	26	M	Cocal-PI	Tecnólogo em Agroecologia
01	2015	24	F	Nova Russas-CE	Pedagogia
01	2015	23	F	Fortaleza-CE	Nutrição
01	2017	22	F	Ipueiras-CE	Nutrição
01	2017	21	M	Quixeramobim-CE	Direito
01	2016	30	M	Crateús-CE	Licenciatura em Música.
01	2015	24	M	Mossoró-RN	Agronomia
01	2017	23	M	Mossoró-RN	Agronomia
01	2015	28	M	Crateús-CE	Serviço Social
01	2016	32	M	Canindé-CE	Geografia
01	2016	25	F	Quixeramobim-CE	Tecnologia em Alimentos
01	2015	22	M	Tauá-CE	Licenciatura em História
01	2017	21	F	Independência-CE	Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular

Elaboração: Autoria própria

A partir dos cursos e de um olhar mais holístico, percebe-se que o processo formativo da EFA Dom Fragoso desperta interesses nos egressos de continuarem os estudos em cursos que valorizam o campo e os sujeitos que estão nele, pois todos os cursos em que os jovens estão inseridos podem ajudar as comunidades e as famílias camponesas a superarem diversas mazelas, já que os povos do campo precisam desde a assessoria técnica com profissionais capacitados nas ciências agrárias e ciências afins (agroecologia, agronomia, gestão ambiental, zootecnia, tecnologia de alimentos etc.), à formação de professores (diferentes áreas de atuação, e sobretudo em educação do campo), dentre outros.

Outro ponto abordado é a participação social dos jovens egressos, tanto em suas comunidades quanto no município. Ao serem perguntados, 56,8% dos jovens declararam que estão envolvidos em organizações sociais como: Associações, Pastoral da Juventude Rural (PJR), Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Movimento Indígena, organização do assentamento daqueles que são de área de reforma agrária, cooperativas, grupos de jovens e igrejas. O dado é bastante representativo, pois demonstra o engajamento e a participação dos egressos em espaços de representações sociais, inclusive durante e após o processo formativo.

Aos serem questionados quais as atividades defendidas em seus PVFCs, os 37 egressos da EFA Dom Fragoso falaram que eram: ovinocaprinocultura, suinocultura, minhocultura, avicultura, bovinocultura, mandiocultura, apicultura, cultivo em quintais produtivos e mandalas, cultivo de palma forrageira. Do total, 86,5% das famílias estão ainda produzindo em todas as unidades, 5,4% estão apenas com algumas unidades funcionando, e 5,4% não deram continuidade. Os dados revelam a importância do processo formativo para a produção, pois se cerca de 90% das famílias continuam de forma direta ou indiretamente produzindo a partir das unidades produtivas, sinal de que a absorção dos saberes acumulados pelos educandos e pelas famílias foram e estão sendo colocados em prática, garantindo a sustentabilidade. Para aquelas famílias que não deram continuidade às unidades, não atribuímos a falta de conexão dos saberes gerados na EFA a partir dos educandos, mas a desistência de produção pode estar ligada a outros fatores externos.

4 PESQUISA: Mosaico das trajetórias e percursos dos jovens egressos da EFA Dom Fragoso.

Neste capítulo será apresentado o resultado da análise dos dados coletados a partir da realização das entrevistas semiestruturadas com os jovens egressos da EFA Dom Fragoso, de dezembro de 2022 a fevereiro de 2023. Os resultados de pesquisa estão organizados a partir dos seguintes eixos analíticos: o perfil dos jovens entrevistados; a trajetória de vida, a trajetória escolar na EFA, a trajetória profissional e de inserção no mercado de trabalho, a participação política e por último, não menos importante, as perspectivas para o futuro.

4.1 Perfil dos jovens egressos da EFA Dom Fragoso

Neste primeiro ponto tentarei traçar o perfil dos jovens egressos da Escola Família Agrícola Dom Fragoso que contribuíram para a pesquisa. A faixa etária de idade dos sujeitos está entre os 23 anos a 27 anos, sendo 04 homens e 04 mulheres, em que participaram 02 jovens egressos com residência parcial em outro território porque estão fazendo cursos de nível superior, 04 jovens egressos residem na mesma comunidade desde a época da formação na EFA, 01 jovem egresso tem residência em outra cidade por conta da sua militância no MST e 01 jovem egresso está morando em Fortaleza-CE desde que concluiu o ensino médio na EFA.

Para melhor identificar os egressos, adotarei nomes de personalidades que dão nome a alguns espaços da EFA Dom Fragoso. Para as mulheres será atribuído nomes femininos e para os homens nomes masculinos. É importante destacar que dos 08 egressos, apenas 01 não teve contato direto com a universidade.

Quadro 04: Perfil dos egressos.

Egresso	Personalidade	Idade	Comunidade/Município de origem	Residência atual
Egresso 01	Dom Helder Câmara ¹¹	24	Assentamento Aniceto – Independência	Cocal- PI

¹¹ Bispo da Igreja Católica brasileira que dedicou seu trabalho eclesial às causas populares, é homenageado dando nome ao Auditório da EFA.

Egresso 02	Mirtes Solto ¹²	27	Sítio Mendes – Pedra Branca-CE	Quixeramobim-CE
Egresso 03	Milton Santos ¹³	26	Santa Luzia – Independência-CE	Fortaleza-CE
Egresso 04	Betinho ¹⁴	23	Olho D'água dos Canudos – Mons. Tabosa-CE	Idem
Egresso 05	Margarida Alves ¹⁵	24	Assentamento Palestina/Oiticuinha - Independência-CE	Crateús-CE
Egresso 06	Olga Benário ¹⁶	24	Assentamento. Xique-xique - Mons. Tabosa-CE	Idem
Egresso 07	Raimunda Boa Hora ¹⁷	23	Santa Luzia – Independência-CE	Idem
Egresso 08	Patativa do Assaré ¹⁸	23	Assentamento São Gonçalo – Crateús-CE	Idem

Elaboração: Autoria própria

Neste cenário, os jovens foram perguntados: “Fale um pouco sobre você (seu nome? Idade? de onde você é ? Como se sente enquanto jovem do campo? Como sente enquanto mulher/negro(a), indígena etc.?” Os mesmos responderam de forma simples, mas que chama a atenção. Para a egressa Raimunda Boa Hora:

[...] a gente vem tentando enquanto jovem rural transformar um pouco esse lugar que a gente vive, a partir de experiências mais sustentáveis, de viver neste lugar, de ser mais saudável a nossa existência e a gente tá aí né, feliz tentando enfrentar os desafios porque não é fácil viver no campo, então é assim que me sinto. (Raimunda Boa Hora, 23 anos, Santa Luzia/Independência-CE)

¹² Agricultora familiar camponesa do município de Independência-CE que dedicou sua vida a animação da comunidade eclesial de base e preservação das sementes crioulas na região. Na EFA é homenageada dando nome a casa de sementes.

¹³ Geógrafo de carreira que contribui com discursões e concepções importantes para o campo brasileiro, sendo homenageado no espaço do laboratório de Ciências Agrárias.

¹⁴ Foi um importante sociólogo e ativista dos direitos humanos brasileiro. Na EFA é homenageada dando nome a casa do Pão.

¹⁵ Líder sindical do estado da Paraíba, nordeste brasileiro, que foi assassinada a mando de um latifundiário ao representar trabalhadores na busca de direitos na década de 80. O espaço que recebe o nome de Margarida Alves é o alojamento feminino 01.

¹⁶ Foi uma militante comunista alemã de origem judaica, que com apenas quinze anos, em 1923, juntou-se à organização juvenil do Partido Comunista Alemão. Viajou para o Brasil, casou-se com Carlos Prestes, mas por fatalidade do destino é presa e deportada para Alemanha, mesmo estando grávida. Foi morta na câmara de gás e a filha em seguida é devolvida para o pai. Na EFA o nome de Olga Benário está fixado no alojamento feminino 02.

¹⁷ Agricultora familiar, benzedeira, parteira e animadora comprometida com as lutas sociais da cidade de Independência-CE. A mesma é homenageada na EFA no espaço da saúde.

¹⁸ Poeta popular e analfabeto que construía seus versos de forma ágrafos, sem a escrita. Na EFA é homenageada dando nome biblioteca.

Segundo a egressa Raimunda Boa Hora, o campo como lugar de vida, a juventude precisa desenvolver práticas que respeitem o meio ambiente. Mas, o campo se apresenta como desafiador, sobretudo para uma jovem mulher em um mundo masculinizado.

A permanência ou não dos jovens egressos em suas comunidades e territórios vem sendo abordada por vários autores, mas, em especial, Costa (2012, p. 211), corrobora com a pesquisa ao descrever em seu trabalho que essa permanência dos jovens “no meio rural não é uma obrigação, mas sim uma consequência dos anos de formação que este construiu junto à escola, articulado com os interesses de sua família e do meio social como num todo”. Sobretudo, se a educação for contextualizada, refletindo a vida dos sujeitos e “se a escola for ligada à vida” (GRAMSCI, 2002, p.45).

O egresso Dom Helder Câmara traz em sua sistematização de vida, ao responder à pergunta, traços que faz referência às mudanças provocadas pela EFA Dom Frágoso em sua vida. Já a segunda resposta, do egresso Milton Santos, revela a participação social, e logo em seguida, a saída do mundo rural para a cidade.

[...]quando eu comecei a conhecer a EFA né vi que era importante eu está tentando me inserir né, agreguei aquela formação para mim, realmente foi algo que transformou a minha vida, né, que realmente me aproximou ainda mais do Campo, minha perspectiva né, me aproximando, eu acabei desenvolvendo ainda mais a minha identidade do campo. Sou do assentamento Aniceto, Independência. (Dom Helder Câmara, 24 anos, Assentamento Aniceto/Independência-CE)

[...] no período que eu estava lá participava de alguns movimentos da parte cultural juntamente com o pessoal da Igreja, sempre também dos movimentos que tinha na região. Pouco recente vim pra cidade, assim que terminei o curso lá na EFA e diretamente para um trabalho fixo na parte mais ou menos na área do campo, era em uma casa veterinária, trabalhei por dois anos lá, aqui fiquei morando em um bairro na periferia. Agora não estou mais na área, mas passei dois anos em uma casa veterinária, onde consegui trabalhar na área do curso técnico. Sou da comunidade Santa Luzia, hoje moro em Fortaleza no bairro José Valter. (Milton Santos, 26 anos, Santa Luzia/Independência-CE)

Ambos os egressos tiveram acesso aos mesmos espaços de ensino e aprendizagem. O egresso Dom Helder Câmara faz a relação da educação do campo com o fortalecimento da sua identidade. Já o egresso Milton Santos narra a sua saída do campo para a capital do estado em busca de emprego. Na pesquisa desenvolvida por Pozzebon (2015, p. 131), o mesmo aponta que a “mudança se dá para os centros urbanos ou distritos na periferia das cidades, tendo os mais variados motivos: busca

por emprego, para facilitar o acesso à universidade, mudança de todos os membros da família ou em função de casamento”.

Outra entrevista que revela elementos significativos é a da jovem egressa Margarida Alves:

[...] estudei em escola pública a vida toda e aí estudei na escola do assentamento, aí ingressei na EFA em 2011, fui cursar um período do ensino fundamental, a última turma do ensino fundamental na EFA. Aí já ingressei no ensino médio, aí finalizei o ensino médio no curso médio integrado em agropecuária. Aí logo após dois anos se não me engano em 2016, no final de 2016, eu ingressei no curso de zootecnia. Tive que trancar dois semestres, né, devido a inserção no trabalho que na época para mim foi uma prioridade, ter que trancar para poder trabalhar porque eu não estava conseguindo me manter, aí fiz esse trancamento. Então, a partir daí a gente, eu já tinha essa identificação com o meio das agrárias, a EFA trouxe isso aí quando finalizei o curso técnico eu já me despertei a fazer o ensino superior na mesma área, que é uma área que me identifico, e é uma área que sempre tive contato. Minha família sempre morou na zona rural, sempre tive esse contato com a agricultura, com a pecuária e também é uma área que a gente vê que tem crescido muito essa questão do interesse pela produção, que antes era vista apenas como uma cultura de subsistência, mas que hoje a família já consegue ver, ter renda e lucratividade nas atividades agrícolas e pecuárias. Sou natural de Pedra Branca, mas desde os 2 anos de idade moro no Assentamento Palestina/Oiticiquinha em Independência. (Margarida Alves, 24 anos, Assentamento Palestina/Oiticiquinha, Independência-CE)

O acesso ao trabalho como mecanismo indispensável para a permanência no curso superior/faculdade/universidade, sobretudo na conjuntura em que o país vivenciou nos últimos seis anos, de esvaziamento de políticas públicas, dentre elas as bolsas de permanência que, quando aplicadas de forma correta, garantem que os sujeitos permaneçam nos cursos desejados. Além disso, dependendo do apoio e do incentivo do estado, os educandos, inclusive, desenvolvem pesquisas e extensão, garantindo a aproximação da comunidade acadêmica à externa. Outro ponto que merece ser enfatizado é a origem dos sujeitos que saem do campo para prosseguir nos estudos, deslocando-se de seu território de origem e de suas famílias. Ser jovem e ser mulher interferem diretamente na permanência e no acesso ao mercado de trabalho ao chegar nos centros urbanos, devido a fatores como a falta de conhecimento da nova realidade, dificuldades de deslocamentos, que possivelmente um jovem homem não teria esse problema.

O depoimento da jovem egressa acima transcrito revela a sua trajetória de vida, a realidade de famílias sem-terra que são obrigadas a saírem das suas comunidades de origens em busca de terra para morar e produzir, o acesso à educação e conseqüentemente a entrada na EFA ainda no fundamental II, após a continuidade no ensino médio, bem como as dificuldades na universidade, chegando

inclusive a trancar o curso pela necessidade de trabalhar. E destaca as suas vivências e sonhos, como o interesse pela agropecuária e as possibilidades de gerar trabalho e renda no campo. Os autores Troilo e Araújo (2016) corroboram com a pesquisa ao falar que:

Em sua maioria, as comunidades tradicionais, os assentamentos e agricultores em geral lutam para manter seu modo de vida com autonomia sobre os próprios meios de produção e sobre o território de vida. A face atual desta resistência se expressa no desafio de permanecer na terra e manter uma produção agropecuária autônoma que seja suficiente, total ou parcialmente, para suprir as próprias necessidades, sendo esta uma das principais formas de desenvolvimento destas populações. (TROILO e ARAUJO, 2016, p. 147)

Os camponeses, assim como exposto pela jovem egressa, passam por dificuldades em seus territórios, mas, a resistência dos mesmos tem garantido, apesar das adversidades, a permanência no campo de forma autônoma, preservando seus modos de vida e respeitando as origens e o desejo de ter os seus sonhos realizados.

4.2 Trajetória de vida

A trajetória de vida dos participantes da pesquisa é de grande relevância, pois aponta os processos anteriores às vivências na EFA, como se deu de forma detalhada, como foi a infância e início de juventude, o acesso à terra, educação, renda dos jovens e de suas famílias.

A escolaridade dos pais dos participantes vai variar de apenas alfabetizados ao ensino superior incompleto, sendo que:

Quadro 05: Acesso à educação dos pais dos Egressos

Egresso	Membro da Família	Escolaridade
Dom Helder Câmara	Pai	Identifica o alfabeto/Matemática
	Mãe	Ens. Fundamental completo
Mirtes Solto	Pai	Quarta série
	Mãe	Ensino Superior incompleto
Milton Nascimento	Pai	Ensino fundamental incompleto
	Mãe	Ensino fundamental incompleto
Betinho	Pai	Ensino médio – EJA
	Mãe	Ensino médio – EJA
Margarida Alves	Pai	Ensino fundamental completo
	Mãe	Quarta série
Olga Benário	Pai	Quarta série

	Mãe	Quarta série
Raimunda Boa Hora	Pai	Cursando o Fundamental II – EJA
	Mãe	Cursando o Fundamental II – EJA
Patativa do Assaré	Mãe	Quarta série

Elaboração: Autoria própria

O processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos do campo através da educação formal, isto é, o acesso à escola, é de um passado relativamente recente, no campo, sobretudo. Os dados acima revelam esta realidade de forma clara, pois apenas os pais do jovem egresso Betinho concluíram o ensino médio na modalidade EJA, e apenas a mãe da jovem egressa Mirtes Solto chegou até a universidade, mas não concluiu. Os jovens da EFA Dom Fragoso já superaram as trajetórias escolares de seus pais, e possivelmente, são os primeiros de suas famílias a concluir integralmente a escolarização básica com a titulação de técnicos em agropecuária. Outro ponto importante é que dos 08 egressos entrevistados, apenas o egresso Patativa do Assaré ainda não ingressou no ensino superior.

A educação pública e gratuita só passa a vigorar após a elaboração da Constituição Federal de 1988, no Art. 205 fala que “a educação, direito de todos e dever do Estado” (BRASIL, 1988). É apenas após a CF que são construídas as escolas no campo efetivamente com dinheiro público.

Aos falarmos de infância e juventude, os egressos participantes expuseram seus sentimentos:

“Minha Juventude foi tranquila, foi realmente trabalhando junto com meu pai, com minha mãe, com meus irmãos, tenho um irmão e uma irmã”. (Dom Helder Câmara, 24 anos, Assentamento Aniseto/Independência-CE)

“Foi tranquila, sempre fiquei lá na comunidade Mendes, sempre morei lá, estudei lá também, bem tranquilo” (Mirtes Solto, 27 anos, Sítio Mendes/Pedra Branca-CE)

“Minha foi muito boa, porque tenho essa proximidade com a natureza, eu gosto muito da natureza, estando na natureza estou feliz. E realmente ter vivido a infância no interior brincando, tipo, quando chovia é a melhor coisa que tem no interior. Lá principalmente que é uma região bem seca mesmo, deserto. Na parte da adolescência eu gostava muito de futebol, sair com os amigos, isso tudo no interior mesmo. (Milton Santos, 26 anos, Santa Luzia/Independência-CE)

[...] Assim, trazendo para família e trazendo também para nosso movimento, somos de famílias bem carentes que aí a gente sabe que com os avanços das políticas públicas que teve um desenvolvimento melhor das nossas famílias e aí dentro do movimento e até por esse silenciamento que teve durante todos esses anos a gente era acanhado quando criança, e aí quando a gente começa a amadurecer, começa a entender as coisas, que tem a parte partindo para a adolescência a gente já começa a enxergar uma visão de

mundo diferente e aí a gente já passa a ter uma visão promissora de diferentes ambientes, diferentes espaços e também diferentes contextos. (Betinho, 23 anos, Aldeia Olho D'água dos Canutos/Mons. Tabosa-CE)

Na época quando eu era mais pequena, tipo sete ou oito anos passei a maior parte do tempo com meus avós e aí com o falecimento meus avós eu passei a viver mais com meus pais, sempre a gente morou muito perto, sempre tive responsabilidades, desde os seis anos de idade quando o meu irmão mais novo nasceu eu tive que cuidar dele, aí a mãe tinha que sair para trabalhar porque na época ela não tinha essa visão que ela conseguia ganhar dinheiro em casa, hoje ela já tem e já consegue isso, não precisa sair de casa para ganhar dinheiro. E aí, ela precisava sair para trabalhar, aí eu tinha que cuidar do meu irmão e tinha que estudar, ele ficava com minha vó, então sempre tive responsabilidades desde sempre. Depois que eu comecei a estudar na EFA eu passava os 15 dias na escola e quando chegava em casa tinha a responsabilidade tanto de ajudar de ajudar nas responsabilidades de casa, como também as vezes eu ajudava e pegava a responsabilidade da mãe que era de trabalhar fora, trabalhava no lugar dela mesmo muito nova. Sempre tivemos esse contato de cuidar dos bichos, essas coisas. (Margarida Alves, 24 anos, Assentamento Palestina/Oiticuinha, Independência-CE)

Já nasci aqui no assentamento porque meus pais são de Iporã, só 1998 quando eles vieram para o acampamento Xique-xique. Tenho meus pais e mais 3 irmãos, 4 comigo. E aí nasci, cresci aqui e minha infância foi toda aqui no assentamento e foi muito bom a infância pois tive acesso à estudar, tive a oportunidade de estudar, não era aqui dentro do assentamento, era na fazenda, não era um espaço igual um colégio, era uma casinha, mas tive a oportunidade de estudar, ler e escrever aqui dentro do assentamento. (Olga Benário, 24 anos, Assentamento Xique-xique/Mons. Tabosa-CE)

Eu passei a minha infância aqui e minha adolescência, passei a vida toda aqui na Santa Luzia, quando eu fiquei jovem foi que comecei a sair mundo a fora, mas a minha infância sempre passei aqui em casa com a minha família com os meus avós e enfim olhar para esse lugar me traz muita sensação de uma criança que brinca muito né assim a gente sempre teve uma família grande, com muitos primos aqui e aí a gente enfim, eu vivia brincando né nesses lugares, nestas pedras, nesses poços e nessas árvores que tem por aqui. Estudei também aqui nessa comunidade, então essa relação muito forte com o local onde eu vivo, marcou assim a minha infância. A adolescência/juventude eu fui ficando uma pessoa mais tímida porque a gente começa a frequentar outros espaços na comunidade, na igreja os espaços de formação que a minha mãe participava e eu ia participar também e aí aquela jovem assim saindo da brincadeira, começando a frequentar outros espaços onde tinha adulto, a gente vai ficando um pouco tímida. E nestes espaços também é isso assim né quando eu comecei a estudar na escola comecei a sair da comunidade em si, mas essa vivência foi muito assim de descobertas que nos leva a agroecologia também. (Raimunda Boa Hora, 23 anos, Santa Luzia/Independência-CE)

O egresso Dom Helder Câmara destaca a cooperação do mesmo com o trabalho desde cedo junto à família, pois nas comunidades rurais, os sujeitos têm uma relação muito próxima com o cultivo da terra, sendo que são estas afinidades que repercutem direta ou indiretamente na constituição da identidade dos mesmos. O autor Weisheimer (2007, p. 239) corrobora com a discussão ao transcrever em sua pesquisa que:

A especificidade sociológica dos jovens agricultores familiares deve-se à sua socialização no processo de trabalho familiar agrícola que os difere de outros jovens do meio urbano, ou mesmo do meio rural, que não exercem esta atividade. Assim, as relações sociais que conferem sentido e especificidade aos jovens na agricultura familiar estão assentadas na posição ocupada por eles na divisão social do trabalho como agricultores familiares. Volta ao centro de análise a dimensão do trabalho como lócus da produção de valores materiais (produtos e serviços) e também simbólicos (ideias, representações e identidades sociais), uma vez que os jovens agricultores são membros de unidade doméstica que também atua como unidade de produção agrícola. Ou seja, o traço distintivo dos jovens agricultores familiares vem da sua participação no processo de trabalho familiar agrícola.

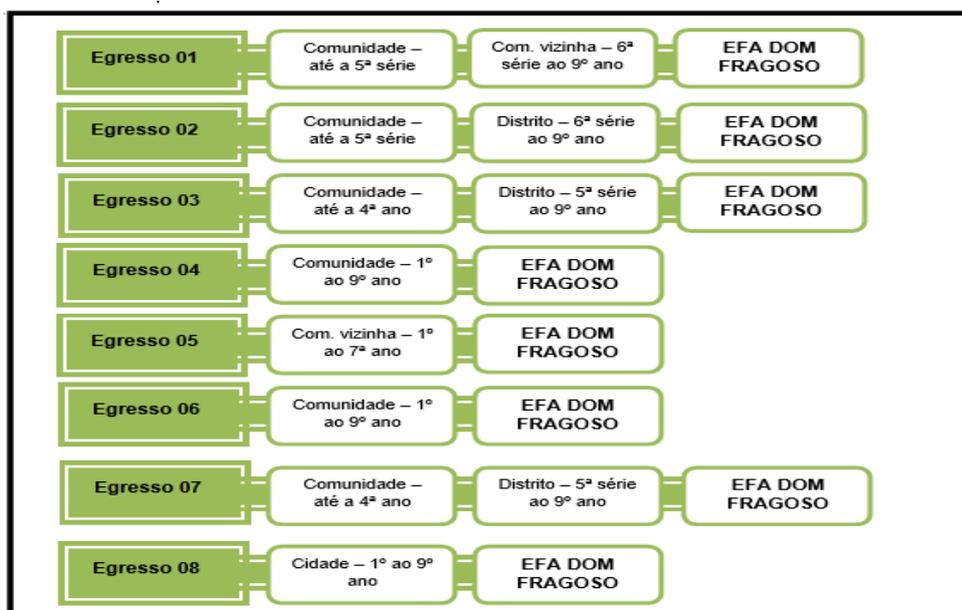
O jovem, ao responder a pergunta, deixou transparecer na fala e gestos que essa ligação com a família e agricultura foi tranquila e que o mesmo era feliz. Já o Egressa Mirtes Solto transpareceu que sua infância correspondeu ao desejado, inclusive destaca os processos educativos recebidos. Para o egresso Milton Santos, mesmo com as adversidades, sobretudo do clima semiárido com um avançado processo de desertificação, relatou com alegria. A comunidade de Santa Luzia no município de Independência-CE, local que reside o egresso citado e a egressa Raimunda Boa Hora, está localizada em uma região com um avançado processo de desertificação, por este motivo, as falas dos sujeitos sempre deixam transparecer as dificuldades encontradas nos processos produtivos das famílias daquela região.

Para o jovem egresso Betinho, mesmo com as adversidades e com o silenciamento que os povos originários, em especial o povo Tabajara da serra das matas, passou, e que foi o processo formativo que desde muito cedo o ajudou assimilar a condição, ele teve um crescimento pessoal. No Estado do Ceará, os povos indígenas, desde a invasão de Portugal ao território, sempre foram deixados à margem, sobretudo após o decreto do presidente da província na segunda metade do século XIX, que extinguiu a existência dos povos indígenas como forma de expropriar as suas terras e usurpar suas identidades. A descrição encontrada no site da Federação dos Povos e Organizações Indígenas do Ceará (FEPOINCE) ajuda a entender como se deu:

O Ceará foi o primeiro estado do Brasil a negar oficialmente e mesmo decretar a extinção dos povos originários nas terras cearenses. Em 1863, o então Presidente da Província do Ceará, José Bento da Cunha Figueiredo, declara perante a Assembleia Legislativa do Estado, que a população indígena do Ceará estava extinta. Esse decreto foi uma forma de oficializar a expropriação das terras dos indígenas à custa, inclusive, de suas vidas, que para se protegerem, tiveram que permanecer em silêncio sobre suas etnicidades por mais de um século. A luta indígena no Ceará foi retomada e fortalecida a partir da década de 1970, encerrando um longo período de silenciamento étnico e reforçando a mobilização desses povos por direitos e pela demarcação de seus territórios.

É na retomada da luta dos povos do Ceará que as comunidades da Serra das Matas ressurgem e iniciam seu procedimento de reconstrução de identidade, na qual estão as famílias da Aldeia Olho D'água dos Canutos, que o egresso faz parte. Já a egressa Margarida Alves destaca sua infância com seus avós, mas, em seguida, aprendeu a ter suas responsabilidades, sobretudo quando ingressou na EFA Dom Fragoso. Já a egressa Olga Benário relata sobre o acesso à educação que foi fora do assentamento inicial, mas que, com o passar do tempo, a mesma aprendeu a ler no próprio assentamento. A egressa Raimunda Boa Hora expressa de forma simples a forma de viver no campo, e o egresso Patativa do Assaré destacou que sua infância foi boa. A seguir, o acesso à educação dos egressos de forma mais detalhada:

Quadro 06: Acesso à educação dos Egressos do Fundamental I ao Ensino Médio



Elaboração: Autoria própria

A partir do mapa, é possível perceber o caminho percorrido pelos egressos para ter-se acesso à educação, do ensino fundamental I ao ensino médio, na EFA Dom Fragoso. É importante destacar que ao se referirem ao ensino fundamental, os entrevistados falam em “série” e “ano” no diálogo, isso devido a “Lei Federal nº 11.274/2006, que amplia a duração do Ensino Fundamental para nove anos, e quanto à forma de trabalhar nas séries iniciais do Ensino Fundamental” (BRASIL, 2006a). Esse processo se deu a partir do parecer CNE/CEB nº 45/2006, de 7 de dezembro de

2006 da Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE).

No que se refere à trajetória escolar, observamos que 07 dos jovens egressos entrevistados conseguiram pelo menos ter acesso à educação nos anos iniciais na sua comunidade de origem, conforme destacou o egresso 05, que ingressou na EFA ainda no 7º ano do ensino fundamental II. Mas, apenas 03 egressos conseguiram continuar tendo acesso em seu território, e 04 precisaram sair de suas comunidades para estudar da 6ª série ao 9º ano. Já o egresso 08 ressaltou que, mesmo morando em uma área de reforma agrária, sempre estudou na cidade porque na sua comunidade não tinha escola e havia a proximidade da mesma com a cidade de Crateús, a 10 km de distância.

Pensando na educação acessada pelos jovens egressos no ensino fundamental I e II na rede pública de ensino, bem como observando as respostas anteriores, é notório que a educação, enquanto projeto político-ideológico, a partir da concepção dos egressos foi descontextualizada e exerce um papel de construção da subordinação dos sujeitos ao sistema, fazendo com que “os trabalhadores aceitem as relações sociais de exploração às quais estão submetidos” (RIBEIRO, 2010, p. 307).

Se a educação acessada pelos sujeitos nos primeiros anos correspondesse a uma formação integral, teríamos ao final, sujeitos com capacidade de discutir e propor uma sociedade que tivesse relações harmônicas, e com certeza teríamos maior integração social dos jovens na busca por melhores condições de vida. E assim, para Frigotto (2012, p. 76), os resultados contariam com “[...] sujeitos emancipados, criativos, leitores críticos da realidade em que vivem e com condições de agir sobre ela. Este domínio também é condição prévia para compreender e poder atuar com as novas bases técnico-científicas do processo produtivo”.

Quanto à profissão (ocupação) dos pais e mães dos egressos, dos 08 egressos que participaram, a pesquisa revela que 05 pais são agricultores, 01 pai é agricultor aposentando, 01 jovem egresso não respondeu à pergunta e 01 pai exerce atividade junto ao setor de saúde dos povos indígenas da aldeia, mas que, nas horas vagas exerce atividade agrícola. Das 08 mães de egressos, 04 mães estão diretamente na agricultura, 02 mães de egressos são concursadas, 01 mãe agricultora aposentada e 01 mãe trabalha como contratada na escola da comunidade.

As rendas das famílias dos jovens entrevistados são variáveis de acordo com as possibilidades, há aquelas que vivem diretamente da agricultura, que relatam que a sazonalidade das culturas interfere diretamente na renda obtida. O quadro a seguir, apresenta a renda familiar declarada pelos jovens egressos entrevistados.

Quadro 07: Renda das Famílias segundo os Egressos

Egresso	Renda da Família
Dom Helder Câmara	R\$ 400,00 mensais assim meio dividido
Mirtes Solto	Mais de um salário mínimo
Milton Santos	Mais de 2 salários
Betinho	Supera 1 salário mínimo
Margarida Alves	Mais de 1 salário mínimo
Olga Benário	Mais de 1 salário mínimo
Raimunda Boa Hora	Um salário mínimo
Patativa do Assaré	Um salário mínimo

Elaboração: Autoria própria

Neste ponto, tem-se uma variação para as famílias que vivem somente da agricultura e da pecuária, podendo ter vários motivos essa variabilidade, desde as áreas que as famílias estão, se tem a posse ou é de terceiros, produtividade, o solo, o clima, água, ao crédito para investimento. Outro aspecto a ser destacado diz respeito ao fato de que há famílias em que alguns membros exercem outras atividades não-agrícolas, tais como, ocupações formais ou informais no setor privado ou emprego no setor público, que aumentam os recursos financeiros auferidos na renda familiar.

A renda das famílias, mesmo não sendo elevadas, variam de R\$ 400,00 reais a 01 salário mínimo (cerca de R\$1.300 reais) para aqueles que moram no campo. Durante a pesquisa, apenas o jovem Dom Helder Câmara respondeu a entrevista com o salário mínimo no valor de R\$ 1.212,00 reais, já os demais egressos o salário já estava em R\$ 1.302,00 atualizado em janeiro de 2023. Sobre a renda, os egressos responderam:

Na agricultura é muito sazonal né, não sei se vou saber explicar o certo, mas assim por base creio que seja uns R\$ 400,00 mensais assim meio dividido. (Dom Helder Câmara, 24 anos, Assentamento Aniseto/Independência-CE)

A renda da família é mais de um salário mínimo. (Mirtes Solto, 27 anos, Sítio Mendes/Pedra Branca-CE)

Minha renda é pouco mais de dois salários, mas meus pais que vivem ainda no interior são aposentados. (Milton Santos, 26 anos, Santa Luzia/Independência-CE)

Supera um salário mínimo, com certeza. (Betinho, 23 anos, Aldeia Olho D'água dos Canutos/Mons. Tabosa-CE)

Hoje eles conseguem tirar mais de 1 salário mínimo. (Margarida Alves, 24 anos, Assentamento Palestina/Oiticuinha, Independência-CE)

Um salário mínimo, podemos dizer. (Olga Benário, 24 anos, Assentamento Xique-xique/Mons. Tabosa-CE)

Até um salário mínimo. (Raimunda Boa Hora, 23 anos, Santa Luzia/Independência-CE)

A renda é a partir das vendas agropecuária e meus avós são aposentados. (Patativa do Assaré, 23 anos, Assentamento São Gonçalo/Crateús-CE)

Para Martins (2019, p. 194), o “*projeto de vida e futuro se relacionam aos dispositivos de permanência no campo*, entre os quais se encontram as Efas e políticas públicas de fortalecimento da agricultura familiar, como a Reforma Agrária, o Pronaf, etc”. A partir da fala do autor, passa-se um entendimento de que a passagem pela EFA ajuda os jovens a buscar políticas públicas para melhorar as condições de vida.

No que se refere ao acesso à terra, dos 08 jovens egressos, 04 jovens destacam que suas famílias vivem em áreas de assentamentos, sendo que dois foram resultado de ocupação e um se constituiu a partir de uma desapropriação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Os outros 04 jovens relataram que o acesso à terra ocorreu através de herança, sendo destaque a fala do jovem egresso Betinho:

Aqui a gente sabe que a nossa luta dos povos indígenas é por nossas demarcações. O Brasil, ele é nosso! E aí a nossa terra aqui, Aldeia D'Água dos Canutos ela é composta por 74 hectares que foram adquiridos pelo nosso saudoso Cacique Zé Canutos, que já se encantou, fez sua passagem e ainda na época do coronelismo trabalhou muito como escravo. Mas, ele viu a necessidade de trabalhar para possuir 74 hectares de terra, com muito sacrifício, com muita luta, sofrimento ele conseguiu comprar essa terrinha aqui, não me recordo do ano, mas a gente tá até hoje a mais de 50 anos. Os familiares com seus troncos velhos e vão passando aos nossos jovens e estamos aqui organizados nesses 74 hectares, que também não é suficiente. Como a gente tem a questão da preservação, é muito forte nessa relação. Não é suficiente e a gente mantém muita mata virgem e tem a área de preservação e é a nossa questão principalmente da agricultura a gente planta em terras vizinhas aí.

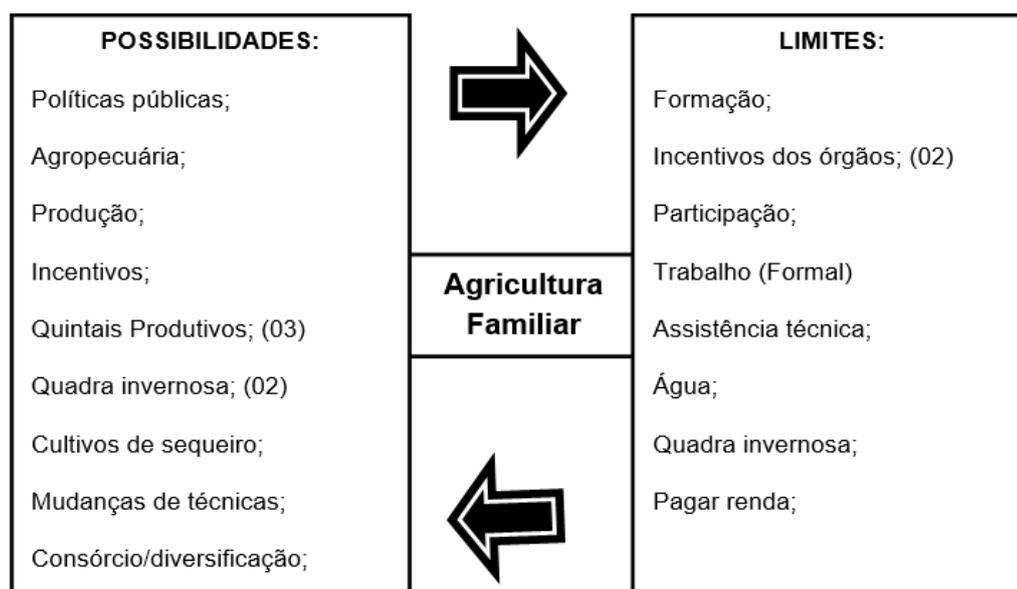
O egresso, em sua fala, relembra os desafios vivenciados pelos povos indígenas do Ceará e do Brasil, por causa da expropriação das terras que houve a partir da invasão portuguesa ao território, deixando os povos tradicionais à margem da sociedade. Ao mesmo tempo, ele lembra da opressão e do sofrimento que os mesmos povos passaram durante séculos, continuando até hoje sem a demarcação.

O pouco território que tem, a comunidade tem preservado e tem procurado outras áreas para produzir. Mas, existe a contradição, pois se eles têm 74 hectares de terras porque não as utiliza também? Tendo em vista que os indígenas poderiam colocar em prática um modelo de agricultura que não fosse a de corte e queima. Existem modelos de base agroecológicas que o agricultor produz alimentos e, ao mesmo tempo, preserva, por exemplo, os sistemas agroflorestais.

Todos os egressos relatam que existe, de certa forma, esse acesso à terra, sobretudo aqueles que são oriundos de áreas de reforma agrária. Esta condição é um fator crucial para os agricultores, “sendo a condição de proprietário e a profissão de agricultor (a) predominantes entre pais/mães e responsáveis” (MARTINS, 2019, p. 199).

Ao serem perguntados sobre as possibilidades e os desafios, os jovens egressos colocam em comum vários pontos importantes, como:

Quadro 08: As possibilidades e limites na agricultura segundo os egressos.



Elaboração: Autoria própria

Por estarem em uma região semiárida dentro do bioma Caatinga, as possibilidades e as adversidades se encontram e, ao mesmo tempo, se distanciam. Para os jovens egressos da EFA Dom Fragoso, a agricultura praticada de forma tradicionalmente no território precisa se reinventar, através de mudanças nas técnicas de produção, com acesso a crédito e mercado para comercialização.

A egressa Raimunda Boa Hora ao ser perguntada sobre as possibilidades e os limites do trabalho na agricultura familiar, fala que:

Aqui na minha comunidade e na minha família a gente tem como marco nessa questão de trabalho com a agricultura, uma agricultura muito convencional que é a agricultura de sequeiro, as famílias sobrevivem da plantação do roçado, roçado tradicional que é o milho, o feijão e outras coisas que se plantam ali misturado que é fava, jerimum, melancia e isso vai muito de acordo com o período de inverno, né. Planta no início, colhe e se mantém o restante do ano com aquela colheita que se faz daquele roçado. Ao longo desses últimos anos a gente vem percebendo, principalmente a minha família, pois a gente planta em uma terra que não é nossa, então a gente tem que pagar renda e aí a gente percebe que essa forma de trabalho, desde o preparo da terra até o cultivo é um trabalho muito forçado. Exige muito da mão-de-obra, do esforço físico das pessoas que trabalham na agricultura dessa forma e aí a gente começou a analisar um pouco desse trabalho e perceber que não é assim que queremos, principalmente eu e as minhas irmãs que somos mulheres e pra trabalhar dessa forma é algo que é inviável, tanto fisicamente quanto economicamente, a nossa renda já é muito precária também, olhando para o trabalho que a gente desenvolve e aí a gente olhando para essa forma tradicional que o pessoal da comunidade realiza ela não é sustentável, ela não é viável com esse lugar que a gente vive e aí, as famílias só tem esse período de inverno e no restante do ano a gente vai se virando com a criação de animais, o que também não é fácil, porque nossas áreas para criação de animais também não são muito favoráveis e aí nos últimos anos a gente vem tentando apostar na agricultura agroflorestal, tentando apostar no quintal agroflorestal, pensando nessa outras alternativas de consórcio, de plantar mais coisas para ter mais além do que só o milho e o feijão, então assim eu acredito que quase potencialidades que a gente tem é diversificar a produção para a gente poder ter um pouco mais né para comer para vender e os limites são esses assim né a gente pode mudar um pouco essa agricultura que é ao longo do tempo existindo aqui que não é tão sustentável para nós né. (Raimunda Boa Hora, 23 anos, Santa Luzia/Independência-CE)

A egressa em sua fala relata as dificuldades enfrentadas como o acesso à terra, pois a família trabalha em terras de terceiros, além de serem áreas de baixa produtividade, sendo cultivadas apenas no período invernos, e que existem muitas dificuldades que são enfrentadas no dia-a-dia, como o processo de produção, a falta de mão-de-obra, a falta de chuvas, e, conseqüentemente, a falta d'água. Outro ponto levantado foi a solução encontrada, sendo o cultivo em um quintal agroecológico que preconiza o consorcio para produzir alimentos de qualidade, então, essa forma de fazer agricultura se torna viável a partir do exposto. A agroecologia se apresenta na fala da egressa como uma solução para os problemas enfrentados, pois, no policultivo é possível utilizar um pequeno espaço para produzir alimentos.

4.3 Trajetória na EFA

Ao serem perguntados como conheceram a EFA Dom Fragoso, os egressos relataram um leque diversificado de maneiras pelas quais tiveram contato com a EFA. Dos 08 egressos, 02 já tiveram irmãos que estudaram na escola; 02 egressos tiveram parentes de segundo e terceiro grau que estudaram na escola, 01 jovem egresso conheceu através o local de uma ONG que apresentou a experiência durante uma reunião, 02 egressos conheceram através de vizinhos que estudaram na EFA e 01 jovem egresso conheceu a EFA através da equipe paroquial da cidade de Independência/CE, na pessoa do Padre Machado. Essa questão demonstra o quanto a EFA é conhecida pelo seu modelo de educação e que a porta de entrada da escola é a rede de contato pessoais, familiares e comunitários acionadas pelos jovens do campo em suas respectivas comunidades, pois, a partir dos relatos, identificam-se 05 maneiras que os egressos conheceram a escola em uma amostragem de 08 jovens.

Quando os entrevistados foram indagados sobre a importância da formação por alternância para o jovem do campo, obtivemos alguns elementos significativos como: o saber popular dos agricultores, o despertar para a pesquisa, a difusão de conhecimentos, maior compreensão, aproximação com a realidade concreta, maior relação com a comunidade/território, conexão com a história e a troca de saberes. Os elementos mostram a diversidade da educação do campo promovida pela EFA e sugere que, durante esses processos os educandos assumem para si a responsabilidade de reconectar o acadêmico (escola) com a comunidade. Esta educação ofertada pela escola dialoga e dá “ênfase na importância do ensino do uso da terra e do solo, em aulas práticas e trabalhos com projetos, dentre outros” (VAZ E SOUZA, 2009, p. 871).

Acredito que seria realmente essa questão de você ver as duas realidades acompanhado de uma forma melhor. Na alternância você passa um período com a família, vendo o que precisa ser melhorado por ter pegado alguma parte teórica na escola, lá você vai conseguir trabalhar de uma forma melhor porque você está estudando sobre isso buscando desenvolver a família. Da mesma forma tem muitas coisas que você faz na sua família, que a escola não tem conhecimento como uma prática boa e isso ajuda bastante. É uma via de mão dupla né?!, uma ajudando a outra. (Milton Santos, 26 anos, Santa Luzia/Independência-CE)

O egresso Milton Santos, de forma simples e objetiva, transmite o processo que ocorre na escola e na comunidade a partir da pedagogia da alternância. Como se trata de um processo de “via de mão dupla”, todos os sujeitos são motivados a

construir as discussões e elaborar as conclusões, bem como a difusão dos saberes. Esse processo de educação do campo, segundo Vaz e Souza (2009, p. 869):

[...] deve contemplar um ensino voltado à realidade de seus alunos, em que o conteúdo curricular e as metodologias de ensino do professor devem ser adequados às necessidades e interesses dos alunos de zona rural, os quais precisam de um ensino que valorize, dentre outros aspectos, a cultura da criança que vive no campo e seu modo de vida.

É a partir desta valorização descrita pelo autor, que os egressos da EFA percebem na educação obtida, que o estudo não ocorre de forma isolada, em caixinhas, mas que o caminho da educação é um percurso de idas e voltas, observando cada elemento. A educação ofertada na escola convencional distancia-se da educação do campo, sendo necessário que seja repensada, conforme propõe De Aguiar (2009, p. 09):

Nesse contexto se faz necessária a discussão das metodologias utilizadas pelos educadores que atuam nas áreas rurais, pois segundo os defensores de uma educação do campo, no campo, estes devem também se reconhecer como um sujeito que ao mesmo tempo em que ensina também aprendem, superando preconceitos, seus não-saberes e com vontade de enfrentar novos desafios, novas práticas e experiências, sobretudo aquelas ligadas ao seu fazer na escola.

A escola do campo deve se preocupar com a formação integral e humana, despertando habilidades, seja na realidade concreta dos jovens ou na difusão dos conhecimentos via plano de estudo e atividades de retorno.

Ao serem perguntados sobre a elaboração do seu Projeto de Vida da Família Camponesa (PVFC) na EFA, como se concretizou na prática e como se deu a sua implementação na comunidade, os egressos descrevem essa construção. Em primeiro lugar, na escola, a partir da disciplina de Planejamento e Projetos (PP) é feito um levantamento do que os jovens e suas famílias já desenvolvem em suas casas. Em um segundo momento, os jovens eram provocados a identificar as cadeias produtivas que as suas famílias poderiam desenvolver e gerar trabalho e renda.

Após esse processo, cada educando constrói com suas famílias as possíveis unidades produtivas de forma integrada. Em paralelo, eles também descrevem todo o processo a ser apresentado a uma banca de examinadora ao final do terceiro ano do ensino médio integrado, a fim de obter o título de técnico em agropecuária. O projeto de vida é “um meio de o jovem concretizar as pesquisas dos Planos de Estudos, buscando conhecer melhor a realidade socioeconômica, cultural, política e profissional regional” (UNEFAB, 2004). A egressa Olga Benário descreveu esse processo:

Eu fiz um diagnóstico, sentei com a minha família e a gente viu os projetos que seriam viáveis para a gente tá realizando e aí a gente decidiu que seria Avicultura, que a gente já produz, ovinocultura e, na época eu recebi um convite para participar de um consórcio agroecológico de algodão. O CAA, que eu seria estagiária e beneficiária, e aí eu achei viável trazer esse projeto também para o meu PVFC. Aí eu implantei o projeto aqui pertinho de casa, o projeto de produção agroecológico de algodão e desde então eu permaneço no projeto até hoje as vezes como ajudante. Faço parte da associação dos produtores de algodão e também permaneço com a criação de ovinos. Desde então que eu participo do São José Jovem e no projeto que eu coloquei lá foi de ovinocultura, quero ampliar essa área, ampliar essa criação que eu acho que é muito viável aqui no assentamento e o sonho ainda não acabou, a gente tá limitando só por enquanto a gente tá na criação da avicultura

A egressa Olga Benário atualmente não atua diretamente na atividade, ocupando a função de educadora em uma escola. Durante a entrevista, ela demonstrou um interesse significativo pelas atividades desenvolvidas pela família. Motivada pelos compromissos e por gostar de criar animais, em 2021, concorreu ao edital do Projeto São José Jovem do Governo do Estado do Ceará, que garante um fomento de 15 mil reais destinado a jovens agricultores para melhorias em atividades que gerem renda em atividades agrícolas e não-agrícolas. Ao sair o recurso, o investimento será na área da ovinocultura.

Os egressos têm distintas descrições do processo formativo da EFA, com destaque para as seguintes falas:

Ele é bastante agregador, porque a partir do momento que a gente se depara com outras realidades, que a gente vê aquelas novas informações [...] (Dom Helder Câmara, 24 anos, Assentamento Aniseto/Independência-CE)

Vejo que a EFA ensina para o mundo, para a vida. Você sai com um olhar diferente, realmente preparado para os desafios que o mundo lhe põe na frente, principalmente lidar com pessoas de realidades totalmente diferentes. (Milton Santos, 26 anos, Santa Luzia/Independência-CE)

Creio eu que além de um certificado, que é um simples papel, mas é o papel que lhe dá vários fundamentos e direitos mais uma formação para a vida. (Betinho, 23 anos, Aldeia Olho D'água dos Canutos/Mons. Tabosa-CE)

Eu acredito muito que o processo de formação da EFA não é só um processo de formação técnico, é um sistema de formação política, um processo de formação humana e que contribui muito, ajuda a gente perder o medo de falar, perder o medo de se expressar, que eu acho que é um dos diferenciais dos técnicos da EFA, de quem passa pela EFA e também a questão do processo de formação político, consciência política que a gente adquiriu lá e tem a importância da inserção a gente nos momentos sociais, participar mais ativamente da comunidade que aí, querendo ou não, ela obriga a gente participar desde o processo de formação dentro da comunidade, de não ficar só conhecimento. (Margarida Alves, 24 anos, Assentamento Palestina/Oiticuinha, Independência-CE)

Os relatos demonstram o papel social da educação que os sujeitos recebem junto à escola, onde possivelmente, a partir da fala dos egressos em destaque, se

construa essa visão holística do processo formativo. Talvez os motivos das diferentes concepções dos sujeitos sejam decorrentes de um trabalho coletivo das ideias que não separa os saberes em compartimentos, mas os coloca numa formação integrada.

Eu acho que a EFA, ela tem um diferencial no ensino, né?! [...] O ensino contextualizado, mas assim algo que eu acho que precisaria mudar um pouco na escola, pelo menos no tempo que eu estudei, né, eu acho que essa necessidade de aprofundar a convivência com o semiárido, ela precisaria ser um pouco mais forte, né, essas temáticas voltadas para práticas mais agroecológicas, eu sinto que isso também ainda falta na escola, um pouco mais da formação sobre o feminismo também precisa na escola porque eu como mulher vivendo no semiárido eu sei o quanto que essas relações elas precisam serem feitas e no meu tempo não foram feitas. (Raimunda Boa Hora, 23 anos, Santa Luzia/Independência-CE)

O destaque feito pelo egresso demonstra um interesse de aprofundamento em determinados temas, principalmente sobre as tecnologias sociais para a convivência na região semiárida e a formação sobre o feminismo, como destaca a egressa Raimunda Boa Hora. A jovem, que tem uma trajetória em movimentos sociais, graduanda em Agroecologia e militante da PJR, após chegar na graduação, percebe o quão estes temas são relevantes na formação humana e que não podem ser dissociados da realidade. Na EFA Dom Frágoso, estas discussões já acontecem, sobretudo na linha de trabalho no território, mas essa carência permanece de forma aprofundada.

Para os egressos, as experiências na EFA que ficaram em suas vidas estão diretamente relacionadas à formação integral, a aprender a conviver em espaços diferentes com pessoas diversas. Outro ponto destacado foi a formação política com a inserção dos sujeitos em diferentes espaços, desde as associações, aos partidos, as salas de aula e aos diferentes postos de trabalho, bem como as mudanças nas formas de fazer agricultura e pecuária, os aprimoramentos das práticas de cultivo e das formas de criar os animais proporcionados pela educação da EFA. A educação construída de forma coletiva vai ao encontro do que escreveu Martins (2019, p. 20), a partir do pensamento dos egressos que “destacam-se a capacidade inventiva e o protagonismo como marcas dessa juventude, assim como a retomada e atribuição de novos sentidos a certas dicotomias clássicas do tipo: rural/urbano, trabalho/emprego, entre tantas outras”.

Como exposto, a EFA Dom Frágoso tem despertado o protagonismo dos sujeitos de forma holística, não só na base técnica, mas os egressos, a partir da fala demonstram que estão inseridos em diferentes espaços, ocupando desde a política

aos espaços de construção de conhecimentos que são as universidades. E, segundo as falas, a escola com sua educação contextualizada os fizeram perceber e aceitar as diferenças dos seus semelhantes.

4.4 Trajetória profissional e inserção no mercado de trabalho

A trajetória de trabalho dos jovens egressos da EFA Dom Fragoso inicia muito cedo, através da realização de trabalhos agrícolas e de pecuária desenvolvidos pelas suas famílias. No campo não existe uma idade fixa para começar a trabalhar, como expõe o egresso Dom Helder:

Meu pai sempre começou a estimular a gente cedo né, começou a ensinar como é que era as atividades produtivas, como ela se dava, ele mesmo começou a me levar já com quatro anos né, para conhecer a roça, não era para trabalhar, mas já começa a sentir um pouco né realmente a sentir um pouco, o pelo do mato, sentir o sol. ?Realmente comecei a sentir o que é trabalhar na roça e que aquela lógica camponesa, que é se aproximar da natureza, do trabalho, né. E sempre procurou estar ensinando a gente todas as informações que ele tinha relevantes sobre plantas medicinais, plantas nativas, sobre a criação dos animais, que momento que deveria ser feita alguma aplicação de medicamento, de acordo com o conhecimento dele, também sobre toda questão de plantio de cultivo das culturas agrícolas anuais, é de frutíferas, ele procurava passar para a gente, né.

Então, a primeira ocupação dos sujeitos está no campo, ao falar de trabalho, após a EFA, surgem outros horizontes de trabalhos e ocupações:

Quadro 09: Inserção dos Jovens no trabalho



Elaboração: Autoria própria

O campo de atuação dos egressos ampliou após a passagem pela EFA, com o passar do tempo, desde a formatura até às entrevistas, sendo: 03 jovens egressos

trabalharam em ONGs de assistência técnica e extensão rural (ATER) e mobilização, atualmente estão fazendo faculdade na rede pública; 02 jovens egressos estão como educadores em suas comunidades, sendo 01 em uma escola indígena e 01 na escola de uma área de reforma agrária; as atividades/ocupações desenvolvidas; conciliação entre estudos e trabalho); 01 jovem egresso ingressou em um trabalho no ramo do comércio; 01 jovem egresso relata que mesmo na ATER, desenvolve junto a família trabalhos agrícolas; e, 01 jovem egresso está diretamente na militância de um movimento social. O autor Begnami (2010, p. 94) corrobora com a pesquisa ao descrever em seu trabalho que “profissionalização técnica de nível médio pode conferir oportunidades de trabalho e inserção profissional na própria cidade de origem ou território, proporcionando o jovem do campo opções entre ficar e sair de seu território de origem”.

Em meio às realidades vivenciadas e à ocupação/profissão que cada um exerce, atualmente, durante a entrevista foi exposto como estão profissionalmente, em que aparecem também que os egressos Dom Helder Câmara, Raimunda Boa Hora e Patativa do Assaré, que estão envolvidos em trabalhos agrícolas. O egresso Dom Helder está trabalhando juntamente com um professor de seu curso em um Sistema Agroflorestal (SAF), o egresso Patativa do Assaré junto a sua família e o egresso 08 está trabalhando em uma empresa de ATER, e com horticultura junto a família. A egressa Margarida Alves vem desenvolvendo o comércio de cosméticos de forma autônoma, a fim de gerar uma complementação de renda. Os 02 egressos que estão no setor da educação trabalham no regime de contrato, e 1 egresso que está no ramo do comércio trabalha de carteira assinada. A carga horária de trabalho de cada um vai variar de acordo com a atividade que desenvolvem atualmente.

Ao serem perguntados se estão satisfeitos nas atividades/trabalhos em que estão desenvolvendo, 07 dos jovens egressos relatam que sim, sejam eles na agricultura, educação, militância e comércio. Já para a egressa Mirtes Solto, que trabalha no comércio de cosméticos de forma autônoma:

Pretendo voltar a atuar na minha área de formação. porque o que eu faço hoje é mais por uma questão de sobrevivência. porque a universidade não me permite só estudar, infelizmente. Eu tenho que trabalhar, eu tenho que me virar, então é a única coisa que eu consigo fazer estudando, se a gente pensar nessa questão da produção para mim não é possível, porque eu passo a maior parte do tempo em Cratéus, da minha casa para Cratéus são 40 km, então é inviável ir e vim todos os dias. (Mirtes Solto, 24 anos, Assentamento Palestina/Oiticiquinha, Independência-CE)

Ela transmite em seu argumento as dificuldades de ser uma camponesa em busca de qualificação profissional fora do seio familiar. A falta de apoio e incentivos do estado são decisivos para a permanência ou não na universidade, os estudantes com suas criatividade provam suas resistências e criam formas de gerar trabalho e renda de forma momentânea para permanecer. Desta forma, surge o trabalho autônomo como uma estratégia de sobrevivência, para garantir permanecer na universidade. Portanto, o sonho de cursar o ensino superior só é possível na condição de estudante do campo e trabalhador nas franjas do rural e do urbano.

Outra questão que gera elementos significativos faz referência a profissão atual dos egressos. Ao serem indagados sobre quais os fatores que favorecem ou que limitam suas vidas socio profissionais, foi relatado a profissionalização do ser agricultor, a ajuda a outras famílias, a autonomia no espaço de trabalho. Para aqueles que estão na educação, é favorável o deslocamento, pois as escolas são perto de casa e a possibilidade de estudar e aprimorar os saberes. Já os limites da vida socio profissional são levados em consideração, a dedicação exclusiva para as atividades agrícolas destacadas pelos egressos Dom Helder e Raimunda Boa Hora, bem como a distância de casa, destacado pela egressa Mirtes Solto e a egressa Margarida Alves. Para o egresso Milton Santos, o limite está ligado ao trabalho na empresa que ultrapassa suas competências. Já o egresso Patativa do Assaré não destacou limites e desafios.

No campo profissional, o autor Castro (2018) destaca cinco espaços de atuação dos egressos após estudarem em EFA's, sendo:

(I) Permanecia nas comunidades rurais, tornando-os empreendedores e/ou aplicando o Projeto Profissional do Jovem - PPJ no campo, assim, garantido uma maior aproximação com suas famílias e comunidades; (II) Continuidade dos estudos em nível de graduação e pós-graduação, assegurando a ampliação dos conhecimentos através do acesso à educação formal; (III) Educadores/as e monitores/as das Escolas Famílias Agrícolas e Associações Mantenedoras, bem como Lideranças comunitárias através das Associações das Comunidades, efetivando um dos objetivos das EFA's que é contribuir com o associativismo na região, sendo esse o terceiro campo de atuação; (IV) Assesores/as Técnicos em processos Sociotécnicos e organizativo de promoção do Desenvolvimento Local e Sustentável, onde uma grande parcela desses jovens egressos estão atuando na execução das políticas públicas, dentre elas, na Assessoria Técnica e Extensão Rural - ATER, Implementação de Tecnologias Sociais, realização do Cadastro Ambiental Rural - CAR, Elaborando Projetos de Fomentos a Produção Agropecuária, dentre outros, em órgãos públicos governamentais, não-governamentais e privados, sendo essa a quarta linha de atuação principal dos egressos das Escolas Famílias Agrícolas; (V) Exercício/Ocupação profissional não ligados à exploração agropecuária com permanência no campo, nesta se destacam as iniciativas de empreendedores/as rurais, a diversificação de atividades

geradoras de ocupação (através da pluriatividade), que nada mais é do que a diversificação das atividades rentáveis na propriedade e comunidade. É através dela que os membros das famílias de agricultores/as, que residem no meio rural, optam pelo exercício de diferentes atividades, ou ainda, optam pelo exercício de atividades não agrícolas, mantendo a moradia no campo e uma ligação, inclusive produtiva, com a agricultura e a vida no espaço rural. Aqui também se destaca uma ligação com as cidades na oferta de serviços. (COSTA, 2018, p. 166-167)

O recorte corrobora, de forma clara, na construção dos perfis e atuações dos jovens egressos da EFA Dom Fragoso, os quais podem permanecer na comunidade ou ocupar outros postos de trabalho na zona rural ou na zona urbana. A pluriatividade dos egressos da EFA pode demonstrar que a formação é diversa e prepara os jovens não só para o trabalho no campo, mas para diversos espaços, pois “a educação do campo em alternância pelas EFA’s pode oportunizar aos jovens o direito de poder optar livremente por sair ou ficar no campo” (NOSELLA, 2012, p. 271).

Para a autora, os egressos das EFA’s se destacam pela competência e pela formação integral que eles receberam durante o processo formativo, isso os diferencia dos profissionais de outras instituições de ensino. Além disso, os egressos têm “um olhar crítico de mundo, aberto, amplo, holístico, sistêmico, ajudando as famílias, suas comunidades e organizações populares nos aspectos sociais, ambientais, culturais, econômicos, técnicos e políticos (COSTA, 2018, p. 170).

Para os jovens, a passagem pela EFA possibilitou o aprendizado de novas técnicas de produção, não só para eles, mas para todas as famílias que foram beneficiadas, como destaca a jovem egressa Margarida Alves, ao falar de sua vivência:

Na época que eu estudava na EFA, que minha mãe trabalhava fora, a gente sempre frisou só que ela não tinha esse despertar do beneficiamento da produção, no caso, do leite. Então ela passou a vê isso com um negócio, como uma forma de renda e hoje ela sobrevive da venda de doces, da venda de queijos, da venda da nata. Então ela se sobressai muito bem com uma produção que é muito pequena, comparada com a produção de outros produtores que têm mais terras e que consegue produzir em larga escala. Mas ela consegue se sobressair muito bem com a pequena produção, a gente agora tá um pouco parado, mas a gente estava com a questão da horticultura também e estava dando muito certo. O pai sempre trabalhou com a vendas de animais, ele sempre teve animais e sempre teve a questão de plantio para forragem, ele já mudou muito a realidade a partir da EFA, que foi a questão de ter uma forragem guardada para os períodos de estiagem, que antes a gente não tinha essa reserva de alimentos e hoje ele já consegue fazer. (Margarida Alves, 24 anos, Assentamento Palestina/Oiticuinha, Independência-CE)

A partir do exemplo exposto pelo egresso, é notório que os saberes estão sendo aplicados e, conseqüentemente, tem melhorado a vida dos sujeitos no campo

e em suas trajetórias profissionais. Esses resultados são reflexo, possivelmente, do compromisso do educando, da escola e comunidade que se propuseram a participar do processo formativo de forma integral.

A EFA Dom Fragoso aproxima a prática da vida da comunidade através dos saberes acadêmicos, como exposto por Gadotti (2002, p. 7), que os educandos “tratando de descobrir a teoria presente na prática popular, teoria ainda não conhecida pelo povo, problematizando-a também, incorporando-lhe um raciocínio mais rigoroso, científico e unitário”. Esta integração entre escola e comunidade garante que as comunidades resistam ao sistema produtivo do agronegócio e aprimore os saberes guardado pelas comunidades através da oralidade.

4.5 Participação Política

Ao serem perguntados se os conhecimentos adquiridos na escola alteraram a sua relação com suas comunidades, os jovens entrevistados responderam positivamente, revelando em suas falas elementos importantes como:

Sim, porque a EFA acaba estimulando a gente a tá se aproximando ainda mais da comunidade, das organizações que tem dentro da comunidade e eu me aproximei bastante, virei sócio da associação do assentamento, integrei as pastorais no município, a CPT, a Pastoral da Juventude Rural (PJR), também me tornei sócio da associação da escola e passei um período como tesoureiro da associação. (Dom Helder Câmara, 24 anos, Assentamento Aniseto/Independência-CE)

Sim, através da EFA a gente começa a perceber, a vivenciar que o processo de organização através de associações, através de movimentos sociais. Ela possibilita que a gente tenha acesso à mais informações, tenha acesso também à questão dos nossos direitos, que a gente sabe as vezes que temos mas não sabe como procurar, como acessar. Então esse processo de formação política, ele permite que a gente abra os olhos pra esse mundo, para essas coisas que mesmo a gente sabendo que temos direitos não sabemos se expressar e nem correr atrás. E a gente percebe que com essas formas de organizações é muito mais fácil a gente ter acesso a políticas públicas, por meio de associação a gente também consegue ter acesso a projetos e ampliar nosso direito através da luta, então a EFA desperta a gente aprender a conhecer essa outra realidade. (Margarida Alves, 24 anos, Assentamento Palestina/Oiticquinha, Independência-CE)

A partir da fala dos egressos fica evidente a participação deles em espaços de representação e decisão política como as associações, pastorais e movimentos sociais. Essa educação é decisiva, pois, a partir da vivência na escola, os jovens do campo se veem em processos de tomadas de decisão, podendo ser, inclusive, vestígio da forma de organização democrática em alguns espaços da EFA, na qual

colocam os jovens discentes para escolha e tomada de decisões em grupos. Para Ribeiro (2010), existe uma ligação dos sujeitos com a comunidade que “[...] fortalecem a identidade pessoal e comunitária dos agricultores e estimulam a participação política dos jovens”.

Ao serem perguntados se participavam ou eram estimulados a participarem de organizações comunitárias e/ou sociais, 06 dos jovens egressos relataram que já participavam da igreja, associação, grupos de jovens e do movimento indígena. Cabe destacar que 03 jovens entrevistados relataram que as mães motivavam essa participação. Além disso, também teve o relato de 02 jovens egressos que retrataram a não participação em organizações comunitárias e/ou sociais e ausência de incentivo por parte dos membros de suas famílias para essa participação.

Com o passar dos três anos na escola, os jovens egressos começaram a se envolver em espaços que antes não tinham costume de frequentar. Este processo de participação de forma ativa em todos os espaços da comunidade é reflexo da educação, que possibilitou aos jovens a ocupação do “espaço para democratização das relações e construção coletiva de um projeto político de sociedade” (SOUZA, 2019, p. 83).

Os jovens egressos também destacaram a construção de saberes e competências para lutar pelos seus direitos, como por exemplo, a luta por educação pública e gratuita, despertou a capacidade de se perceber enquanto articulador, a se posicionar, lutar pelo bem-estar e reconhecimento e a se organizar em todos os espaços, tanto na igreja quanto nos movimentos sociais e coletivos.

Outro ponto é a presença ativa dos mesmos, sendo que dos 08 egressos, 07 declaram participações em locais distintos em que direta ou indiretamente as pautas se encontram, como na igreja, associações, centro acadêmico na universidade, MST, PJR, Partido dos Trabalhadores (PT), de coletivos, dentre outros. Apenas 01 jovem egresso não participa de organização social, mas já participou anteriormente. O pesquisador Frigotto (2004, p. 213) corrobora com a pesquisa ao transcrever sobre o “jovem ‘técnico-dirigente’, sujeito autônomo e protagonista de cidadania ativa e não reduzido a um ‘cidadão produtivo’ explorado, obediente, despolitizado, e que faça ‘benfeito’ o que o mercado determina”. Essa concepção contribui para entendermos os jovens egressos da EFA Dom Frágoso.

Ao avaliar a participação política dos jovens do campo, as entrevistas realizadas com os jovens egressos apontaram que há vários elementos significativos, cabendo destaque para os seguintes depoimentos:

[...] com o avanço desenfreado do mundo e o avanço da internet, os jovens não ligam mais hoje pra participar disso, acredito muito que seja a questão do processo de formação nas escolas, que também não acontecem de instigar os jovens a participar de lutas, porque só se consegue conseguir as coisas através da luta, pelo pouco incentivo disso hoje tem caído muito, os jovens não participam mais como antes, hoje você ainda consegue vê juventude mas é uma faixa etária de idade de 21 aos 25 ou 29 anos além disso, essa faixa etária de 19, 18, 15 anos já é muito mais escasso a presença na participação nas lutas e as causas sociais e política. (Margarida Alves, 24 anos, Assentamento Palestina/Oiticuinha, Independência-CE)

Eu acho que poucos jovens ainda têm essa participação e essa atuação política que a gente tanto deseja, que está em nós, está em alguns jovens do coletivo de jovens, mas as nossas comunidades têm muito mais jovem do que, por exemplo, do que poderia ter por exemplo no coletivo como esse. Às vezes é muita atividade comunitária para pouco jovem e aí eu acho inclusive que esses jovens que fazem parte do coletivo são jovens de famílias que já tiveram um pouco mais de acesso à formação mesmo política e a maioria das famílias não tem essa formação, não tem acesso à informação e aí meio que vai se ausentando de muitos processos coletivos comunitário e a juventude vai sendo reflexo também dessas famílias que não se inserem na vida comunidade. Aí também não vão querer se inserir nessa participação mesmo desses espaços e aí é um desafio para nós, é um desafio para nós porque contagiar esses jovens e esses jovens com esse desejo político de participar de mudar, de agir. É muito difícil, é muito difícil porque envolve essa relação com os meios de comunicação, essa relação com comodismo de estar no seu individualismo, são tantas questões que acho que não daria para dizer tudo mas a avaliação que eu tenho, eu fico feliz, pela mudança que já teve nesses últimos anos com quando a gente começou a formar o coletivo mas fico ainda desejando mais que outros jovens pudessem se envolver mais. (Raimunda Boa Hora, 23 anos, Santa Luzia/Independência-CE)

Ambos os pensamentos se encontram ao avaliarmos essa participação ativa dos jovens camponeses, sendo destacado pelos egressos como um ponto importante a ser melhorado. A egressa Margarida Alves levanta o desafio do mundo globalizado, pontuando o acesso à internet como um dos fatores do não envolvimento dos jovens nas discussões políticas, bem como expõe um elemento importante que é o processo de ensino e de aprendizagem que não motiva os sujeitos a se inserirem nos espaços. Já a egressa Raimunda Boa Hora lembra a pouca participação, e ao mesmo tempo, de forma reduzida, apontando exemplo de forma coletiva de organização, mas que não consegue agregar todos os sujeitos do campo.

Ambas as entrevistas revelam desafios relacionados à internet e à comunicação, mas se houve um aumento no acesso às mídias, significa dizer que os sujeitos do campo estão mais informados? Para realizar uma análise mais confiável,

seria preciso ouvir outros jovens sobre o assunto, levando a questionamentos. A comunicação tem um papel muito importante para os sujeitos do campo e da cidade, mas se esses espaços de acesso a informação não estão alinhados aos projetos de vida dos sujeitos, possivelmente, ao invés de ajudá-los a entender esta participação social, o efeito é o distanciamento.

4.6 Perspectivas de Futuro

Ao serem indagados de como percebem que é a vida de um jovem que sai/saiu e vai morar na cidade, alguns egressos destacaram as experiências próprias e pessoais, já que tem egresso que mora fora de sua comunidade e também relataram experiências de jovens de sua própria comunidade. Na fala dos egressos podemos analisar isso:

É um pouco assustador, é uma realidade totalmente diferente. (Mirtes Solto, 27 anos, Sitio Mendes/Pedra Branca-CE)

Acho o seguinte, que a gente inclusive fez uma discussão recentemente, né, em um encontro do coletivo sobre sair ou ficar, na pandemia alguns jovens que já estavam há muito tempo morando fora da comunidade voltaram, né, então esses jovens que passaram um tempo, voltaram. A gente teve a oportunidade de conversar um pouco mais, né, quando eles vieram, sobre essa própria saída e está na cidade, uma coisa que a gente refletia é que assim, a identidade camponesa ela anda conosco aonde quer que a gente vá, independente dos nossos desejos e necessidades. Então os jovens que saíram ou os que saem muitas vezes, principalmente estruturação familiar, né, querer buscar fora o que não tem aqui perto de nós, tipo educação, trabalho mesmo. Porque como eu já falei, esse modo de agricultura convencional daqui da nossa comunidade ele não nos faz, nós enquanto jovem, querer ficar aqui nesse trabalho que exige muito do nosso corpo.

Então muitas vezes essa é uma opção de saída também, de querer pegar o mesmo dinheiro, de querer desse dinheiro, fazer enfim, querer concretizar algumas coisas, alguns desejos dos jovens. Então essa saída, ela sai um pouco desses objetivos e que mesmo saindo essa identidade camponesa, essa relação com as raízes, elas não saem, elas estão dentro de nós. Então a gente refletiu um pouco isso dessa saída, ela ser muito mais necessidade, por condições que são individuais da família, o desejo de c: ⁹¹ um mais que essa relação e identidade ela permanece em cada (Raimunda Boa Hora, 23 anos, Santa Luzia/Independência-CE)

A egressa Raimunda Boa Hora traz na fala uma categoria, a permanência da identidade dos camponeses independentemente de onde estiverem. Ao falar que a “a identidade camponesa anda conosco aonde quer que a gente vá”, ela retrata o sentimento de pertença ao lugar de origem, mesmo que o sujeito vá para outro território. O segundo ponto destacado é o “estranhamento com o trabalho da agricultura convencional”, que provoca mudanças nos hábitos de produção, com o foco na

adesão de novas técnicas de cultivos baseados na agroecologia. O terceiro ponto no que refere ao ficar ou sair do campo é “a saída por necessidade”, gerado por vários pontos, desde a falta de terra para produção, ao desejo de adquirir objetos que permanecendo no campo é mais difícil.

Os egressos também elencaram que os motivos coletivos são fatores decisivos para que os jovens busquem novas possibilidades fora de sua comunidade, Atrelado à isso, foi citada a importância da formação política que a EFA oferece para ampliação das concepções sobre o campo, as possibilidades de futuro e do lugar/situação que estejam.

Muda muita coisa, tem que se adaptar, mas a maioria que eu conheço saíram em busca de um sonho e quando a gente sonha a gente vai longe e faz de tudo pra tentar realizar mesmo saindo de uma rotina totalmente diferente e indo pra outra. (Olga Benário, 24 anos, Assentamento Xique-xique/Mons. Tabosa-CE)

Se a gente não tem um pouco de conhecimento político, de conhecimento de classe é muito complicado, você acaba que se inserindo em um mundo alienado, sem ter outra opção, você não vê e você só é o que você enxerga e você acaba que não tendo nenhuma expectativa de vida, crescimento pessoal, de crescimento profissional chega um tempo que você estagna, você para ali e já pensa que é o suficiente e você não consegue ir além. (Margarida Alves, 24 anos, Assentamento Palestina/Oiticuinha, Independência-CE)

Para as juventudes, os seus sonhos e desejos têm que ser realizados. Grande parte da juventude rural imagina que a realização de seus sonhos está ligada a sair de sua comunidade de origem. A partir do pensamento de Martins (2019, p.185), o “desejo de permanecer no campo, assim como aquele de sair desse espaço, é algo que se constrói gradativamente ao longo do percurso do jovem”. As juventudes que fazem este processo buscam apoio junto às suas famílias para realizar seus sonhos, seja o de ficar ou o de sair.

Ao serem questionados se os sonhos e projetos de futuro tiveram influência a partir do que receberam na EFA e quais habilidades e competências acreditam que foram adquiridas na passagem pela escola, as respostas direcionam a uma formação integral, com satisfação dos discentes, o que ficou marcado nas falas de todos. ⁹² egressos, dentre elas:

[...] eu nunca tive um sonho assim de sair para muito longe, minha perspectiva era continuar trabalhando na roça, junto com meu pai, minha família. Mas, que eu gostaria de conhecer um pouco o mundo, de viajar às vezes, mas sempre tive essa perspectiva de ficar próximo da minha família e depois que eu conheci a EFA, do ensino que tive na EFA se fortaleceu mais esse desejo de tentar me profissionalizar enquanto agricultor, porque realmente é o que a EFA proporciona, porque ela não forma somente profissionais, ela forma pessoas. Realmente trabalham nas perspectivas

delas, que conhecem as realidades delas, que trabalham nessa realidade para tentar melhorar ao máximo possível. (Dom Helder Câmara, 24 anos, Assentamento Aniseto/Independência-CE)

Com certeza, a Escola ela traz um amadurecimento pra gente que às vezes quando a gente vai parar pra pensar a gente não consegue nem explicar porque a EFA ela ensina a gente viver no mundo, tem essa visão de futuros diferentes e além disso a gente aprende outras coisas[...]. (Milton Santos, 26 anos, Santa Luzia/Independência-CE)

Entendendo que a escola deve ser um espaço em que nossos desejos sejam compreendidos e potencializados, o amadurecimento pessoal é uma das consequências de uma boa educação e de uma formação integradora, educação que busca compreender o ser em todos os seus anseios. Por tanto, a escola deve ter essa missão de sistematizar não só o saber escrito, mas os sonhos e utopias dos sujeitos, contribuindo direta e indiretamente nas melhorias das percepções dos jovens para gerar pessoas humanizadas.

A busca por uma educação que motive os jovens a se preparar para situações diversas, bem como mostrar as várias possibilidades que contemplem tanto a saída em busca de conhecimento específico distante das comunidades de origem quanto retornar com mais conhecimento agregado para difusão e desenvolvimento nos territórios. Foi ao assumir o papel de ser protagonista da própria história que a EFA proporcionou muito em sua vida, como salienta a egressa Raimunda Boa Hora:

Os meus sonhos e projetos de futuro eles tiveram sim relação com a escola, porque um dos meus sonhos e desejos é poder ir pra fora da comunidade, em busca daquilo que eu desejo, mas também poder voltar sempre e esse desejo ele se deu, sobretudo, esse sonho que acho que vai estar comigo sempre ele se deu principalmente por causa da escola, né, de saber que é possível você ir e você poder voltar, é possível você ir em busca de conhecimento levando aquilo que você já vive mas também podendo voltar trazendo de fora toda uma bagagem de conhecimento e contribuir com a vida comunitária. Esse é um dos desejos que eu mantenho no meu mapa de sonhos e se deu por conta dessa relação da escola com a gente, eu acho que esse despertar ele é fundamental assim nessa fase da juventude e contribuiu porque hoje em dia eu tô indo em busca muito desses conhecimentos relacionadas à agricultura, à formas de se de conviver no semiárido, à relações sociais que contribuam com a vida da minha comunidade, da minha família. Então o desejo é sempre esse, né, de ir em busca de conhecimento, de ferramentas, de tecnologias que possam contribuir com a n^a 93 permanência nesse lugar de forma digna e que essa alternância de ir e v^o aqui sempre foi uma característica da condição e modo de vida camponesa das famílias que vivem aqui, da gente ir e voltar nessa relação.

Possivelmente, os sonhos e projetos foram influenciados de forma positiva no que tange “à sua atuação profissional, produtiva e social” (SOUZA, 2019, p.149). A educação da EFA Dom Fragoso tem provocado inquietações que construíram mudanças positivas na vida dos egressos.

Quando perguntados se ainda continuavam estudando ou se pretendiam voltar a estudar, constam as seguintes respostas:

Quadro 10: cursos superiores x situação acadêmica

EGRESSOS	CURSO	SITUAÇÃO ACADÊMICA
Dom Helder Câmara	Tecnologia em Agroecologia	Cursando
Mirtes Solto	Tecnologia em Alimentos	Atualmente trancada
Milton Nascimento	Gestão Comercial	Atualmente trancada
Betinho	Licenciatura em Matemática	Cursando
Margarida Alves	Zootecnia	Cursando
Olga Benário	Pedagogia	Cursando
Raimunda Boa Hora	Bacharelado em Agroecologia	Cursando
Patativa do Assaré	Não ingressou no Ensino Superior	Não ingressou no Ensino Superior

Elaboração: Autoria própria

Ao observar as respostas dos egressos é notório o desejo em continuar os estudos ou sempre buscar por novas possibilidades quando o assunto é educação, pensando sempre nos sujeitos e nas comunidades em que estão inseridos, fazendo com que as pessoas ao redor também possam se beneficiar com suas formações. Existe uma diversidade de profissionais em formação de egressos da EFA Dom Fragoso, como exposto no quadro acima, mostrando que os jovens “buscam cursar o ensino superior e retornar aos seus municípios de origem para atuar profissionalmente” (SOUZA, 2019, p.125).

Sobre suas perspectivas futuras no âmbito pessoal, da educação e do trabalho, as respostas tiveram a presença de sonhos e desejos, as falas foram bem claras em relação ao que cada um almeja para suas vidas:

Hoje eu quero concluir a minha graduação, tentar voltar e aplicar esse conhecimento na prática junto com a minha família e comunidade, porque é sempre um discurso que eu tenho né lá no curso de Agroecologia, eu estou aqui não apenas para me profissionalizar enquanto tecnólogo ou agroecólogo, mas sim como agricultor, porque essa é minha essência, quero voltar para minhas raízes. (Dom Helder Câmara, 24 anos, Assentamento Aniseto/Independência-CE)

Permanência no movimento, não me vejo fora dele nos próximos 94
Talvez uma faculdade de administração ou algo neste sentido. (Mirtes Solto, 27 anos, Sítio Mendes/Pedra Branca-CE)

No profissional pretendo continuar na empresa, mas me preparando para o futuro, trabalhar para mim mesmo. (Milton Santos, 26 anos, Santa Luzia/Independência-CE)

Quando a gente se inicia um ano letivo em uma escola é necessário um planejamento muito grande e aí a última vez que a gente fez alguma coisa lá na casa foi dia 16 e aí de lá pra cá tive intercâmbio da juventude na Paraíba e aí não mexi mais na casa mas aí a casa, sem sombra de dúvidas, a conclusão da casa, sempre a gente, é esperar mais um pouco na questão do trabalho, amanhã vai está fazendo oito dias que a gente iniciou o ano letivo e aí a conciliação do tempo é muito importante. (Betinho, 23 anos, Aldeia Olho D'água dos Canutos/Mons. Tabosa-CE)

No pessoal eu pretendo evoluir mais como pessoa e no profissional tenho várias metas a serem realizadas, me formar naquilo que eu almejo desde o tempo que saí da EFA está na minha meta principal e eu tô buscando a cada dia chegar ao meu objetivo. (Olga Benário, 24 anos, Assentamento Xique-xique/Mons. Tabosa-CE)

A gente tá nessa formação nesse bacharelado para se formar enquanto educadores em agroecologia e eu acho que essa formação ela já tem contribuído muito para minha atuação enquanto educadora, enquanto mobilizadora social de grupos, de coletivos de mulheres, de jovens e a minha perspectiva é nesse sentido, né, que que a gente possa alcançar essa formação acadêmica, esse acesso a essas formações para que a gente possa contribuir com outros mundos mais sustentáveis, mais inclusivos, que a juventude posso ter mais participação, que as mulheres possam ter mais contribuição também social e aí a minha perspectiva ela tem sido nesse sentido de atuar como educadora vendo a agroecologia como central nessa atuação e principalmente com as mulheres, com a juventude, com os agricultores e as agricultoras. (Raimunda Boa Hora, 23 anos, Santa Luzia/Independência-CE)

A partir das falas diretas dos egressos podemos avaliar seus desejos em cada situação. Destacando a fala do Egresso Dom Helder Câmara, onde o mesmo demonstra um desejo em ajudar seu lugar de origem, se profissionalizar para que possa contribuir com suas raízes. Já a fala da egressa Raimunda Boa Hora demonstra a importância que a educação teve em sua vida e de como a mesma age transformando aqueles e aquelas que estão no entorno, apontando também a importância das mulheres terem vez e voz.

Questionados acerca da participação política e em movimentos sociais, os egressos expressaram de forma direta que participam e que querem continuar participando, como diz o egresso Dom Helder Câmara:

É tentar me apresentar para realizar o que for necessário fazer, porque querendo ou não os movimentos sociais ensinam a gente a se abraçar com a causa de Jesus Cristo, a gente tentar se aproximar da comunidade, dos espaços onde a gente está e tentar contribuir da melhor forma possível. Quando for necessário está encabeçando um cargo mais confiança a gente tem essa condição, tem essa capacidade, mas sempre com humildade, com respeito, com autocrítica, porque é bastante importante a gente se auto conhecer e reconhecer as nossas limitações, mas também trabalhar elas para tentar superar elas.

A participação em movimentos sociais faz com que tenham uma visão diferente e também sejam mais ativos dentro da própria comunidade, ajudando em organizações de eventos, feiras e etc. Cooperar com os movimentos sociais presentes

dentro da comunidade é uma forma de buscar alternativas para que a comunidade seja/tenha autonomia, avaliar possibilidade de que os jovens e mulheres tenham um olhar mais crítico em relação à política e entender que movimentos sociais estão diretamente ligados com o meio político, é o que tenta explicar a egressa Raimunda Boa Hora:

No município nos últimos anos com esse contexto político que a gente vinha e vem vivendo, eu tenho buscado me inserir um pouco mais nessa atuação política mesmo de enfim partidária e política no sentido de buscar outras alternativas enquanto governança porque a gente vive no município em que o coronelismo ele ainda é muito forte e a gente tem esse desejo enquanto mulher, enquanto agricultora, enquanto jovem também, de a gente vê esses papéis, né, como muito importante para a gente alcançar alguns objetivos, para a gente alcançar alguma autonomia e aí a participação partidária e política ela é fundamental para que essa transformações possam acontecer. E aí nesses últimos anos eu, juntamente com outras pessoas do coletivo de jovens, a gente tem buscado se aproximar um pouco mais para ir tentando mudar essas realidades, nesse sentido outras atuações elas vão se tornando possíveis.

Espero que nesse ano isso possa melhorar, que algo ainda está surgindo, que tá brotando e atuação mesmo enquanto mobilizadora dos movimentos aí conta a mineração é com certeza algo que nós vamos estar envolvidas e estou envolvida, né, é algo que tá começando também acho que vai se fortalecer ao longo desses anos porque a chegada das mineradoras aqui no nosso território ela tá se tornando cada vez mais crescente isso não é algo que tá começando agora e nem algo que vai parar agora com certeza, aí onde eu quero estar também no município de Crateús então é nesse sentido assim né que a situação ela vai se encaminhando.

Essa participação política na comunidade, na sua postura em relação à Igreja, associação de moradores e em movimentos sociais cria um sentimento de construção coletiva dos sujeitos que saem do mundo do individualismo e passam a construir lutas para o bem comum da comunidade a partir do enraizamento. A escola, a partir das ferramentas adotadas no processo formativo, garante que os sujeitos se percebam como de direitos e os motivam a superar as adversidades.

O presente capítulo tenta sistematizar a pesquisa realizada e revela importantes dados sobre os jovens egressos da EFA Dom Frágoso, como se dá o envolvimento desde a família ao mercado de trabalho, passando pelo processo formativo. A partir da pesquisa, foram construídas importantes reflexões que vão ao encontro de outras discussões levantadas por diferentes autores que pesquisam a educação do campo e os egressos de EFA's.

5. CONCLUSÃO: construção coletiva de saberes para continuar caminhando sem parar.

A educação ofertada pelas Escolas Famílias Agrícolas através da Pedagogia da Alternância tem se apresentado como uma alternativa contra hegemônica para os jovens do campo que tem o sentimento de pertença e não desejam se desvincular da realidade concreta das comunidades rurais, mesmo nos casos em que existe o êxodo rural por algum motivo.

Seguindo os passos norteados pelo objetivo geral e específicos buscou-se construir reflexões sobre a realidade concreta dos jovens egressos da Escola Família Agrícola Dom Fragoso das turmas de 2015 a 2019 do ensino médio técnico integrado ao curso de Agropecuária. Primeiro, gostaria de destacar que os objetivos deram conta de ser respondidos pela metodologia utilizada, tendo como base a triangulação de dados, levando em consideração as fontes de dados somada à leitura especializada que referencia as questões levantadas, a pesquisa qualitativa através da entrevista semiestruturado e a observação direta, tendo em vista que sou parte do processo histórico de construção da educação ofertada pela instituição.

No que se refere ao perfil dos jovens egressos é perceptível que existe, a partir da educação ofertada pela EFA Dom Fragoso, o fortalecimento da identidade e das relações dos sujeitos para com a terra onde estão inseridos, o que se expressa nos depoimentos dos jovens entrevistados Raimunda Boa Hora e Dom Helder Câmara. No caso dos jovens que fizeram o êxodo rural, se observa uma ampla participação social, sendo interrompida em várias situações pela necessidade do emprego formal, como expõe Milton Santos. Existem aqueles egressos que após a EFA optaram por continuar estudando, a exemplo da jovem Margarida Alves, o que evidencia a necessidade de apoio do Estado não só durante o ingresso das juventudes do campo nos cursos do ensino superior, mas que é crucial que existam as políticas efetivas de permanência, tendo em vista que os jovens do campo passam por grandes dificuldades desde o ingresso à conclusão. Acredito que para as jovens mulheres, estes desafios estejam duplicados.

As entrevistas revelaram a inserção e a preparação para o mercado de trabalho, que vai além do desejo de um emprego formal com a carteira assinada, mas demonstra que, se o jovem sair do campo, existe algo maior que não o deixa se

corromper, ajudando-o a compreender os espaços que estão inseridos, tendo uma visão holística da realidade.

No que se refere ao processo escolarização dos pais dos egressos e se comparado ao acesso dos filhos, observamos que um número pequeno de sujeitos consegue concluir o ensino médio, sendo mais preocupante o número dos que acessaram o ensino superior. Na maioria dos casos, as/os jovens entrevistados são os primeiros de suas famílias a terem acesso ao ensino médio técnico integrado ao curso de agropecuária, ou seja, apenas no século XXI que os sujeitos do campo conseguem avançar no acesso à educação.

Durante a descrição de como foi a infância e a juventude dos sujeitos entrevistados trazem elementos importantes como a relação com a terra e como seus pais os inseriram nos processos produtivos das famílias, bem como a importância da participação que ora se apresenta mais fortemente devido o incentivo dos demais membros familiares e ora pela própria vontade dos mesmos, mas que gerou experiência política crítica e reflexiva, os egressos da EFA Dom Fragoso cultivam desde muito cedo as raízes camponesas que se fortalecem na escola.

A educação formal contribui nesta formação da identidade, mas na rede pública de ensino no fundamental I e II em que os 08 egressos estudaram, não se teve uma contextualização dos conhecimentos acadêmicos com a realidade. Por este motivo, muitos dos jovens ao concluírem o ensino fundamental não tem um desejo de seguir estudando nas EFA's, buscando opções de ensino médio que não dialoga com a realidade, sendo diferente para aqueles que escolhem a pedagogia da EFA's.

A renda das famílias na maioria dos jovens próximo é aproximadamente um salário mínimo (01 SM), sendo que, se fizermos uma interface com o grau de estudo e a profissão dos pais, constatamos de que se trata de pequenos agricultores, tendo uma renda mais elevada aqueles que tem membros na família ocupando cargos públicos ou que já são aposentados como trabalhadores rurais. Por este motivo, existe uma grande necessidade de políticas públicas de incentivos aos agricultores que garantam a geração de trabalho e renda no campo, sendo identificado esses fatores pelos mesmos durante as entrevistas.

A EFA Dom Fragoso, por ser a primeira escola do estado do Ceará na modalidade da pedagogia da alternância, tem uma grande rede de contatos que

permite capilaridade na divulgação de sua existência nas comunidades, sendo notório ao perguntar os egressos de como souberam da existência da escola.

Na EFA Dom Fragoso os egressos são provocados a produzir junto com suas famílias no dia a dia, despertando habilidades na produção da agricultura e da pecuária, o mesmo em outras atividades, como é o caso da jovem Olga Benário, que exerce atualmente a profissão de professora. Além disso, observamos que há um interesse em continuar produzindo alimentos, a criação de animais, tendo assim, uma visão holística da sociedade, percebendo que mesmo no caso de Olga, com a profissão de docente, ela pode continuar sendo agricultora. Outro exemplo é o do egresso Dom Helder Câmara, que está na universidade e atualmente desenvolve a agricultura em um sistema agroflorestal, e enfatiza na aplicação do questionário semiestruturado que deseja voltar para a atividade após concluir o curso superior.

Outro ponto relevante é a inserção profissional em vários campos de trabalho em seus territórios, nos quais as famílias continuam desenvolvendo atividades agrícolas, produzindo alimentos. Os jovens egressos entrevistados estão envolvidos na educação das crianças e dos jovens, na mobilização de projetos e na Assistência técnica, com destaque para aqueles que continuam nas propriedades de suas famílias mudando as formas de produção convencional para uma agricultura mais sustentável, que respeita o meio ambiente e é mais eficaz.

Constatamos ainda, que existe uma participação política dos sujeitos, alguns de forma tímida e outras mais ativos em associações comunitárias, em movimentos e pastorais da Igreja Católica, a exemplo da Pastoral da Juventude Rural, nos sindicatos, Partido dos Trabalhadores (PT), movimentos pelo acesso à cultura e outros. Essa participação direta são espaços de tomadas de decisões coletivas que refletem diretamente no acesso a políticas públicas e direitos que se não existirem, os povos do campo não têm acesso.

Ao nosso ver, todos os pontos levantados e discutidos no corpo do texto respondem o objetivo geral e específicos do presente trabalho, respondendo a situação do problema levantado desde o início da pesquisa, transpassando em temas relevantes no tocante à sucessão rural. A partir dos dados, a EFA Dom Fragoso tem mais uma base de dados que pode subsidiar e construir aprimoramentos no processo educativo nas turmas futuras, como nas discussões sobre empoderamento feminino e gênero levantado pela egressa Raimunda Boa Hora. Infelizmente, devido a alguns

fatores não consegui abordar todos os dados encontrados, mas, acredito que os dados que levantei auxiliam a retratar os sujeitos que participaram do trabalho. A pesquisa realizada busca ajudar a direcionar pesquisas futuras que podem ser desenvolvidas junto a educandos e a egressos da escola.

6. REFERÊNCIAS

- ANDES. Crise política explicita a função do Estado no capitalismo. In: **Informativo nº 71**, Jun/2017. Brasília, 2017.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4.ed. – Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2004.
- BAPTISTA, M. C. BAPTISTA, N. de Q. (Org.) **Educação rural: sustentabilidade do campo**. Feira de Santana, BA: MOC; UEFS; (Pernambuco): SERTA, 2ª Edição, 2005.
- BARASUOL, Aline. Juventude Rural e Emoções: Fatores subjetivos de valorização do campo. 2016. **Tese de Doutorado**. Universidade Federal de Viçosa. 196 p.
- BARDUNI FILHO, Jairo; COELHO, France Maria Gontijo. ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA: A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES NO COTIDIANO DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA. **REVISTA ELETRÔNICA PESQUISEDUCA**, v. 5, n. 9, p. 199-216, 2013.
- BEGNAMI, J. B..**Mestrado Internacional em Ciências da Educação - FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. dezembro de 2003. pag 28-32
- BEGNAMI, Marinalva Jardim Franca. **Inserção socioprofissional de jovens do campo: desafios e possibilidades de egressos da Escola Família Agrícola Bontempo**. 2010.
- BEGNAMI, João Batista; HILLESHEIM, Luis Pedro; DE BURGHGRAVE, Thierry. Os centros familiares de formação em alternância-CEFFAS. **VIII Colóquio de Pesquisa sobre Instituições Escolares-Pedagogias Alternativas**, v. 8, p. 9-11, 2011.
- BOFF, Leonardo. **A recepção do Concílio Vaticano II no Brasil e na América Latina**. Copyright Leonardo Boff. 2012. Disponível em: <<https://leonardoboff.org/2012/11/21/a-recepcao-do-concilio-vaticano-ii-no-brasil-e-na-america-latina/>> . Acesso em: 16 Mar. 2023.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994. 336 p.
- BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos)
- BORTOLINI, Alexandre. **Diversidade sexual e de gênero na escola**. Revista Espaço Acadêmico, v. 11, n. 123, p. 27-37, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 26, p.83-92, jun. 2006.

BRASIL. **Lei n. 12.852, de 12 agosto de 2013.** Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/ Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm . Acesso em 17 de julho de 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.274, 6 de fevereiro de 2006.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 fev. 2006a. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm> . Acesso em: 28 fev. 2023.

CALDART, Roseli Salete. Educação Profissional na perspectiva da Educação Camponesa. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Org.). **Caminhos para transformação da Escola: reflexões desde práticas da licenciatura em Educação do Campo.** São Paulo: Expressão Popular, 2011.

CALDART, R. S. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, M.; CALDART, R.; MOLINA, M. C. (Orgs.). **Por uma Educação do Campo.** Petrópolis: Vozes, 5ª ed. 2011. 214 p.

CARNEIRO, M.J. O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F.C.T.; SANTOS, R.; COSTA, L.F.C. (Org.). **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares.** Rio de Janeiro: Campus, 1998.

CASTRO, E. G.; MARTINS, M.; ALMEIDA, S. L. F.; RODRIGUES, M. E. B.; CARVALHO, J. G. **Os jovens estão indo embora? juventude rural e a construção de um ator político.** Rio de Janeiro: Mauad X ; Seropédica, RJ : EDUR, 2009.

CAVALCANTE, M. R. B. A VIDA DE GRUPO COMO ESPAÇO EDUCATIVO. **Especialização em Pedagogia da Alternância e Educação do Campo.** Belo Horizonte, UFMG, 131 p. Minas Gerais, Brasil. 2012.

CONTAG. **10º CONGRESSO NACIONAL DE TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS - DOCUMENTO BASE.** Centro de Convenções Ulysses Guimarães- Brasília/DF. 2009.

CONTAG. **Plano de ação para o trabalho com a Juventude Rural. Cartilha elaborada pela Secretaria de Jovens da CONTAG.** Cidade Gráfica. Brasília/DF, Março de 2022.

COSTA, J. P. R. Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC: uma contribuição ao desenvolvimento da região do Vale do Rio Pardo a partir da Pedagogia da Alternância. 2012. **Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional)** - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2012.

COSTA, Tiago Pereira da. Educação profissional contextualizada e pedagogia da alternância: contribuição da REFAISA na formação de jovens do campo. 2018. 218 p.

2018. **Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural)**- Universidade Federal do Vale do São Francisco, Juazeiro-BA.

CUT BRASIL - Central Única dos Trabalhadores. **Acampamento comemora 25 anos da Pastoral da Juventude Rural no Rio Grande do Sul**. Publicado: 28 Janeiro, 2008. Disponível em: < <https://www.cut.org.br/noticias/acampamento-comemora-25-anos-da-pastoral-da-juventude-rural-no-rio-grande-do-sul-f042>> . Acesso em: 10 fev. 2023.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, v. 194, p. 136-162, 1996.

DE AGUILAR, Andréa Carolina Lopes. **Educação no e do campo: muito mais que luta, uma nova proposta educacional**. UFSCar. São Carlos, 2009. 44 p.

DINIZ, Aldiva Sales. Trilhando caminhos: a resistência dos camponeses no Ceará em busca de sua libertação. 2009. **Tese (Doutorado)** – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001821218> . Acesso em: 10 fev. 2023.

FILHO, E. S. R.; PEREIRA, M. F. V.; SANTOS, J. L.; CLEPS, G. D. G.; ANDRADE, V. C. **Estado, políticas públicas e território**. 1 ed. Outras expressões. São Paulo. 2015.

FEPOINCE. **Povos Indígenas do Ceará**. Disponível em < <https://www.fepoince.org/povos-ind%C3%ADgenas-no-cear%C3%A1>>. Acessado em 17 Mar 2023.

FRAGA, Regina Coele Queiroz. **Pedagogia da alternância na prática educativa da Escola Família Agrícola Dom Fragoso no Ceará**. 2019.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo, Cortez, 1995.

GAMA, Zacarias. **A precarização do ensino superior está na agenda desse golpe**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em <http://justificando.cartacapital.com.br/2016/05/25/a-precarizacao-do-ensino-superior-esta-na-agenda-desse-golpe/> Acessado em 09/12/2022.

GADOTTI, Moacir. **Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum**. Revista Diálogos. Brasília: Universa, 2002. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/13.pdf> Acesso em: 13 nov. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. Volume 2, Os intelectuais. **O princípio educativo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

IANNI, O. **A era do globalismo**. (2ª edição). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

LEBOURG, Elodia Honse; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. Eu Não Queria Estar Aqui: juventude, ensino médio e deslocamento. **Educação & Realidade**, v. 43, n. 2, p. 609-627, 2018.

LIMA, Maria Patrícia Moura de. **Escola do campo, currículo e práticas agroecológicas: um estudo sobre a escola família agrícola (EFA) Dom Fragoso**. 2017.

MACHADO, P. M. (2009). **Por que uma Escola Família Agrícola na região de Crateús? Revisão e Atualizado por Eliane Amorim em outubro de 2014**. Grifo da História da Escola Família Agrícola Dom Fragoso. Disponibilizado pela EFA Dom Fragoso, p. 1-4.

MANFIO, João Antônio. "Conscientização e Pedagogia da Alternância". In: **Anais do I Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância: Alternância e Desenvolvimento**. Salvador (3 a 5.11.99). Brasília: UNEFAB, Dupligráfia, 1999, pp.49-63.

MARTINS, José Marcone. **Escola e Família: da semente plantada no chão da escola aos frutos colhidos no quintal de casa. A contribuição da EFA Dom Fragoso à luz da Pedagogia da Alternância**. 2019.

MARTINS, Leonardo Rauta. **Permanecer no campo como projeto de vida de jovens rurais: experiências de formandos e egressos de Escolas Família Agrícola no Estado do Espírito Santo**. 2019.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMFf/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em: 17 mar. 2023.

MST. A organicidade e o planejamento. **Cartilha para estudo n. 04**. Curitiba: MST, 2004a.

MST Ceará. **No Ceará, MST realiza 10ª Semana Pedagógica das escolas de ensino médio do campo**. 30 de janeiro de 2020. Disponível em: < <https://mst.org.br/2020/01/30/no-ceara-mst-realiza-10a-semana-pedagogica-das-escolas-de-ensino-medio-do-campo/>> . Acesso em 17 de Fev de 2023.

NOSELLA, P. **Educação no campo: origens da pedagogia da alternância no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2012. 288p.

NUNES, Rosane da Silva. **Pedagogia da alternância, mídia e consumo na formação de novos camponeses**. 2019.

PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues; MARCOCCIA, Patrícia Correia de Paula. Subalternização no trabalho e na educação de jovens da agricultura familiar no Primeiro e Segundo Planalto do município da Lapa/Paraná: possibilidades de superação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, 2019.

PERPETUA, Guilherme Marini; HECK, Fernando Mendonça; JUNIOR, Antonio Thomaz. A questão agrária e o trabalho rural nos governos Temer e Bolsonaro: ascensão da extrema-direita e retrocessos sociais no Brasil do Pós-Golpe. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n. 29, p. 219-248, 2020.

PIRES, Giovani De Lorenzi. **Manifesto contra o neoliberalismo totalitário, a destruição da educação, do meio ambiente, da ciência, da cultura e do ministério do esporte no governo bolsonaro. E pelo chi, chi, chi, lê, lê, lê!!!**. 2019. Motrivivência, (Florianópolis), v. 31, n. 60, p. 01-18, setembro/dezembro, 2019. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 2175-8042. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2019e69869>

POZZEBON, Adair. **A inserção socioprofissional dos jovens egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul no Vale do Rio Pardo, RS: uma contribuição para o desenvolvimento rural**. 2015.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês, trabalho e educação – liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana**. São Paulo, Expressão Popular, 2010.

SABARÁ, Romeu. **O Golpe Congressual e a grita das três idades**. Belo Horizonte: Usina do Livro, 2016.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, Adolfo 1980 (1967) **Filosofía de la praxis** (México: Fondo de Cultura Económica).

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli; OLIVEIRA, Rosemary Batista de. Juventudes, educação e trabalho: estudos e políticas públicas em Londrina (PR). In: **Juventudes, desigualdades e diversidades : estudos e pesquisas [livro eletrônico]** / Leila Sollberger Jeolás, Maria Ângela Silveira Paulilo, Maria Regina Clivati Capelo (orgs.). – Londrina: Eduel, 2013. TROIAN, Alessandra; BREITENBACH, Raquel. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. *Interações* (Campo Grande), v. 19, p. 789-802, 2018.

SILVA, Pedro. Educação do campo e convivência com o Semiárido são saídas para desigualdade. **Coluna – Brasil de Fato Ceará**. 30 de Outubro de 2020. Disponível em: < <https://www.brasildefatoce.com.br/2020/10/30/artigo-educacao-do-campo-e-convivencia-com-o-semiarido-sao-saidas-para-desigualdade>>. Acesso em 17 de julho de 2022.

SILVA, Tomas Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. Ed, 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SILVA, Vanda. **Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência.** Cadernos Cedes, v. 22, n. 57, p. 97-115, 2002.

SOUSA, Antonia Sandra Honoria de. **Assentamento Antônio Conselheiro/CE: um olhar sobre suas relações sócio-espaciais.** 2018.

TROILO, Gabriel; ARAÚJO, Maria Nalva Rodrigues. **O papel da juventude camponesa na construção de economias de resistência no semiárido nordestino.** Ano, v. 20, p. 144-156, 2016.

TROIAN, Alessandra; BREITENBACH, Raquel. **Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil.** Interações (Campo Grande), v. 19, p. 789-802, 2018.

TURATO, Egberto Ribeiro. A questão da complementaridade e das diferenças entre métodos quantitativos e qualitativos de pesquisa: uma discussão epistemológica necessária. In: GREBITS, S. P.; NORTEG, S. **Método qualitativo: epistemologia, complementaridades e campos de aplicação.** São Paulo: Vetor, 2004. p. 24-28.

UNEFAB - DOSSIÊ III. **Formação Inicial de Monitores.** União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil (UNEFAB) & Associação Regional das Casas Familiares Rurais (ARCAFAR). Rede CEFFA, Brasília, 2004.

VAZ, Gessiana Künzle Tristão; SOUZA, MA de. Escola do campo, trabalho pedagógico e relação com a comunidade. In: **Congresso Nacional de Educação.** 2009. p. 1-13.

YIN, R. K., **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 3 ed. Porto Alegre: BROOKMAN, 2005. 200 p.

ANEXOS

- CÓPIA DO FORMULÁRIO ONLINE

22/07/2022 19:25

Coleta de Dados - Egressos 2015 a 2019 da Escola Família Agrícola Dom Fragoso

Coleta de Dados - Egressos 2015 a 2019 da Escola Família Agrícola Dom Fragoso

Olá Pessoal,

Sou Gilvan Santana da turma de Egressos de 2015 da EFADF.

Estou fazendo um Mestrado em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e meu objetivo de pesquisa são os Egressos da EFA Dom Fragoso das turmas de 2015 a 2019. Neste primeiro momento estou construindo um mapa com os seguintes dados:

*Obrigatório

1. E-mail *

2. Nome *

3. Idade: *

4. Contato: *

5. Ano que concluiu na EFA Dom Fragoso: *

Marcar apenas uma oval.

2015

2016

2017

2018

2019

22/07/2022 19:25

Coleta de Dados - Egressos 2015 a 2019 da Escola Família Agrícola Dom Fragozo

6. Comunidade/município de origem: *

7. Continua na comunidade? Se a resposta for não, onde você reside atualmente? *

8. Você trabalha? Se sim, em que? *

9. Fez ou faz faculdade? Se sim, qual? Já concluiu? *

10. Participa de alguma organização social? *

22/07/2022 19:25

Coleta de Dados - Egressos 2015 a 2019 da Escola Família Agrícola Dom Fragoso

11. Quais as atividades desenvolvidas em seu PVFC? *

12. A família continua com o PVFC? *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

- Roteiro semiestruturado aplicado na pesquisa

ROTEIRO

DADOS PESSOAIS

1. Me fale um pouco sobre você (seu nome? Idade? de onde você é ? como se sente enquanto jovem do campo? como sente enquanto mulher/negro(a), indígena etc?)

TRAJETÓRIA DE FAMILIAR

2. Gostaria que você falasse sobre a sua família:

a) você mora com quem?

b) qual é a escolaridade dos seus pais?

c) como foi sua Infância e início da juventude, quantos irmãos;

d) onde viviam e como foi o acesso à educação.

e) qual a ocupação e trabalho que exercem atualmente?

f) qual é a renda familiar mensal?

g) sua família tem acesso à terra? Se sim, como isso ocorreu?

h) quais as possibilidades e limites do trabalho na agricultura familiar?

TRAJETÓRIA NA EFA

4. Como você conheceu a EFA Dom Fragoso? Porque decidiu estudar a EFA Dom Fragoso?

5. Qual a importância da formação por alternância para o jovem do campo?

6. Me fale sobre a elaboração do seu Projeto de Vida da Família Camponesa (PVFC) na

EFA? O PVFC se concretizou? Como se deu a sua implementação na comunidade?

7. Qual sua avaliação do processo formativo da EFA?

8. Da experiência da EFA o que ficou para sua vida?

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

9. Me fale sobre a sua trajetória de trabalho (idade que começou a trabalhar; as atividades/ocupações desenvolvidas; conciliação entre estudos e trabalho)

10. Qual a ocupação/profissão o que você exerce atualmente?

a) Tem carteira assinada?

b) Quanto tempo no atual trabalho?

c) Qual a jornada de trabalho semanal, qual é o rendimento?

d) Se sente satisfeito com trabalho atual, por quê? Desejaria ter outro trabalho, qual? Por

quê?

11. Na sua atual profissão, quais os fatores que favorecem ou limitam a sua vida socio profissional? Quais as estratégias desenvolvidas para enfrentá-las?

• Se continuar na agricultura: A passagem pela EFA lhe possibilitou o aprendizado de novas técnicas de produção? Se sim, como elas foram aproveitadas no trabalho desenvolvido por sua família, ou na sua trajetória profissional? Exemplifique.

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

12. O que você aprendeu na escola alterou a relação que você tinha com a sua comunidade, na sua postura em relação à Igreja, associação de moradores/agricultores?

13. Antes de seu ingresso na EFA, a sua família participava ou o estimulava a participação em organizações comunitárias e/ou sociais? Quem de sua família participava

de eventos na igreja, no sindicato, manifestações etc. e tal?

14. A passagem pela EFA lhe possibilitou saberes e competências para lutar pelos seus

direitos? Se sim, poderia ilustrar com alguns exemplos?

15. Você participa de organizações comunitárias, políticas e/ou sociais? (Qual? Nos relate a sua experiência).

16. Como é sua avaliação sobre a participação política dos jovens do campo?

FUTURO

17. Como você percebe que é a vida de um jovem que sai/saiu da comunidade e vai morar na cidade?

18. Seus sonhos e projetos de futuro tiveram influência da educação que você recebeu na

EFA? Que habilidades e competências você acredita que foram adquiridas na passagem

pela escola?

19. Você continua estudando? Se sim, qual curso? Se não, pretende voltar?

20. Quais suas perspectivas futuras no âmbito pessoal, da educação e do trabalho?

21. Como você vê sua participação política e em movimentos sociais a médio e longo prazo? Faça uma projeção na comunidade/município.